DEBORA REGINA BARBOSA

IMPÉRIO DO AMOR ROMÂNTICO

Diferenças culturais e sexuais em casais de noivos no Brasil e na Itália

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
como parte dos requisitos para obtenção
do grau de Doutor em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia
Experimental

Orientador: Prof. Dr. Renato da Silva
Queiroz

SÃO PAULO

2008

IMPÉRIO DO AMOR ROMÂNTICO

Diferenças culturais e sexuais em casais de noivos no Brasil e na Itália

DEBORA REGINA BARBOSA

BANCA EXAMINADORA

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

(Nome e Assinatura)

Tese defendida e aprovada em: ____/____/____

“O mistério da vida [*...e do Amor, a meu ver...*] me causa a mais forte emoção. É o sentimento que suscita a beleza e a verdade, cria a arte e a ciência. Se alguém não conhece esta sensação ou não pode mais experimentar espanto ou surpresa, já é um morto-vivo e seus olhos se cegaram”

Albert Einstein, 1953.

AGRADECIMENTOS

- Um agradecimento muito especial aos meus pais, Bento e Áurea, pelo amor, carinho e atenção que sempre recebi na minha vida, pela compreensão, paciência inesgotável e suporte para todos os meus sonhos e decisões!
- Um agradecimento também especial ao meu orientador Renato Queiroz, que me acolheu como sua orientanda e me deu apoio incondicional ao longo da Tese, durante todos os momentos, transmitindo sempre confiança, compreensão, paciência, presteza, alegria e descontração. Adorei trabalhar com você Renato!
- Ao meu co-orientador na Itália, Massimo Canevacci, da Università La Sapienza di Roma, por me acolher durante meu Doutorado sanduíche, sempre prestativo e divertido. E à Professora Liria Grimaldi, pelas dicas e sugestões.
- À Capes e a Pró-Reitoria de Pós-Graduação pela oportunidade de realizar este meu sonho de um longo projeto intercultural, no Brasil e na Itália.
- Ao IME-Usp, por todo o apoio estatístico.
- A todos os respondentes que participaram deste trabalho, no Brasil e na Itália, sem vocês nada disso teria acontecido!
- Ringrazio a delle meravigliose persone che ho avuto l’opportunità di conoscere in Italia...sono state tante... all’Ufficio Matrimonio: Marilu (in speciale), Dollores e Genny, che mi hanno accolto così bene e appoggiato il mio progetto con tanto entusiasmo, allegria e affetto!! Alle amiche con cui ho abitato in diverse case: Miriam, Raffaella, Angela, Lina, Nicolletta e Norma. A Andrea, che è stato sempre presente in un modo incondizionale, per l’appoggio, sicurezza, disponibilità, trasparenza, pazienza e affetto che mi ha sempre trasmesso. À Liria, che mi há accolto in Sicilia anche con tanto affetto. E a uma amiga brasileira, também doutoranda na Sapienza, que conheci na Itália, Alexandra, com quem dividi muitas coisas boas!
- Aos cartórios do Brasil, no Butantã e Moema, e da Itália, de Montesacro e Africano, que permitiram gentilmente a minha entrada para a coleta de dados.
- Aos todos os colegas, professores e funcionários da Experimental e da Usp que sempre me apoiaram, pela atenção e auxílios constantes prestados.
- A todos os meus amigos especiais que sempre me apoiaram e mostraram admiração pelo meu trabalho durante todo esse tempo, pelo carinho, amor, amizade.
- Enfim, agradeço sempre por ser uma pessoa tão privilegiada nesta vida!!

SUMÁRIO

Lista de Figuras	vi
Lista de Tabelas	vii
Resumo	ix
Abstract	x
Resume	xi
Riassunto	xii
1 Introdução	1
1.1 O amor e o casamento ao longo da história	4
1.2 O amor romântico, o casamento e a visão sócio-cultural	7
1.3 O amor romântico, o casamento e a evolucionista	13
1.4 O amor romântico e a neurociência	20
1.5 Teoria do apego	22
1.6 Teoria triangular do Amor e estilos de amar	28
1.7 Pesquisa e objetivos	33
1.8 Caracterização das metrópoles: São Paulo e Roma	35
2 Metodologia	39
2.1 Sujeitos	39
2.2 Material	40
2.3 Procedimento	44
3 Resultados e Discussão	46
3.1 Características dos sujeitos	47
3.2 Estilos de Apego	61
3.3 Crença romântica	70
3.4 Estilos de Amor	73
3.5 Satisfação no relacionamento	85
4 Conclusões	95
Referências Bibliográficas	105
Anexos	113

Lista de Figuras

1	Gráfico do perfil das médias para o estilo de apego <i>Seguro</i> , com IC	64
2	Gráfico do perfil das médias para o estilo de apego <i>Rejeitador</i> , com IC	65
3	Gráfico do perfil das médias para o estilo de apego <i>Medroso</i> , com IC	66
4	Gráfico do Perfil das médias para o estilo de apego <i>Preocupado</i> , com IC	67
5	Distribuição dos escores de crença no amor romântico, para homens e mulheres, no Brasil	70
6	Distribuição dos escores de crença no amor romântico, para homens e mulheres, na Itália	71
7	Gráfico do perfil das médias para a crença romântica, para homens e mulheres, no Brasil e na Itália, com IC	73
8	Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Eros, com IC	80
9	Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Estorge, com IC	81
10	Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Mania, com IC	82
11	Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Pragma, com IC	83
12	Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Agape, com IC	84
13	Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Ludus, com IC	85
14	Histograma da distribuição dos valores da satisfação total no Brasil	88
15	Histograma da distribuição dos valores da satisfação total por sexo, no Brasil	89
16	Histograma da distribuição dos valores da satisfação total na Itália	89
17	Histograma da distribuição dos valores da satisfação total por sexo, na Itália	89
18	Perfis de médias para o fator satisfação <i>geral</i> no relacionamento, com IC	91
19	Perfis de médias para a o fator de satisfação <i>Amor</i> no relacionamento, com IC	92
20	Perfis de médias para a o fator de satisfação <i>Comprometimento</i> no relacionamento, com IC	93
21	Perfis de médias para a o fator de satisfação <i>Confiança</i> no parceiro, com IC	93
22	Perfis de médias para a o fator de satisfação <i>Intimidade</i> com o parceiro, IC	94
23	Perfis de médias para a o fator de satisfação <i>Paixão</i> pelo parceiro, com IC	94
24	Gráfico do perfil das médias de <i>Satisfação Total</i> no relacionamento, para mulheres e homens, no Brasil e na Itália, com IC	95

Lista de Tabelas

1	Medidas resumo da variável <i>Idade</i> , pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália	48
2	Distribuição dos sujeitos em relação ao <i>Estado Civil</i> , pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália	48
3	Distribuição dos sujeitos em relação à <i>Raça</i> , pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália	49
4	Distribuição dos sujeitos quanto a <i>Religião</i> , pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália	49
5	Distribuição dos sujeitos quanto a <i>Escolaridade</i> , pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália	50
6	Distribuição conjunta dos <i>casais</i> quanto a <i>Escolaridade</i> no Brasil	51
7	Distribuição conjunta dos <i>casais</i> quanto a <i>Escolaridade</i> na Itália	51
8	Medidas resumo da <i>Renda Mensal</i> dos sujeitos, pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália	52
9	Distribuição dos casais em relação a <i>Como se conheceram</i> , no Brasil e na Itália	53
10	Medidas das respostas dos casais em relação à questão <i>Há quanto tempo estão juntos</i> , no Brasil e na Itália	54
11	Distribuição das respostas dos casais quanto à questão <i>Já morar juntos ou não</i> , no Brasil e na Itália	55
12	Distribuição das respostas dos casais quanto ao <i>Tempo que moram juntos</i> , no Brasil e na Itália	55
13	Distribuição das respostas dos sujeitos em relação a <i>Quem tomou a iniciativa para o primeiro encontro do casal</i> , no Brasil e na Itália	55
14	Distribuição das respostas dos casais quanto ao <i>tempo antes da 1ª relação sexual</i> , no Brasil e na Itália	57
15	Distribuição das respostas dos casais quanto ao <i>Número de encontros que tiveram antes da 1ª relação sexual</i> , no Brasil e na Itália	58
16	Distribuição das respostas dos sujeitos em relação à <i>Divisão de despesas do casal</i> , no Brasil e na Itália	59
17	Medidas resumo dos valores totais atribuídos a cada afirmativa na escala de estilos de apego, no Brasil e na Itália	61
18	Medidas resumo dos valores atribuídos a cada afirmativa na escala de estilos de apego para os homens, no Brasil e na Itália	62
19	Medidas resumo dos valores atribuídos a cada afirmativa na escala de estilos de apego para as mulheres, no Brasil e na Itália	62
20	Medidas resumo preditas pelo modelo para as médias dos escores dos estilos de apego	63
21	Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais dos estilos de apego.	64
22	Média dos escores totais de crença romântica para homens e mulheres, no Brasil e na Itália	71
23	Medidas resumo preditas pelo modelo para as médias dos escores da crença no amor romântico	72
24	Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais do modelo para as médias dos escores da crença no amor romântico	72
25	Distribuição geral dos escores de estilos de amor no Brasil	75
26	Distribuição geral dos escores de estilos de amor na Itália	75
27	Distribuição dos escores de estilos de amor para os homens, no Brasil	76
28	Distribuição dos escores de estilos de amor para as mulheres, no Brasil	76
29	Distribuição dos escores de estilos de amor para os homens, na Itália	77
30	Distribuição dos escores de estilos de amor para as mulheres, na Itália	77
31	Estatísticas de ajuste do modelo AIC e BIC para testes de estilo de amor	78

32	Medidas resumo preditas pelo modelo Gaussiano para as médias dos escores dos estilos de amor	79
33	Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais dos estilos de amor: estilos sem efeito de interação	80
34	Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais dos estilos de amor: estilos com efeito de interação	80
35	Medidas resumo dos valores totais da satisfação no relacionamento, para mulheres e homens, no Brasil e na Itália	85
36	Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento no Brasil	86
37	Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento na Itália	87
38	Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nas mulheres, no Brasil	87
39	Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nos homens, no Brasil	87
40	Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nas mulheres, na Itália	88
41	Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nos homens, na Itália	88
42	Medidas resumo preditas pelo modelo para as médias dos escores de cada fator de satisfação no relacionamento	90
43	Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais para a satisfação no relacionamento: variáveis sem efeito de interação	91
44	Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais para a satisfação no relacionamento: variáveis com efeito de interação	91

BARBOSA, Debora Regina. *Império do Amor Romântico. Diferenças culturais e sexuais em casais de noivos no Brasil e na Itália*. São Paulo, 2008. - 122p. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

RESUMO

Esta pesquisa comparou homens e mulheres de São Paulo e Roma em relação a estilos de apego, estilos de amor, crenças românticas e satisfação, verificando diferenças e similaridades em função do sexo e da cultura. Os participantes foram 117(n=234) e 164(n=328) casais de noivos, no Brasil e na Itália, com média de idade 28,7(SD=6,0) e 33,4(SD=5,9), respectivamente, sendo a maioria da amostra solteira, branca e de classe média. Em relação a padrões comportamentais masculinos e femininos no relacionamento, quase não foram encontradas diferenças entre Brasil e Itália. Nos dois países os homens tomaram a iniciativa para o primeiro encontro em aproximadamente 70% dos casos, os casais tiveram por volta de seis encontros antes do primeiro contato sexual, e em 50% dos casos o homem paga pela maior parte ou por todas as despesas do casal. Em relação ao estilo de apego foi encontrada uma diferença de sexo significativa para o estilo *Rejeitador*, onde homens apresentaram maiores escores do que mulheres, nas duas culturas. Uma diferença cultural significativa foi encontrada para os estilos *Medroso* e *Preocupado*, sendo que casais brasileiros apresentaram escores mais altos do que casais italianos. Quanto aos estilos de amor, os resultados mostraram o forte predomínio de *Eros*, com escores bastante altos em toda a amostra. Foram encontradas diferenças sexuais significantes para *Estorge* e *Pragma*, com mulheres apresentando maiores escores do que homens, e para *Agape*, em que homens obtiveram maiores escores do que mulheres. Diferenças culturais significantes também foram encontradas para *Estorge*, com casais brasileiros apresentando maiores escores do que casais italianos, e para *Agape*, com casais italianos apresentaram escores mais altos. Além disso, ocorreu um efeito de interação entre sexo e país para o estilo *Ludus*, que apresentou efeito de sexo somente no Brasil (homens brasileiros com escores significativamente maiores do que mulheres brasileiras), e efeito de cultura somente para os homens (homens brasileiros com escores significativamente mais altos do que homens italianos). Quanto à satisfação, todos os casais apresentaram escores totais bastante elevados e sem diferenças sexuais ou culturais significativas. Os resultados são discutidos em termos das teorias evolucionistas e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Amor Romântico; Diferenças culturais; Diferenças Sexuais; Apego Romântico; Estilos de Amor; Crença Romântica; Satisfação de Casal.

BARBOSA, Debora Regina. *Romantic Love Empire. Cross-cultural and sexual differences in engaged couples in Brazil and Italy*. São Paulo, 2008. - 122p. Doctoral Thesis. Institute of Psychology, University of São Paulo.

ABSTRACT

This research compares men and women from São Paulo and Rome related to adult romantic attachment, love-styles, romantic beliefs and satisfaction, with the goal to verify sexual and cultural differences and similarities. Participants were 117(n=234) and 164(n=328) engaged couples, and mean age was 28,7(SD=6,0) and 33,4(SD=5,9), in Brazil and Italy, respectively, and sample was predominant single, Caucasian, and middle social class. Regarding sex patterns in romantic relationships behavior no significant differences were found between Italy and Brazil. In both countries, men took initiative to the first date in around 70% of the cases; couples took approximately 6 dates before having sexual contact; and men paid for major part or for all couple expenses in 50% of the sample. Related to attachment styles was found significant sexual difference that men were more dismissing than women, in both cultures. A significant cultural difference was found for Fearful and Preoccupied styles, where Brazilians couples showed higher scores than Italians. Regarding love-styles results, a strong predomination of Eros was presented with very high scores in all sample. Significant sex differences were found for Storge and Pragma, where women showed higher scores than men, and for Agape, where men showed higher scores than women. Significant cultural differences were found for Storge, where Brazilians couples presented higher scores than Italians, and for Agape, where Italians couples scored higher than Brazilians. Indeed, for Ludus, an interaction effect between sex and country was found, with a sex difference only in Brazil (Brazilian men showed scores significant higher than Brazilian women), and occurred a cultural difference just for men (Brazilian men scored significantly higher than Italian men). Related to satisfaction, all couples presented very high total scores and with no significant differences for sex or culture. These findings are discussed in terms of evolutionist and social theories.

KEY WORDS: Romantic Love; Cross-Cultural Differences; Sex Differences; Romantic Attachment; Love-Styles; Romantic Beliefs; Couple Satisfaction.

BARBOSA, Debora Regina. *Empire de l'Amour Romantique. Différences culturelles et sexuelles en couples de fiancés au Brésil et Italie*. São Paulo, 2008. - 122p. Thèse de Doctorat. Institute de Psicologia, Université de São Paulo.

RÉSUMÉ

Cette recherche a comparé les styles d'attachement, styles d'amour, croyances romantiques et satisfaction d'hommes et de femmes de São Paulo et Rome, en vérifiant différences et similitudes en fonction du sexe et de la culture. Ont participé 117 (n=234) et 164 (n=328) couples de fiancés, au Brésil et Italie, dont la moyenne d'âge était 28,7 (SD=6,0) et 33,4 (SD=5,9), respectivement. La majorité de l'échantillon était célibataire, blanc et de classe moyenne. Pour ce qui est des patterns de comportement masculins et féminins dans les relations, presque aucune différence n'a été observée entre Brésil et Italie. Dans les deux pays, les hommes ont pris l'initiative pour la première rencontre dans approximativement 70% des cas, les couples ont eu en moyenne six rencontres avant leur première relation sexuelle, et dans 50% des cas l'homme a payé la plupart ou toutes les dépenses du couple.

Concernant le style d'attachement nous avons trouvé une différence significative entre les deux sexes pour le style *Évitant*, avec des scores plus élevés pour les hommes que pour les femmes, dans les deux cultures. Une différence culturelle significative a été observée pour les styles *Craintif* et *Préoccupé*, les couples brésiliens ayant obtenus des scores plus élevés que les couples italiens.

Quant aux styles d'amour, les résultats ont montré une forte prédominance d'*Eros*, avec des scores beaucoup plus élevés dans tout l'échantillon. Des différences significatives entre les deux sexes ont été trouvées pour *Estorge* et *Pragma*, avec des scores supérieurs pour les femmes, et pour *Agape*, où les hommes ont obtenu des scores supérieurs à ceux des femmes. Des différences culturelles significatives aussi ont été trouvées pour ces deux styles, *Estorge*, où les couples brésiliens ont obtenu des scores plus élevés que les couples italiens, alors que pour *Agape*, les couples italiens ont obtenus des scores plus élevés. En outre, il s'est produit un effet d'interaction entre sexe et pays pour le style *Ludus*. Une différence du sexe est apparue seulement au Brésil (hommes brésiliens avec des scores significativement plus hauts que les femmes brésiliennes), alors que l'influence significative de la culture ne s'est manifestée que pour les hommes seulement (les hommes brésiliens ont obtenus des scores significativement supérieurs à ceux des hommes italiens). Pour ce qui est de la satisfaction, tous les couples ont présenté des scores totaux très élevés et sans différences sexuelles ou culturelles significatives. Ces résultats sont discutés à la lumière des théories évolutionnistes et sociales.

MOTS-CLÉS: Amour Romantique; Différences Culturelles; Différences Sexuelles; Attachement Romantique ; Style Amoureux ; Croyance Romantique ; Satisfaction de couple.

BARBOSA, Debora Regina. *Impero dell' Amore Romantico. Differenze culturale e sessualle in coppie di fidanzati in Brasile e Italia*. São Paulo, 2008. - 122p. Tesi di Dottorato. Istituto di Psicologia, Università di São Paulo.

RIASSUNTO

Questa ricerca ha paragonato uomini e donne di São Paulo e Roma in quello che si riferisce all' attaccamento romantico adulto, stili amorosi, credenza romantica e soddisfazione, cercando di verificare le differenze e le somiglianze in riferimento al sesso e alla cultura. I partecipanti erano 117 (n=234) e 164 (n=328) coppie di fidanzati, con età media di 28.7 (SD=6,0) e 33.4 (SD=5,9), in Brasile e Italia, rispettivamente, essendo il campione prevalentemente costituito da nubili/celibati, caucasiani e di classe media. Per quanto riguarda i pattern comportamentali maschili e femminili nella relazione romantica, quasi non sono state trovate differenze tra Brasile e Italia. In entrambi i paesi, gli uomini hanno preso l'iniziativa per il primo incontro nei 70% dei casi, le coppie hanno avuto circa 6 incontri prima del contatto sessuale, e gli uomini pagano per la maggior parte o per tutte le spese delle coppie in 50% del campione. Relativamente agli stili di attaccamento è stato trovato una differenza significativa legata al sesso in quanto tra gli uomini c'erano più Evitante rispetto alle donne, in entrambi i paesi. Una differenza culturale significativa è stata trovata per gli stili Timoroso e Preoccupato, dove le coppie brasiliane hanno mostrato punteggi più alti che gli italiani.

Relativamente ai risultati dello stile amoroso, Eros ha mostrato una forte predominanza con punteggi molto alti in tutto il campione. Le differenze significative di sesso sono state trovate per Storge e Pragma, dove le donne hanno presentato punteggi più alti che gli uomini, e per Agape, dove gli uomini hanno mostrato punteggi più alti che le donne. Le differenze culturali significative sono state trovate per Storge, dove le coppie brasiliane hanno presentato punteggi più alti che gli italiani, e per Agape, dove le coppie italiane hanno mostrato punteggi più alti rispetto alle coppie brasiliane. Inoltre, lo stile Ludus ha presentato un effetto di interazione tra sesso e paese, con differenza di sesso solo in Brasile (gli uomini brasiliani hanno mostrato punteggi significativamente più alti rispetto alle donne brasiliane), e si è evidenziato anche una differenza culturale appena tra gli uomini (uomini brasiliani con punteggi significativamente più alto rispetto agli uomini italiani). Per quanto riguarda la soddisfazione, tutte le coppie hanno presentato punteggi totali molto elevati e senza differenze significative, sia per la componente sessuale che per quella culturale. Questi risultati sono discussi in termini evolucionistici e sociali.

PAROLE-CHIAVE: Amore Romantico; Differenze culturale; Differenze sessuali; Attaccamento Romantico; Stili Amorosi; Credenza Romantica; Soddisfazione di coppia.

1. Introdução

Assim como diversos autores e estudiosos do amor, devo iniciar confessando minha antiga relação de paixão e de amor pelos temas abordados nesta tese. É impossível estudar, escrever e falar de amor sem um profundo envolvimento. Na minha trajetória profissional e pessoal sempre nutri grande interesse e curiosidade pela fascinante diversidade de pensamentos, atitudes e influências presentes nos relacionamentos românticos de casais, bem como sobre a atuação da cultura na busca, formação e continuidade desses pares. Por outro lado, quem nunca nutriu este mesmo interesse, de uma maneira ou de outra, por alguma dessas questões, em algum momento da vida? Entre os diversos pacientes que buscam ajuda psicoterapêutica, direta ou indiretamente, encontram-se relatos de dificuldades relacionadas, de alguma forma, aos relacionamentos com o sexo oposto, ao amor romântico e à sexualidade.

Especulações sobre a natureza do amor são muito antigas; contudo, estudos científicos sobre o tema iniciaram-se a partir do século XX. Devido à sua importância para a maioria das pessoas, vem despertando grande interesse de cientistas de diversas áreas (Sternberg, 1986).

A atenção atual colocada nas questões relacionadas ao amor, relacionamentos, casamento e sexualidade têm feito com que o fenômeno seja bastante discutido em diversos meios de comunicação, desde os científicos até os mais populares. Além disso, confirma-se nas diversas formas de expressão de cada indivíduo, na maioria das vezes, que a sensação de amar e ser amado parece estar acompanhada de emoções e sensações muitíssimo prazerosas na vida de cada um.

Na visão biológica, a maioria das características sexuais emerge a partir do embrião e a determinação e a diferenciação sexual seriam processos sequenciais caracterizados pelo estabelecimento do sexo genético, os quais dependem da presença dos cromossomos sexuais no momento da concepção, resultando na diferenciação da genitália externa de cada indivíduo. A partir da puberdade, o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários torna-se mais visível, intensificando o dimorfismo sexual. Todo esse processo envolve uma série de fatores, principalmente de genes e hormônios (Latronico, 2005).

Alguns escritores mais populares têm colocado que homens e mulheres seriam de “planetas” diferentes, apresentando comportamentos, sentimentos e modelos cognitivos muito diversos, principalmente no que se refere ao relacionamento romântico (Gray, 1992; Pease & Pease, 2000, 2003).

Segundo Sprecher (2002), embora os autores populares exagerem, algumas vezes as diferenças entre homens e mulheres estão presentes e foram encontradas por diversos pesquisadores, principalmente no que se refere às atitudes, comportamentos e crenças que envolvem o amor romântico e à busca de parceiros (Buss et al, 1990; Buss & Schmitt, 1993; Hendrick & Hendrick, 1995; Schmitt, 2003).

Não somente a literatura escrita, popular ou científica, mas também a mídia escrita, falada e assistida influencia bastante algumas idéias e anedotas que criamos sobre padrões em homens e mulheres e como estes se manifestam em algumas culturas. Os homens italianos são tidos em toda a parte como os mais românticos, sedutores e fogosos, sendo isso uma idéia que se ouve mundialmente. Não se pode negar que tal estereótipo existe de fato. Um outro estereótipo comum que, infelizmente, foi sendo criado e existe no exterior é aquele relacionado à “facilidade” da mulher brasileira, o qual parece ter relação com aquilo que é mostrado aos estrangeiros sobre o Brasil: carnaval, liberdade sexual, mulheres semi-nuas, pobreza e prostituição, fatores que contribuem decisivamente para a concretização desta idéia na mente dos estrangeiros. Além disso, os brasileiros parecem ser vistos como mais “abertos” e permissivos em relação à sexualidade. A partir destes paradigmas reducionistas acabam-se criando, também, anedotas relacionadas a estes aspectos.

Pode-se verificar uma divergência muito grande em relação ao significado do amor romântico na vida de um indivíduo. Para Branden (1988), ele é visto como um ideal positivo que desperta o que há de melhor em cada um; já para Peele (1988), é visto como uma forma de adição que beira a patologia.

Diferenças individuais e culturais, assim como semelhanças, são muito importantes para auxiliar a observação e compreensão do comportamento humano no que se refere aos estilos de amar e aos diversos aspectos envolvidos nos relacionamentos românticos, sendo este um fenômeno sempre presente enquanto observamos, direta ou indiretamente, as grandes preocupações do ser humano, nos momentos de maior alegria e também de maior sofrimento.

Muitas criações artísticas sobre o amor têm sido apreciadas ao longo dos séculos e muito também tem sido escrito sobre o tema até os dias de hoje. Este parece ser um assunto inesgotável e intrigante para as pessoas no mundo inteiro e de todas as épocas. Diferentes áreas da ciência têm contribuído para o estudo dessas questões: filosofia, antropologia, sociologia, psicologia, etologia, medicina, dentre outras. Numerosas teorias e diversos estudos vêm oferecendo suas contribuições para explicar esse fenômeno e sua realidade nos dias atuais e passados, considerando-se as diversas influências que atuam na percepção, atitude e comportamento de homens e mulheres relacionados ao amor romântico e ao comportamento reprodutivo.

O amor pode depender de diferentes idéias estabelecidas na sociedade, as quais também podem sofrer modificações ao longo dos anos. Estudar e teorizar sobre o amor deve envolver uma atenção especial à experiência pessoal, entendendo-se o amor como um produto de forças históricas, biológicas, culturais e conceituais, sem perder, porém, o sentido da intimidade e da “evolução” da conduta do homem em diferentes meios culturais. Não podem ser rejeitados as idealizações e os detalhes cotidianos do amor, pois eles são partes das necessidades do indivíduo; contudo, devem ser analisados e compreendidos no bojo de um contexto social mais amplo, ao mesmo tempo pessoal e abstrato, real e ideal. No momento em que pudermos compreender melhor e mais detalhadamente esses fluxos de cada indivíduo relacionado às experiências amorosas, poderemos refletir de modo mais consciente e consistentemente sobre as intenções e buscas dos indivíduos em diferentes sociedades e quais os aspectos que mais as influenciam.

Pesquisas científicas têm apresentado muitos progressos em diversas áreas; porém, quando se trata do amor, apesar do universo de informações derivadas de experiências pessoais, observações, inventários, relatórios, ainda temos pouca informação quantitativa sobre a frequência, duração e correlação dos estados emocionais que homens e mulheres experienciam quando estão amando nos diferentes estágios sucessivos de suas vidas.

Independentemente da multiplicação e desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao tema, elas jamais irão ofuscar a magia inerente ao processo de amar; todavia, o aumento de conhecimento neste campo é de extrema importância para a compreensão de alguns fenômenos pessoais e culturais, possibilitando às pessoas que

amam uma maior conscientização a respeito de suas escolhas passadas, atuais e futuras, além de um crescimento e enriquecimento no campo emocional.

1.1 O amor e o casamento ao longo da história

A palavra *Amor* é proveniente da mesma palavra em latim, *Amor*, termo antiqüíssimo que quase não encontra alterações e confrontos dentro das línguas indo-européias. Pode ser traduzida como uma inclinação da alma em direção a alguém ou alguma coisa, na qual os componentes principais seriam o afeto, o bem, o carinho, a ternura, o desejo, a paixão, podendo estes emergir com maior ou menor intensidade.

A Grécia antiga utilizava a palavra *Eros* para este mesmo conceito, ou seja, *Eros* significava *Amor* e é o nome do Deus do amor na mitologia grega, correspondente ao latim *Cupido*.

É interessante observar também a etimologia das palavras “matrimônio” e “patrimônio”: ambas derivam do latim, *mater munius*, que significa reino da mãe, e *pater munius*, que significa reino do pai. Na Grécia antiga e na Roma dos Cesares o evento do matrimônio obedecia a regras particulares e era considerado um dever e uma obrigação para os homens entre 25 e 60 anos, e para as mulheres entre 20 e 50 anos, sendo que os contraventores estavam sujeitos a sanções e limitações públicas. Além disso, o matrimônio gozava de uma altíssima consideração legal e social, especialmente relacionada a direitos sucessórios, número da prole (que era de vital importância ao Estado para garantir um número cada vez mais elevado de civis para a defesa dos confins) e acesso a espetáculos públicos da época (Baldaro & Todella, 2006; Melfi, 2003).

Tais palavras têm mais de dois mil anos e definem papéis do homem e da mulher ainda muito presentes hoje, embora tenham passado por várias mutações. Além disso, há diversas décadas as uniões entre casais não se fundam somente sobre um contrato, mas também sobre um sentimento que definimos amor.

Nas luminosas páginas que expressam a concepção do ateniense Platão (427-347 a.C.), o amor (*Eros*) é uma força poderosa e divina que se caracteriza pela capacidade mediadora e de união, a qual lança uma ponte entre os universos sensível e inteligível, entre o corpóreo e o espiritual, entre o particular e o universal, entre o

relativo e o absoluto. Nesta sua idéia, a condição humana se caracteriza por uma espécie de escravidão da alma com relação ao corpo, que fez com que a alma despendesse do céu das idéias para este mundo. O amor poderia ajudá-la a reconquistar a sua posição desde que Eros não se perverta e torne-se apenas uma paixão física (o processo pode ser físico, mas não somente), o que poderia ofuscar demasiadamente as potencialidades positivas e impedir a reunificação da alma com a transcendência. Ou seja, o verdadeiro amor significa a disposição para superar as baixezas da vida material e elevar-se às alturas do mundo ideal em busca daquilo que seria perfeito, eterno e imutável, e onde residiriam a verdade, a beleza e o bem na sua pureza e perfeição (Schiavone, 1965).

Platão acreditava que o amor é aquilo que mais aproxima os homens da essência Divina, levando a alma a refletir sobre as coisas belas. Em *O Banquete*, ele apresenta uma visão metafísica e romântica do amor como uma “fusão”, uma “união” de duas almas que se buscam incansavelmente. Existe aí uma idéia implícita de divisão de uma célula que significa a busca incessante e a necessidade de completar-se com um parceiro romântico.

Schoepflin (1999), em seu trabalho antológico de textos filosóficos de cada época, nos mostra como as diversas teorias sobre o amor vieram construindo ao longo do tempo um mosaico de extraordinária beleza, não escapando a filosofia ao fascínio deste sentimento que é o amor, de todos os tipos: amor romântico, amor fraterno, amor a Deus. Muitos autores consideram a existência do amor como algo Divino e com dimensões transcendentais, ao passo que outros o tomam como parte de uma dimensão exclusivamente humana.

Para o filósofo suíço Rousseau (1712-1778), o ser humano nasce bom e é pervertido na vida social. Neste contexto estabelecido, faz referências a um conceito de amor como “estado da natureza”, o qual seria mais ideal que historicamente real, acreditando que a liberdade de viver os próprios sentimentos, sempre com uma assistência tranqüila e discreta, poderia levar os jovens a matrimônios mais felizes e capazes de unir o amor à inocência, permitindo assim a recuperação do estado de natureza ao homem e a mulher (Schoepflin, 1999).

Já o pensamento de Schopenhauer (1788-1860) é em geral marcado pelo pessimismo no modo de observar a vida do ser humano, a qual estaria sempre marcada por dores, tédio, anseios e lutas, sendo o amor visto de um modo negativo

porque estaria associado à irracionalidade, à falsidade e ao engano. Apresenta a reflexão de que, embora os casais acreditem na vivência de um conto de fadas, pois o amor é poderoso, enganador, podendo levar o ser humano a cometer perversidades e aceitar sofrimentos, tudo nada mais é do que o instinto sexual que os usa com a finalidade de reprodução (Schoepflin, 1999).

Simmel (2001), filósofo alemão, parece tentar reconduzir a idealidade à realidade da experiência vivida, onde as idéias e os sentimentos seriam funcionais à espécie, e o amor seria um vínculo da alma. Ele descreve o amor como algo gerado pela auto-suficiência do nosso mundo interior, um processo dinâmico conduzido por um objeto externo que o conduz a um estado latente atual. O outro, o parceiro, seria uma contingência propícia para ativá-lo. Sob esse prisma, ele reflete sobre a inconsistência da escolha do objeto amoroso, que seria uma faculdade de transcendência da alma, dando vida funcional à espécie, mas também podendo conduzi-la à tragicidade.

Hildebrand (2003), considerado o pai da fenomenologia realista, fala da essência do amor e trata o tema a partir da experiência, buscando elucidar as características do amor como respostas aos valores do amado, como máxima fonte de felicidade, espontâneo e livre, como um ato afetivo e espiritual, como vértice da moralidade onde abrimos os braços da nossa alma para abraçar a alma do amado. Para ele, amor e sexualidade seriam aspectos interdependentes, podendo ser considerados aquilo que mais existe de real, profundo e autêntico que há na realidade, não sendo uma invenção dos poetas, mas sim um tremendo fator da vida humana e da origem da história e da humanidade, fonte da mais profunda felicidade na vida terrena.

Quando se percorre a literatura observa-se o quanto se ocuparam ativamente do amor os romancistas, aos quais devemos análises belíssimas e penetrantes, mas que não caminham além das descrições psicológicas. O amor não é somente um fato psicológico, nem tampouco somente fisiológico, embora este último possa ser considerado o fundamento material sobre o qual se levanta um mundo de outra natureza, e, para compreender esse mundo deve-se observar seus diversos aspectos circundantes. Será sempre difícil dizer uma palavra clara e definitiva sobre este tema, não bastando para solucionar os problemas e as dúvidas relativos ao amor ter dedicado muito tempo a estudá-lo: esta seria uma primeira condição, mas não

suficiente, devido ao profundo complexo de idéias e comportamentos envolvidos nesta realidade. Os rituais que se iniciam desde a busca de um parceiro, o namoro, o matrimônio e suas continuidades seriam os caminhos que representariam esta trajetória humana em nossa realidade (Martinetti, 1998).

1.2 O amor romântico, o casamento e a visão sócio-cultural

Segundo Le Goff (1977), os diversos desejos, ilusões, representações e vivências ligados à história pessoal e coletiva de cada um acabam construindo nosso imaginário e, conseqüentemente, direcionando nossas ações. A identificação e análise destes aspectos podem nos revelar a importância desse imaginário no discurso e no “fazer” cotidiano de homens e mulheres no que diz respeito ao amor, podendo tornar possível a captação do sentido de um grupo social.

Moscovici (1976) mencionava o quanto é difícil conceituar representação social, bem como as inúmeras crenças e cognições que a acompanham. Contudo, apesar da dificuldade, sabemos que ela está circulando no cotidiano de todos, em todos os momentos, através da fala, dos gestos, dos comportamentos, dos sentimentos, e que pode ser considerada uma “substância simbólica” que permeia toda a nossa história. Deste modo, nossas crenças podem acabar fazendo com que o mundo seja aquilo que pensamos que é ou que deve ser. Conforme assinalou Mello (1994), o cotidiano pode ser considerado a dimensão de um sujeito que está sempre em ação, em movimento, podendo ainda situar-se entre o passado e a intenção da ação.

Beall e Sternberg (1995) acreditam que a razão do amor diferir tanto em diferentes culturas estaria ligada à dependência deste a fatores externos definidos por cada cultura, e, sendo assim, em muitas delas o amor é visto como uma emoção capaz de superar qualquer obstáculo, enquanto que em outras é visto como um tipo de emoção que precisa ser controlada.

O casal Beck e Beck (1996) discute as contradições e o peso esmagador do discurso do amor que se encontra presente em nossa sociedade ocidental com toda a sua onipotência, onipresença e sobreestimação, assim como as dificuldades de amar com todo seu potencial conflitual, constatado por praticamente todos em uma

sociedade onde as pessoas ainda parecem se casar por amor e se divorciar por amor. Os autores consideram que o amor de hoje seria uma forma exemplar de estabilidade conferida a uma pessoa, fundamentada no amor romântico cujo núcleo interno pode ser descrito em um mundo no qual, quanto mais faltam outras referências de estabilidade, maior é a necessidade de dar senso e encorajamento a nossa vida, voltando-se para a relação a dois. Deste modo, o amor conjugal romântico se torna absolutamente necessário neste ambiente, no qual cada vez mais fincamos nossas esperanças para uma outra pessoa, homem ou mulher, que deveria nos garantir uma estabilidade neste mundo que gira cada vez mais velozmente.

Otta e Queiroz (1998) analisaram alguns estudos relacionados à busca de parceiros em diferentes sociedades mediadas pelas classes sociais e apontam o fato de que critérios e limites para escolha de parceiros são fortemente influenciados por valores e interesses relacionados a cada classe social.

Woortmann (1995) mostra o quanto a família tem sido estudada de um modo tradicional na antropologia brasileira, podendo ser vista como uma unidade de produção e de consumo que visa assegurar a reprodução social, e ressalta a importância de estudos que observem tal instituição como regulamentadora do comportamento e da preservação de valores culturais.

A antropóloga Margaret Mead (1971) ressalta a tendência que o amor romântico tem de florescer nas sociedades que foram cristianizadas, e que, atualmente, nos encontramos em um momento histórico onde existe a possibilidade de escolha e que apenas iniciamos a longa exploração das propriedades do relacionamento humano. Assinala ainda que o desejo até pode ser “natural”, mas com quem e como desejamos satisfazê-lo é algo cultivado e conceituado no interior de uma determinada cultura e de acordo com suas idéias.

Em seus estudos relacionados à sociedade americana, Mead (1971) apontou um decréscimo na importância dos ideais do amor romântico, os quais poderiam estar sendo substituídos por padrões mais racionais de escolhas, baseados na combinação de diversas características, visto que a visão romantizada da vida matrimonial acaba sendo um importante fator relacionado ao desmoronamento dos casamentos. Segundo a autora, houve vários progressos em teoria antropológica, a qual tem interagido mais com a teoria cultural e as observações e experimentos com humanos e animais, fornecendo assim novas perspectivas de conduta humana que poderiam ser

caracterizadas como “biologicamente culturais”. Podem ser observadas nessas culturas diversas mudanças políticas, sociais e populacionais que, associadas ao desenvolvimento biológico, certamente estariam causando repercussão na relação homem-mulher. Afirmar ainda que cada sociedade deve construir suas próprias normas e tabus, reexaminando-os e reformulando-os quando se tornarem ineficazes; porém, as diferenças entre os dois sexos são uma importante condição relacionada às variedades da cultura humana, não existindo nenhuma cultura que tenha afirmado que não haja diferenças entre o homem e a mulher, sendo esta sempre uma área crucial para o relacionamento humano.

Parece existir um estereótipo cultural ocidental de que os homens seriam emocionalmente mais distantes, menos românticos, menos envolvidos do que as mulheres nos relacionamentos, e estudos tendem a mostrar e confirmar esse retrato masculino, principalmente no âmbito dos relacionamentos românticos (Scharfe & Bartholomew, 1994).

Peck (1992) assinala de forma marcante que existem variações e decisões importantes na escolha do outro; contudo, há também um contexto e conceitos estabelecidos por meio dos quais essas variações e decisões se tornam possíveis, caracterizando-se sempre como um processo, não como um estado. Carvalho (1998) lembra que a presença de um parceiro configura-se como uma necessidade básica do indivíduo e está intimamente relacionada à funcionalidade das relações interpessoais, as quais envolvem todos os processos históricos, pessoais e sociais de cada um.

O sociólogo Pierre Bourdieu (1979) fala do condicionamento do indivíduo ao próprio *habitus*, que seria um produto de uma aprendizagem inconsciente, uma aptidão natural com a qual o sujeito evolui livremente em determinado meio social. A existência dos diversos *habitus* torna-se consciente somente quando um indivíduo é introduzido em um meio estranho, com regras desconhecidas. Ele cita que o casamento, por exemplo, embora não seja arranjado como nos séculos anteriores, continua não sendo uma escolha totalmente livre, pois as diferenças de *habitus* fazem com que o indivíduo eleja parceiros de grupos que compartilhem escolhas estéticas e valores semelhantes, dentre outras coisas. Assinala ainda que tais preferências estéticas seriam condicionadas pela origem social, cujas normas já foram interiorizadas, e pelo lugar que ocupamos em uma hierarquia social.

Conforme Bozon (1998), a sexualidade e o funcionamento da atividade sexual estão intrinsecamente ligados a um sistema de relações sociais que somente se modifica de forma bastante lenta, e que nos possibilita, por meio de fatos, a visualização de aspectos do funcionamento de algumas sociedades. Quando nos tornamos aptos a compreender tais relações, podemos, então, verificar melhor o poder da influência cultural. Além das diferenças sexuais biológicas, ainda é necessário examinar e analisar devidamente a relação entre o sexo biológico e a construção cultural dos papéis do homem e da mulher na sociedade.

Queiroz e Otta (2000) estudaram o corpo como sendo um artefato e reflexo da cultura, e apontam a dificuldade em se estabelecer uma separação clara entre o que se deve à natureza e à cultura no tocante ao corpo, visto que tais domínios estão muito entrelaçados; raramente os aspectos instrumentais se manifestam isoladamente de aspectos expressivos ou simbólicos, assim como comportamentos inatos trazem as marcas do aprendizado.

Canevacci (1981) estuda a cultura ocidental e metropolitana, que envolve comportamentos, linguagem, imagem de si e do corpo, diferenças de gerações, sexualidade. Segundo o autor, todo esse sistema engloba aquilo que chamamos de cultura, constituindo o patrimônio de uma comunidade e possibilitando a sua continuidade histórica.

O autor espanhol Castells (1999) concentra sua atenção e análise na família e no patriarcalismo, e como estes permeiam, organizam e dominam a cultura e os comportamentos nas sociedades ocidentais. Porém, esta família patriarcal, que continua fazendo proliferar a dominação masculina, embora com diferente intensidade em cada país e cultura, parece apresentar indícios de declínio em suas formas tradicionais. O impacto dos movimentos homossexuais masculinos e femininos, bem como os movimentos feministas e a transformação do trabalho da mulher, juntamente com o aumento das taxas de divórcio e dos lares de solteiros e as baixas taxas de fertilidade, impulsionam a cada dia as mudanças nas formas de dominação e o questionamento do casamento tradicional como norma única, inclusive nas grandes metrópoles.

Simon e Gagnon (1999) examinaram mais detalhadamente o desenvolvimento e a experiência da sexualidade em relação aos diferentes scripts sexuais, que representam a produção do comportamento no bojo da vida social. Tais

scripts, descritos por eles, ocorrem em três níveis: nível dos cenários culturais; nível dos scripts interpessoais; nível de scripts intrapsíquicos. Os cenários culturais envolvem a vida coletiva, as normas, instituições e papéis a serem representados. O nível dos scripts interpessoais é criado por cada indivíduo a partir do cenário abstrato cultural, adaptando-o ao seu comportamento e ao contexto pessoal. Já os scripts intrapsíquicos envolvem a fantasia e a reorganização simbólica da realidade diante dos múltiplos desejos.

É interessante observar que alguns estudos atuais identificam uma redução no número de homens disponíveis para mulheres de nível superior acima da faixa dos 30 anos, fator muito importante nas escolhas atuais de homens e mulheres e que deve receber atenção especial. Sendo assim, qualquer pesquisa nessa área deve estar atenta aos aspectos sociais e demográficos da época (Rubin, 1988).

Solomon (1992) apresenta reflexões importantes sobre a história do amor romântico e sua relação com um conjunto especial de atitudes diante do sexo. Certamente o amor envolve desejos e sentimentos muito fortes; porém, aquilo que cada um chama de amor também poderia ser considerado uma interpretação cultural e específica do fenômeno universal de atração sexual e suas complicações.

Através dos séculos, as pessoas utilizaram diversos termos gramaticais para evocar os traços de caráter ou traços sexuais, conforme aponta Scott (1990). No caso da palavra gênero, a qual, recentemente, começou a ser utilizada pelas feministas americanas mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos e ressaltando esse caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo. Ao mesmo tempo, tal utilização pretendia rejeitar o determinismo biológico associado a outros termos como “sexo” e “diferença sexual” e descobrir o alcance dos papéis sexuais e do simbolismo sexual, compreendendo melhor seu funcionamento na manutenção ou mudança da ordem social.

O uso da categoria gênero coloca ênfase em um sistema de relações que pode incluir o sexo; porém, ele não é diretamente determinado pelo sexo e nem determina diretamente a sexualidade, ou seja, a orientação sexual ou a escolha de parceiros.

Ainda refletindo sobre a análise histórica da palavra gênero proposta por Scott (1990), todo o seu uso tem implicado preocupações teóricas e descritivas das relações entre os sexos; porém, muitas respostas ainda dependem do gênero como

categoria de análise. Todas as tentativas de teorização e descrição se encontram limitadas aos quadros mais tradicionais das ciências sociais, e, na maioria das vezes discutindo gênero como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado e associada a papéis sexuais.

Para este trabalho optou-se pela utilização da palavra sexo para a definição binária de homem e mulher, ou seja, sexo masculino ou sexo feminino, visto que a orientação sexual das pessoas que participaram deste estudo é a heterossexual, e os casais respondentes são formados por dois membros, um do sexo feminino e outro do sexo masculino. De qualquer maneira, considero importante destacar a importância da categoria gênero, cada vez mais presente nas diversas pesquisas e relatos das últimas décadas. Muitos autores têm trabalhado com esta categoria, que pode ser vista como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, sendo que o gênero acaba se tornando uma forma primária de conferir significado às relações de poder. O uso desta categoria de análise continua progredindo e avançando nas análises e explicações desta temática, e não pode deixar de ser mencionada quando realizamos qualquer estudo relacionado ao homem e a mulher, suas necessidades e suas escolhas de opção sexual, as quais devem ser expressas, vividas e respeitadas pela sociedade.

A maioria dos discursos relacionados a sexo e gênero lança diversas idéias sobre o que é natural e o que é cultural; contudo, dificilmente algum estudo poderá “provar” empiricamente, em qualquer cultura, sem demonstrar uma orientação bastante tendenciosa, o quanto de biológico e o quanto de cultural estão presentes em cada comportamento humano particular. Sendo assim, seria praticamente impossível estabelecer uma distinção absoluta entre sexo e gênero, e os esforços atuais deveriam ser mantidos visando um afastamento das distinções radicais.

Acredito que seria necessário um esforço das duas correntes para uma maior integração entre biologia e cultura, por meio do qual cientistas sociais se dispusessem a repensar a distinção radical entre sexo e gênero, e biólogos pudessem abandonar idéias antiquadas e radicais sobre determinismo biológico, pois, afinal, parece muito difícil para um ser humano desvincular-se de seu sexo biológico e tampouco do que lhe é imposto culturalmente desde o nascimento.

Para ilustrar um pouco as diferenças entre o campo psicossocial e o evolucionista, cito alguns autores evolucionistas como Tomasello e Kruger (1993) e

Tooby & Cosmides (1987), que discutem aspectos relacionados às diferenças na aprendizagem de cada um, tanto em questões ligadas ao sexo/gênero, quanto em situações e ambiente cultural envolvidos. Uma análise das idéias destes autores mostra que existiriam bases biológicas, mas não somente, para as diferenças de gênero; todavia, tais diferenças não estariam relacionadas à superioridade ou inferioridade, mesmo que isso tenha sido apresentado, muitas vezes, na história das sociedades, onde alguns acabaram se apoderando de tais “explicações” para justificar práticas de exclusão e segregação que colocam homens e mulheres em posição de superioridade ou inferioridade. Além disso, a idéia de que determinadas “tarefas masculinas” ou “tarefas femininas” são consideradas superiores ou inferiores também pode variar em diferentes sociedades e/ou momentos da história. É impossível não observar que o processo de socialização ocorre com base em comportamentos relacionados com os papéis que a sociedade designa para cada sexo, assim como ao próprio sexo biológico. Ainda que existam variações de acordo com cada cultura, classe social, etnia, pode-se sustentar, de uma maneira geral, a existência de uma divisão básica que corresponde à divisão sexual do trabalho, ou seja, as mulheres têm os filhos e cuidam deles, esperando-se ainda do “feminino” um papel mais maternal, doméstico, familiar, enquanto que o papel masculino ainda encontra-se mais ligado à esfera pública, fora do lar.

Os diversos autores citados, tais como: Castells (1999), Gagnon e Simon (1984), e Rubin (1999) analisam e discutem sempre em seus textos aspectos como casamento, reprodução, amor, patriarcalismo, família, scripts sexuais, emancipação social. Todos estes temas apresentam uma importância fundamental quando o objetivo é analisar o amor romântico ocidental e toda a carga social e histórica carregada por ele. Toda essa diversidade exige uma análise mais complexa a partir desta história pessoal e psicossocial, pois sem isso toda e qualquer compreensão de um tema estaria “aleijada”.

1.3 O amor romântico, o casamento e a visão evolucionista

A teoria Darwiniana acredita que a sexualidade humana parece estar condicionada ao imperativo reprodutivo, ou seja, deixar descendentes da melhor

qualidade possível. A seleção natural relaciona-se às pressões seletivas do meio ambiente exercidas sobre os seres vivos, os quais precisam, então, ajustarem-se e adaptarem-se para a sobrevivência.

Neste contexto, a seleção sexual, que pode atuar simultaneamente com a seleção natural, acabaria sendo responsável pela evolução de características que trariam vantagens reprodutivas, em contraste com as vantagens de sobrevivência, o que poderia explicar o porquê de alguns traços, como ornamentos coloridos em pássaros ou plumagens coloridas da cauda de pavões, serem os preferidos pelas fêmeas, apesar destes não indicarem vantagens adaptativas para a sobrevivência porque aguçam ainda mais a atenção de predadores. A seleção natural, por si só, teria excluído tais características caso não fossem de alguma forma importantes. A sinalização da qualidade de um indivíduo como parceiro sexual está vinculada a esses sinais, e os machos que sobrevivem, apesar do ornamento vistoso, demonstram maior valor reprodutivo. Sendo assim, o sexo ou a atividade sexual vem cumprindo, então, essa função adaptativa.

A teoria Darwiniana propõe que só há seleção sexual quando existe uma variabilidade de características entre indivíduos de uma mesma espécie, a qual possibilita a seleção de um indivíduo ou característica em detrimento de outra, pois, se todos fossem similares, não haveria razão para seleção. Essas diferentes características podem ser selecionadas e repassadas a futuras gerações de forma desigual, sendo que alguns indivíduos, por possuírem determinadas delas, sinalizariam maior capacidade de sobrevivência em um determinado contexto específico, podendo assim deixar um maior número de descendentes ao serem mais selecionados por seus pares. Seguindo esta linha de pensamento, quanto maior a capacidade de sinalizar “boa qualidade”, maior a chance de ser selecionado e de ter um grande número de descendentes, aumentando assim a probabilidade de transmitir para as futuras gerações tais características adaptativas.

A abordagem evolucionista tende a compreender os indivíduos como membros de uma espécie que busca formas de sobrevivência e perpetuação, seguindo sua evolução sob a égide do imperativo reprodutivo, o qual não ocorre por acaso. A existência de dois sexos com suas características e funções distintas poderia ser considerada como tática em prol da sobrevivência e da perpetuação da espécie.

A psicologia evolucionista aparece como uma abordagem da psicologia cujos

princípios e resultados derivam da biologia evolucionária, das ciências cognitivas, da antropologia e da neurociência em uma tentativa de integrar e delinear a natureza humana. Mais ainda, ela não seria um sub-campo da psicologia, mas sim um modo de pensar em psicologia, o qual pode ser aplicado a diversos campos de estudo, tais como: sexualidade humana, emoções, ciúmes, agressão, amor parental, amor romântico, dentre outros. (Cosmides & Tooby, 2000).

O referencial evolucionista, que se baseia na teoria Darwiniana, aborda em várias pesquisas as diferenças sexuais, sobretudo na busca e seleção de um parceiro, seja a curto ou a longo prazo, as quais envolvem, de alguma maneira, a reprodução e a sobrevivência, consciente ou inconsciente.

Há evidências de que as mulheres, de um modo geral, sejam mais seletivas na escolha de parceiros, enquanto os homens apresentariam um comportamento sexual mais promíscuo. Este padrão de comportamento pode ser confirmado na cultura ocidental, assim como na maioria de outras espécies do mundo animal, com poucas exceções.

As preferências atuais na seleção de parceiros podem providenciar várias pistas relacionadas à história reprodutiva humana, embora ainda existam muitas lacunas relacionadas a essas nossas preferências por determinados parceiros em potencial. Observa-se a existência de muitos aspectos em comum nas diferentes culturas, embora sejam numerosos os fatores influenciando a escolha de parceiros, que se caracteriza como um processo bastante complexo (Buss, 1989).

Muitas teorias evolucionistas relacionadas ao amor romântico e à sexualidade predizem diferenças sexuais; porém, as perspectivas destas teorias não esperam os mesmos níveis de diferença, podendo tais níveis apresentar maior ou menor magnitude de acordo com determinada cultura (Schmitt, 2003).

Fisher (1995) relata que a estratégia básica de reprodução entre os humanos é a monogamia, o que garante a persistência do amor romântico, e, além disso, parece impossível extingui-lo, pois mesmo quando as sociedades aceitam diversos cônjuges, sempre há um preferido. Contudo, homens e mulheres de diversas sociedades se envolvem muito em aventuras extraconjugais.

A seleção de parceiros sexuais entre homens e mulheres foi similar para muitos domínios, nos quais ambos os sexos defrontaram-se com os mesmos problemas adaptativos ao longo da história evolutiva. No entanto, dadas as diferenças

reprodutivas entre eles no tocante ao mínimo investimento parental em cada filhote, não seria de se surpreender que machos e fêmeas desenvolvessem e evoluíssem estratégias reprodutivas diferentes para lidar com tais problemas específicos, selecionando traços sexuais distintos (Buss & Schmitt, 1993; Buss, 1994). O homem tenderia a estratégias de curta duração, minimizando ao máximo o comprometimento com cada fêmea, tendo desejo e frequência sexual aumentados e sendo capaz de detectar rapidamente sinais de disponibilidade ao sexo e fertilidade feminina. A fêmea buscaria relacionamentos mais duradouros para garantir a proteção e o investimento paterno nela e em sua prole, ou relacionamentos curtos com provedores de imediato retorno. O objetivo final da estratégia sexual é o sucesso reprodutivo. O esforço reprodutivo de ambos os sexos é constituído por mecanismos psicológicos desenvolvidos para solucionar problemas adaptativos. Tanto homens quanto mulheres selecionam pares tendo em vista vários aspectos, dependendo da estratégia de curta ou longa duração, podendo valorizar mais alguns aspectos do que outros (Buss, 1989).

Segundo Fisher (1995), embora os indivíduos utilizem estratégias sexuais diferentes, a coreografia do namoro, do amor e do casamento apresenta esquemas que refletem muitas semelhanças com o comportamento animal, sendo que os aspectos diversos envolvidos no jogo de sedução, seja entre animais, seja entre humanos, são muito ricos e interessantes de serem observados.

Novas teorias de seleção sexual sugerem que a mulher pode escolher de acordo com as demandas do meio ambiente. Se existem muitas ameaças naturais, como doenças, por exemplo, ela escolheria pela aparência e simetria do homem, buscando melhor qualidade genética e resistência física. No caso da demanda ser de recursos, a prioridade de preferência seria por parceiros bons provedores (Gangestad & Simpson, 2000).

Os aspectos valorizados pelo homem e pela mulher nesse processo de seleção do parceiro, mesmo em diferentes culturas, parecem bastante semelhantes e apresentam diferenças de sexo. Para um relacionamento de longa duração, os homens tendem a valorizar mais aspectos ligados à beleza, juventude, atratividade, castidade, enquanto as mulheres parecem valorizar mais aspectos como posição social e econômica, ambição, capacidade de desenvolvimento profissional (Buss, 1989; Buss

et al, 1990; Campos, 1999, 2005).

Devido a essas diferenças, o sexo que investe mais deve ser mais discriminativo e seletivo na busca de parceiros e a seleção sexual é derivada, em partes, pelos diferentes níveis de investimento que machos e fêmeas colocam na sua prole. O investimento parental pode ser definido como qualquer tempo, esforço ou energia gastos para garantir a sobrevivência de um filhote, incluindo também esforços relativos à competição. Nos mamíferos, particularmente nos seres humanos, os machos podem investir muito pouco na prole, ou seja, apenas o esperma necessário para a inoculação e fertilização da fêmea. Já a fêmea faz um investimento bem mais significativo, pois pode ter no máximo vinte e cinco filhotes durante toda a sua vida e precisa manter-se por nove meses de gestação, além de investir em amamentação e desenvolvimento de cada filhote por alguns anos (Trivers, 1972). Contudo, o homem, atualmente, parece ser constringido a investir muito mais na manutenção da prole, pelo menos recursos financeiros, pois depois da criação do exame de DNA e da comprovação da paternidade, a justiça de muitos países o obriga a contribuir, pelo menos desta maneira.

Alguns autores compararam as leis da economia com o mercado sexual, sugerindo que ambos os sexos escolhem seus parceiros de acordo com os seus próprios valores reprodutivos em um determinado nicho. Homens portadores de bons genes e com recursos poderiam selecionar mais tranquilamente suas parceiras, comparados àqueles que oferecem menos atributos. O número de indivíduos de cada sexo também pode afetar o valor reprodutivo, sendo que em um país com poucos homens, mesmo que as mulheres possuam um alto valor reprodutivo, elas teriam de disputar a companhia de alguns poucos machos existentes (Pawlowski, 1999).

Otta, Queiroz, Campos, Silva e Silveira (1999) discutem e apresentam dados brasileiros e americanos relacionados à diferença de idade nos casamentos, que favorecem mulheres mais jovens em idade reprodutiva. Tais dados poderiam ser interessantemente comparados com aqueles buscados nesse estudo para verificar se, com a passagem do tempo, as mulheres se tornariam menos românticas e mais práticas devido às preocupações com o relógio biológico no que se refere à procriação e possibilidade de encontrar um parceiro.

O tema relativo à seleção de parceiros e relacionamento romântico levanta algumas variáveis que interferem na busca por um parceiro (Amélio, 2001; Buss,

1990). O imperativo biológico, de alguma maneira, parece direcionar nossas escolhas e preferências por parceiros sexuais, as quais estariam, de certa forma, influenciadas pela busca de melhores genes para nossos futuros filhos e de provedores para assegurá-los. Homens tendem a buscar mulheres jovens e atraentes, pois detectam na juventude a possibilidade de ainda gerar filhos; e buscariam também a atratividade, a saúde do corpo para enfrentar a gravidez e suas repercussões, além do *status* social que a beleza feminina representa nas diversas sociedades. Já a mulher, tenderia a buscar um parceiro com *displays* de força, poder e capacidade de proteção para ela e sua prole, dado que os filhos humanos são extremamente dependentes de seus genitores, e necessitam de muitos cuidados ao longo do seu desenvolvimento.

Conforme identificado por Buss (1989), a característica gentileza foi considerada muito importante na escolha de parceiros em 37 sociedades, tanto para homens quanto para mulheres. Tal aspecto pode apresentar um sentido adaptativo relacionado à duração e à interdependência nos relacionamentos estáveis. Como já foi citado anteriormente, homens valorizam na mulher o seu potencial reprodutivo e a beleza física, associados à juventude, ao passo que mulheres valorizam mais os recursos oferecidos pelos homens.

Barber (1995) relata estudos que indicam a preferência das mulheres por homens que exibam dominância no comportamento não-verbal, ou seja, poder de decisão, altos, com voz grave, com elevado grau de escolaridade, competitivos e confiantes, e não observam somente atributos como saúde e *status* social. Além disso, foi observado que indivíduos que apresentam contato visual, conduta mais relaxada e postura ereta aumentam as suas chances de serem escolhidos.

Grammer (1990), em estudo realizado na Áustria, aponta que a capacidade do homem de fazer uma mulher rir demonstrou ser um importante fator envolvido na escolha feminina neste país. Curiosamente, dados de um estudo com adolescentes chinesas mostram que estas priorizam a inteligência do parceiro mais do que as características físicas (Dong et al, 1996).

Portanto, observamos que não são apenas os dispositivos biológicos que exercem influência na escolha de parceiros, posto que esta escolha é uma questão muito complexa e influenciada por numerosos fatores individuais e sócio-culturais, tais como classe social, condição sócio-econômica, raça, religião, concepções a respeito de relacionamento romântico, escala de valores, crenças, interesses atuais e

futuros, dentre outros.

Jankowiak e Fisher (1992) pesquisaram 168 culturas e encontraram evidência direta da existência do amor romântico em 87% desses povos tão diferentes, podendo esta ser considerada uma característica praticamente universal da espécie humana. Além disso, observaram que, mesmo nos casos de casamentos arranjados e de poligamia em algumas sociedades, tal ocorrência não significava a inexistência da paixão romântica e de um preferido: ao contrário, também nessas culturas as pessoas buscavam e ansiavam pela paixão.

Mellen (1981) coloca que temos uma característica importante de plasticidade, e que por isso alguns padrões de amor conhecidos entre o homem e a mulher são fortemente influenciados por fatores culturais, ou seja, tais padrões podem ser impostos pelos preceptores sociais de um determinado período e local, e condicionados pelas tradições e modelos de cada cultura. Tais circunstâncias dificultam uma identificação correta do que seriam exatamente os fatores genéticos, biológicos e evolutivos que muitas vezes se deseja explorar e identificar em uma observação da espécie.

As relações afetivo-sexuais humanas têm características semelhantes que estão presentes na maioria das culturas, e a natureza dessas características parece relacionada ao modo de comportar-se dos indivíduos de maneira a maximizar sua aptidão abrangente. Tais características dependem, em parte, de propensões humanas básicas, as quais apresentam considerável estabilidade e importância funcional. Muito provavelmente, tais propensões estão sujeitas as influências ambientais e culturais e as relações entre os sexos não são determinadas somente por imperativos biológicos. Muitos aspectos do nosso comportamento sexual apresentam raízes biológicas relacionadas a uma adaptação evolucionária que interage e continua buscando readaptações no contexto de cada cultura; não se deve esquecer que o argumento biológico enfatiza a importância da flexibilidade e da utilidade relativa de estratégias alternativas à luz das circunstâncias ambientais, e até porque não dizer, pessoais.

1.4 O amor romântico e a neurociência

Fisher (2004), em seus estudos recentes sobre amor romântico, apresenta a idéia de que este estaria profundamente entrelaçado com a luxúria, que envolve um forte desejo de gratificação sexual, e com o apego, que envolve sentimentos de calma, segurança e união com o parceiro a longo prazo. Além disso, explica que estes impulsos básicos envolvem diferentes comportamentos, sonhos e esperanças e estariam associados a diferentes substâncias neuroquímicas presentes no cérebro humano. As áreas relacionadas ao sistema límbico, que produzem perturbações elétricas e químicas, parecem ser o local de origem da tormenta da paixão. O córtex, que reveste o sistema límbico, integra as emoções e pensamentos, sendo que este sistema fica tomado pela feniletilamina, a qual estimula e inunda o cérebro de um tipo de “energia natural” capaz de transformar sentimentos e alterar a realidade, podendo este ser considerado um fenômeno físico e psicológico. A autora também discute que a duração média da paixão estaria entre 18 meses a três anos.

A luxúria estaria associada primariamente ao hormônio testosterona, responsável pelo desejo sexual, em homens e mulheres; os sentimentos de apego seriam produzidos primariamente pelos hormônios oxitocina e vasopressina; e o amor romântico, por sua vez, associado ao estimulante natural dopamina e, possivelmente, norepinefrina (ou noradrenalina) e serotonina. A autora ainda comenta que a dopamina seria o combustível do romance e que estimularia a liberação da testosterona, que é o hormônio do desejo sexual; contudo, o circuito cerebral da luxúria não necessariamente ativaria o romance.

Além disso, Fisher (2004) assinala que existem evidências de que a conexão sexual, a persistência, a esperança e a ruminação de pensamentos com foco na pessoa amada são traços predominantes do estado de paixão, assim como a presença de ânsia e desejo de estar perto da pessoa amada, e este estado afetivo estaria associado primariamente a altos níveis de dopamina e norepinefrina (ou noradrenalina) centrais e a uma diminuição dos níveis de serotonina central do cérebro (Fisher, 1998; Fisher, Aron, Mashek, Li & Brown, 2002). Contudo, luxúria, atração e apego não estão somente associados com diferentes hormônios masculinos e femininos, mas tais emoções também estão intrinsecamente relacionadas a diferentes repertórios

comportamentais, os quais podem se desenvolver para direcionar diferentes aspectos da reprodução.

Um interessante estudo italiano, vencedor do Nobel de 2000, investigou níveis de serotonina e os comparou entre sujeitos apaixonados na fase inicial (até seis meses), sujeitos diagnosticados como obsessivos-compulsivos sem uso de medicação, e sujeitos controle, encontrando conexões muito interessantes entre neuroticismo e paixão romântica. Os resultados, obtidos a partir do sangue dos sujeitos, encontraram níveis semelhantes no transporte de serotonina dos pacientes obsessivos-compulsivos sem medicação e dos sujeitos em fase inicial da paixão romântica, os quais apresentaram-se significativamente menores do que os dos sujeitos controle (Marazziti, Akiskal, Rossi, & Cassano, 1999).

Citando um interessante estudo de Mazur e Booth (1998), foram encontradas associações entre baixos níveis de testosterona no homem com menor promiscuidade, casamentos mais estáveis e sucesso financeiro.

Fisher (2004), após verificar que substâncias como dopamina, norepinefrina e serotonina estavam envolvidas na paixão romântica e eram mais ou menos prevalentes em algumas regiões do cérebro, se interessou em ir mais longe e embarcou em um projeto de coleta de dados da atividade cerebral com objetivo de verificar quais seriam estas regiões que estariam envolvidas nesse mecanismo. Utilizou-se da ressonância magnética para mapear essas atividades cerebrais enquanto os sujeitos olhavam para uma fotografia do amado e, em um outro momento neutro. Os participantes foram recrutados cuidadosamente entre pessoas que estavam intensamente recém-apassionadas e felizes. Além desse procedimento, os sujeitos também preencheram uma escala que media a intensidade da paixão (Passionate Love Scale), desenvolvida por Hatfield e Sprecher (1986). A mais importante descoberta foi a grande atividade no núcleo caudal, região bastante primitiva, próxima do centro do cérebro, que orienta os movimentos do corpo e faz parte do sistema de recompensas do cérebro, das sensações de prazer e da preferência e discriminação por determinadas recompensas. Além disso, foi observado um outro resultado importante: quanto mais apaixonados estavam os sujeitos, e com escores maiores na escala utilizada, maior era a atividade nesta região caudal do cérebro, mostrando que tais questionários podem realmente refletir os sentimentos internos de cada um.

Um outro aspecto encontrado neste estudo e já citado por outro anteriormente (Small et al, 2001) está relacionado à presença de atividade em outras regiões do cérebro, especificamente nas áreas do *septum*, que seriam as mesmas responsáveis pelo sistema de recompensas ativado quando comemos chocolate, ou seja, tanto a paixão quanto o chocolate podem nos tornar viciados.

1.5 Teoria do apego

Bowlby (1989) propõe uma idéia evolucionária segundo a qual os seres humanos crescem em um ambiente de adaptação evolucionária e a seleção genética acaba favorecendo comportamentos de apego que trazem vantagens e favorecem a sobrevivência, focalizando assim as bases biológicas do apego.

A teoria etológica-evolucionária de Bowlby sobre o apego reconhece a enorme importância dos laços formados desde os primeiros anos de vida da criança com seus cuidadores, sendo que esses laços de apego formados inicialmente acabam exercendo um papel vital e influenciando todo o ciclo de vida e relacionamentos futuros. Um aspecto fundamental da sua teoria é que aquilo que se refere aos sinais comportamentais básicos, tais como: sorriso, olhar, verbalizações e choro seriam provenientes de uma motivação inerente que alerta a figura de apego para a interação com a criança.

Holmes (1993) destaca que Bowlby nunca se sentiu realmente à vontade com o estatuto e as idéias psicanalíticas da época, e, ao descobrir a etologia encontrou a base científica segura para seus avanços teóricos. Ele criticava a visão ultra civilizada da psicanálise, na qual o modelo de homem era concebido de um modo interno e com uma desvalorização das ameaças ambientais, dando assim muita importância à projeção dos perigos “internos” (por exemplo, sentimentos de raiva e ódio) em um ambiente neutro ou que contava pouco. Bowlby também era crítico a respeito do quadro psicanalítico de desenvolvimento da personalidade, no qual as fases oral, anal, fálica e genital apresentariam um seguimento linear, colocando em dúvida a idéia de que tal desenvolvimento linear fosse derivado de estados psicológicos onde os estágios de cada um seriam predeterminados segundo um plano de desenvolvimento pré-existente. Sendo assim, baseou a sua nova teoria do apego parcialmente nas

descobertas da etologia, e em parte nas suas críticas teóricas da psicanálise, propondo um novo modelo em que seriam possíveis várias linhas de desenvolvimento resultantes da interação do organismo com o ambiente, onde o organismo possuiria uma propensão a formar laços de apego; contudo, a natureza e a dinâmica desses laços dependeriam do ambiente parental ao qual ele estaria exposto.

O comportamento de apego pode ser definido como toda forma de comportamento apresentado por uma pessoa que consiga obter ou manter uma proximidade junto a qualquer outro indivíduo diferenciado e preferido. O apego e o comportamento de apego baseiam-se em um sistema de comportamentos, ou seja, em um modelo de mundo no qual aparece representada a imagem de si mesmo, a imagem dos outros significativos e as suas inter-relações que codificam o padrão particular de apego mostrado por um indivíduo (Holmes, 1993).

O comportamento de apego pode ser organizado em um sistema comportamental que engloba comportamentos específicos que conduzem a resultados previsíveis através da interação social, e necessitando de tal interação para desenvolver-se. Além disso, deve ser considerado como uma característica normal e saudável do ser humano no decorrer de seu ciclo de vida, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento dos sistemas emocional e cognitivo (Cassidy, 1999).

Embora a teoria inicial de Bowlby se referisse aos laços primários formados, diversos trabalhos posteriores ressaltaram a importância do apego nos relacionamentos adultos, bem como sua continuidade e funções no decorrer da vida. Tais laços envolvem a manutenção da proximidade e o protesto diante da separação. A base segura que é transmitida pela figura de apego serve tanto como alicerce para a exploração do ambiente, como porto seguro de retorno nos momentos ameaçadores. De acordo com Weiss (1991) e Ainsworth (1989) existe uma relação entre a qualidade da relação de apego desenvolvida na infância com aquela apresentada na vida adulta, criando-se assim expectativas para posteriores figuras de apego baseando-se na própria experiência pessoal e formando modelos de funcionamento mental que guiam percepções e comportamentos em relacionamentos futuros. Além disso, a tal qualidade adquirida na infância também se aplica aos relacionamentos adultos, românticos ou não, em que o indivíduo busca conforto e segurança no relacionar-se com os outros.

Dessa forma, o estilo de apego pode ser definido como um conjunto de representações que incluem aspectos emotivos, cognitivos e comportamentais,

resultantes das relações primárias com o objeto de apego, as quais exercerão um papel bastante significativo ou até determinante nos relacionamentos futuros.

Ainsworth (1989) descreve os laços de apego não a partir de uma visão dicotômica, mas como apresentando características individuais associadas a uma representação vinculada à organização interna de cada indivíduo. Refere-se ainda a estudos que mostram que um ambiente acolhedor e de apoio propiciaria às crianças e, conseqüentemente, aos adultos, experiências de apego seguras e saudáveis, enquanto um ambiente inconsistente e insensível conduziria a estilos de apego inseguros e a um funcionamento interpessoal não saudável na vida adulta. Evidências também sugerem que estilos de apego iniciais desenvolvidos na infância com pais, amigos, professores, e até o modo como as pessoas se “relacionam” com Deus (em geral através da religião) afetam a habilidade do indivíduo em se relacionar intimamente com outros na vida adulta (Kirkpatrick, 1999; Scheroki, 2004; Simpson, 1990).

Bussab (2002) também aborda algumas questões do apego tentando superar a dicotomia existente entre natureza e ambiente, buscando conceitos que mostram uma maior integração das predisposições naturais humanas com aspectos sociais, afetivos e culturais. Uma análise observadora dos processos de desenvolvimento acaba por permitir uma melhor compreensão dessa interação, inclusive auxiliando na identificação de tendências semelhantes e diferenças culturais.

Hazan e Shaver (1987) foram os primeiros a promover uma ponte entre a teoria do apego infantil e as teorias do amor romântico. Buscavam compreender mais apuradamente como adultos com diferentes histórias de apego expressavam pensamentos, sentimentos e comportamentos nos relacionamentos românticos. Esses autores argumentaram que o amor romântico poderia ser conceitualizado como um processo de apego com laços de afeto que envolve processos socioemocionais muito complexos. Desse modo, experiências primárias poderiam produzir diferenças nos estilos de relacionamento manifestados no amor romântico, os quais poderiam ser traduzidos e descritos em termos dos três estilos de apego referidos na literatura infantil do tema: seguro, ansioso-ambivalente e evitativo. Contudo, a qualidade e o tipo de relacionamento são influenciados por fatores únicos de cada parceiro em particular, bem como pelas circunstâncias envolvidas.

Hazan e Shaver (1987) também deram início à pesquisa e à análise do amor romântico nesses termos de segurança, ansiedade/ambivalência e evitação, que caracterizariam estilos de apego em relação ao outro.

De acordo com a teoria do apego, as experiências com nossos cuidadores, no início da vida, têm efeitos a longo prazo devido à persistência desses modelos de funcionamento formados e dos esquemas afetivos-cognitivos que afetam as nossas habilidades para os relacionamentos pessoais na vida adulta (Attili, 2004; Bartholomew & Shaver, 1998; Simpson & Rholes, 1998).

Mikulincer e Shaver (2003) colocam que no caso do relacionamento romântico entre adultos o laço emocional formado é semelhante ao infantil no sentido de que uma pessoa conta com a outra como um apoio e porto seguro.

Hazan e Shaver (1994) argumentam que o amor romântico envolve três componentes de apego, cuidado e sexualidade, cada qual com a sua importância na manutenção do vínculo e mostrando-se como preditores da qualidade, estabilidade e satisfação presentes no relacionamento.

Kobak (1999) discute alguns eventos que podem gerar disrupções de apego pelo seu papel crítico, tanto na infância quanto na vida adulta, tais como: conflitos do casal, divórcio na família, doenças graves, disfunções dos pais. Uma comunicação aberta e acompanhada de explicações claras no lidar com tais eventos pode reduzir a percepção ameaçadora do evento disruptivo e evitar a quebra do modelo de funcionamento implícito já construído com as figuras de apego.

Bartholomew e Horowitz (1991), com seus avanços psicométricos, testaram, confirmaram e redefiniram quatro categorias principais de estilos de apego adulto (em substituição às três descritas anteriormente). Basearam-se em duas dimensões contínuas de si mesmo (positiva X negativa) e do outro significativo (positivo X negativo) nos relacionamentos adultos. Persistiram com os mesmos modelos de apego seguro e apego preocupado (que seria o ansioso-ambivalente) e desmembraram o estilo evitativo, distinguindo duas formas de evitação: evitativo medroso e evitativo rejeitador. De acordo com este modelo, indivíduos seguros têm uma visão positiva de si mesmo e do outro; indivíduos de estilo preocupado têm uma visão negativa de si e positiva do outro (ainda que um pouco apreensiva); os de estilo evitativo medroso têm uma visão negativa de si mesmo e do outro; e aqueles de estilo evitativo rejeitador apresentam uma visão positiva de si (ainda que disfarçada) e negativa do outro.

Este modelo dimensional duplo continua sendo um dos modelos teóricos mais avançados e utilizados em pesquisas sobre apego adulto empreendidas atualmente (Simpson & Rholes, 1998).

Baseando-se em trabalhos empíricos derivados deste conceito e focando-se na preposição de que o amor romântico pode ser conceitualizado como um processo de apego, Feeney (1999) afirma que os padrões de relacionamento de adultos apresentam forte relação com o tipo de apego desenvolvido na infância, e que tais padrões poderiam se repetir nos vínculos amorosos adultos, visto que vínculos afetivos e estados subjetivos de forte emoção tendem a caminhar juntos.

Attili (2004) enfatiza que o desejo e a excitação, típicos da paixão, não estão em contraste com o amor, e que o amor não é uma antítese do apego, mas que o próprio apego seria o fio que mantém ligado o casal através de um processo que levaria os casais a experimentar, nas várias fases do relacionamento, emoções particulares, cada qual com sua funcionalidade dentro da relação. Desta forma, o amor poderia ser considerado um sinônimo do apego, e ao mesmo tempo, parte deste processo.

Diversos autores investigaram as relações entre estilos de apego, estabilidade e satisfação nos relacionamentos românticos e nem sempre encontraram resultados consistentes; contudo, de um modo geral, homens e mulheres de estilo rejeitador tendem a apresentar relacionamentos menos estáveis, enquanto que os de estilos seguro, preocupado e medroso praticamente não diferem em relação à estabilidade. Aspectos relacionados ao cuidado e a atenção para com o parceiro são apontados como um forte preditor de satisfação conjugal, juntamente com a satisfação sexual, mais do que outras características relacionadas a aspectos materiais, de personalidade ou circunstanciais (Feeney, 1999; Feeney & Noller, 1992; Kotler, 1985).

Diversos pesquisadores têm demonstrado interesse em estudar diferenças de gênero em estilos de apego romântico adulto. O estilo rejeitador parece apresentar-se como aquele que suscita mais polêmica e caracteriza-se por um comportamento de evitação de relações emocionalmente íntimas e com uma tendência a prevenir-se de decepções, mantendo um comportamento independente e distante emocionalmente. Alguns estudos empíricos apontam diferenças de gênero para o estilo de apego rejeitador, indicando uma incidência maior deste estilo entre os homens do que entre as mulheres, tendendo a apoiar um retrato sócio-emocional dos homens, especialmente no contexto do relacionamento romântico (Scharfe & Bartholomew, 1994), o qual estaria

parcialmente de acordo com o estereótipo da cultura ocidental de que os homens seriam mais distantes emocionalmente, portanto, mais rejeitadores.

Brennan e Shaver (1995) buscaram compreender a associação entre estilos de apego e diversas atitudes e comportamentos ligados ao sexo e encontraram que indivíduos rejeitadores tendiam mais a se engajar em aventuras sexuais superficiais do que indivíduos seguros. Além disso, os rejeitadores encaravam sexo sem amor de forma mais prazerosa do que os seguros.

Schmitt et al (2003) conduziram um abrangente estudo que buscava explorar possíveis moderadores socioculturais nas diferenças de gênero para este estilo de apego rejeitador, indagando como papéis sociais atuam nesta área do relacionamento humano. Contrariamente a outros prévios resultados de pesquisas relatadas em culturas ocidentais, não encontraram diferenças significativas entre homens e mulheres em relação ao estilo rejeitador. Estudaram 62 culturas em diversos países e continentes a fim de verificar se homens seriam universalmente mais rejeitadores do que as mulheres. Diferenças de gênero entre homens e mulheres para esse estilo ocorreram, mas foram pequenas e moderadas, e associadas a indicadores sócio-culturais. Esta associação encontrada entre estilo de apego rejeitador e gênero masculino, segundo o autor, também poderia fornecer suporte às teorias evolucionárias de apego romântico, visto que em culturas caracterizadas por um ambiente com alto nível de stress e alta fertilidade foram encontradas diferenças menores entre homens e mulheres para este estilo.

Alonso-Arbiol, Balluerka e Shaver (2007), interessados em identificar diferenças culturais relacionadas ao apego romântico adulto, avaliaram uma população espanhola para verificar níveis de ansiedade e distanciamento e encontraram diferenças em relação aos dados americanos. Espanhóis apresentaram níveis de ansiedade mais altos do que os americanos, enquanto que americanos apresentaram níveis de distanciamento um pouco mais altos. Tais resultados são compatíveis com estudos interculturais prévios relatados por Schmitt et al (2004).

Juleff (2003) encontrou resultados parecidos em estudo que examinou as conexões existentes entre estilos de apego, satisfação no relacionamento e otimismo no relacionamento em mais de 101 estudantes universitários e não encontrou correlações significativas entre esses aspectos, mas aqueles de apego seguro apresentavam visão mais positiva em relação a relacionamentos futuros do que

aqueles de apego inseguro. Além disso, a amostra indicou que 57% dos participantes apresentavam apego seguro, 30% apego rejeitador e 13% apego ansioso-ambivalente.

Hatfield (1988) avalia em suas pesquisas com casais que o êxtase da paixão pode se dissolver com o passar do tempo, transformando-se, porém, em sentimentos de apego, segurança, conforto, calma e união profunda com o parceiro, que a autora chama de amor baseado no companheirismo.

Outra característica importante é aquela relacionada à idealização exagerada do relacionamento e do outro, a qual pode contribuir para insatisfação futura, e, embora os aspectos positivos do estilo seguro e os negativos do estilo inseguro influenciem a satisfação no relacionamento, estes também podem ser amplificados ou atenuados, dependendo do estilo de apego do parceiro (Banse, 2004). O autor estudou casais que tinham contraído matrimônio há pelo menos três anos e encontrou médias bastante altas para o estilo de apego seguro para os dois sexos, e somente os seguros correlacionaram-se significativamente de forma positiva com a própria satisfação e a do parceiro.

Pesquisadores italianos verificaram a relação entre estilos de apego e psicopatologia (Marazziti, Albanese, Catena, Mungai, Dell’Osso, Del Debbio et al, 2005) e mostram que o estilo permanece relativamente estável através do tempo. Além disso, apontam relações interessantes para os estilos preocupado e medroso, característicos de pacientes com distúrbios bipolares, de ansiedade e depressão, os quais apresentam altos escores em níveis de ansiedade e de evitação.

1.6 Teoria triangular do amor e estilos de amar

Embora tomados como objetos separados em muitos estudos, para a maioria dos pesquisadores amor e sexo estão intimamente ligados, sendo observada a estreita conexão entre ambos, com raízes biológicas e psicológicas intimamente correlatas, onde os aspectos biológicos constituiriam a matriz no interno da qual os aspectos psicológicos teriam a possibilidade de se desenvolver (Fisher, 2004; Hildebrand, 2003; Morrow, Clark & Brock, 1995; Sternberg & Barnes, 1988).

Sternberg (1986) nos oferece a idéia de que o amor seria baseado em três componentes básicos e essenciais: paixão, intimidade e comprometimento. A paixão

está ligada à atração física e sexual, ao romance. A intimidade corresponde ao bem-estar com o parceiro, ao entendimento mútuo, a comunicação. O comprometimento relaciona-se à decisão e compromisso no manter o relacionamento. Esses três componentes podem ocorrer isoladamente ou em combinação.

Lee (1988), um sociólogo canadense, verificou e estudou a existência de uma diversidade muito grande nos estilos humanos de amar como uma consequência da nossa moderna e complexa sociedade, em que cada indivíduo busca encontrar um estilo de amor mais compatível com o seu e que possa partilhar uma combinação de gostos, interesses e estilo de vida, e acreditava que isso se tornava mais difícil a cada dia na nossa sociedade moderna, cada vez mais cheia de estímulos e opções diversas. Ele procurou basear suas análises em histórias contadas pelos indivíduos e também analisava diversos aspectos fazendo uma analogia com as diferentes cores, sendo que poderiam existir inúmeras combinações de cores, assim como formas e tipos de amor, sempre colocando a idéia de que seria mais fácil observar e distinguir diferentes cores do que definir cor, por si mesma. Seguindo tal princípio, não estava preocupado em definir o amor, mas sim observar os diferentes tipos que poderiam existir, bem como suas combinações e modificações que poderiam ocorrer durante o ciclo de vida. Enfatizava também que o amor mútuo não seria uma questão relacionada à quantidade de amor que um parceiro pode dar e retornar ao outro e nem ao porquê deste comportamento, mas sim ao tipo de amor e a combinação de expectativas entre os parceiros. Construiu, desta forma, a sua teoria psico-social dos estilos de amor, sendo que os estilos referem-se às características do relacionamento amoroso. Assinala ainda que nossos estilos de amor seriam padrões de relacionamento com base no modo de se vincular, de se apegar ao outro, os quais podem se modificar no decorrer da vida em função das experiências pessoais, podendo ser conscientes ou inconscientes.

Hendrick e Hendrick (1986), baseadas nas pesquisas de Lee, criaram um questionário para identificar qual o estilo de amor adotado por uma pessoa em um determinado momento, e, após diversos estudos, validaram uma escala baseada em seis diferentes estilos de amar: Eros, Estorge, Ludus, Mania, Pragma e Agape.

Neste contexto, o amor é visto como algo flexível, capaz de se adaptar a diferentes padrões culturais, históricos, políticos e sociais, com características marcantes relacionadas aos diferentes estilos de amar que se manifestam sob três formas básicas, denominadas: Eros (amor passionai, sexual, apaixonado, idealizado,

estabelecido pela atração física e eroticidade), Ludus (amor como jogo, sem comprometimento, baseado na aventura, na superficialidade, na diversidade de parceiros) e Storge (amor de amizade, companheirismo, baseado em afinidades), e três secundárias: Mania (amor obsessivo, possessivo, com ciúme e dependência do outro), Pragma (amor lógico, prático, racional, baseado em uma lista de características desejadas no outro a serem preenchidas) e Ágape (amor desprovido de egoísmo, altruísta, doador).

Estes três estilos primários de amor: Eros, Ludus e Estorge, assim como as três cores primárias combinadas, poderiam dar origem a infinitas cores diferentes e com diversas combinações de diferentes intensidades. Em última análise, os estilos de amor poderiam ser de tantas combinações quanto as pessoas que amam; contudo, é possível nomear alguns estilos que tenham características semelhantes com o objetivo de alcançar um denominador comum. É o que aconteceria com as cores, dado que as infinitas combinações são mais comumente referidas a partir de certo número de cores. É certo que estes números não abarcam a totalidade de diferenças prismáticas possíveis no mundo, mas conseguem permitir que exista um diálogo inteligível entre as pessoas em relação à percepção que elas têm sobre aquilo que estão sentindo e vivenciando. Assim como acontece na nomeação das experiências da percepção das cores, é possível utilizar alguns elementos para nomear satisfatoriamente os diferentes estilos de amor.

A associação entre o caminho utilizado para conhecer parceiros e o estilo de amor foi pesquisada por Amélio (2001). Ele aponta que o caminho mais freqüente para conhecer parceiros, segundo um estudo realizado em quatro cidades brasileiras, corresponde ao caminho do relacionamento extra-amoroso pré-existente, que se mostra conveniente para as pessoas que apresentam um estilo de amor Estorge, dado que este estilo caracteriza-se por considerar que o amor nasce de uma amizade. Sendo assim, parece bastante característico de pessoas com estilo de amor Estorge buscar conhecer alguém mais de perto, conseqüentemente, da mesma classe social, não necessariamente para estabelecer um relacionamento amoroso de imediato, mas para desenvolver um relacionamento mais profundo com o passar do tempo e o estreitar dos laços.

Yancey e Berglass (1991) investigaram a associação entre estilos de amor e satisfação em diversos campos da vida entre 140 estudantes universitários americanos.

Para as mulheres deste estudo, somente o estilo Agape foi correlacionado positivamente com a satisfação, enquanto os estilos Mania e Ludus apresentaram correlação negativa. Para os homens, os estilos Estorge e Ludus mostraram correlação positiva com satisfação, ao passo que Mania e Pragma, correlação negativa. Outro estudo de Hendrick, Hendrick e Adler (1988) observou que sujeitos com o estilo Mania apresentavam baixos índices no escore de auto-estima, que está associado a algum tipo de insatisfação pessoal. Além deste dado, também foi encontrada uma forte correlação positiva entre o estilo Eros e a satisfação no relacionamento romântico, ao passo que o estilo Ludus apresentou correlação negativa com satisfação no relacionamento romântico. Nestes dois estudos não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos no que se refere aos estilos de amor e satisfação, embora as mulheres apresentem mais constantemente os estilos Mania, Estorge e Pragma, e os homens, o estilo Ludus.

Yancey e Eastman (1995) realizaram uma investigação semelhante ao estudo citado anteriormente (Yancey & Berglass, 1991), porém, com uma amostra de adultos com idade média de 45 anos para verificar diferenças em diferentes fases da vida. Encontraram que nestes homens adultos, ao contrário dos universitários, o estilo Ludus se correlacionou negativamente com a satisfação. O mesmo ocorreu com as mulheres adultas. Além disso, encontraram os melhores índices de satisfação associados ao estilo Eros.

Conforme trabalho de meta-análise conduzido por Masuda (2003), diversos estudos têm utilizado escalas de amor para identificar quais os elementos do amor estão associados ao desenvolvimento, manutenção e satisfação nos relacionamentos românticos, sendo que a LAS-Love Attitude Scale (escala de estilos de amor utilizada neste estudo), que avalia estilos de amor (Hendrick & Hendrick, 1986), é uma das mais citadas na literatura. O autor aponta a necessidade de estudos na área com uma população diferente da norte-americana tradicional, pois as pesquisas, em geral, avaliam estudantes universitários norte-americanos, relatando que existe uma escassez de trabalhos com amostras diversas, dificultando uma apreciação que possa considerar diferenças culturais e avaliações longitudinais.

Segundo Taraban e Hendricks (1995), traços de personalidade são importantes componentes que interferem no modo de processar informações sobre o outro e desenvolver atitudes. Observavam que confiança, cuidado e companheirismo estariam

presentes nos relacionamentos românticos adultos; porém, a fim de estudar como diferentes percepções associadas a diferentes traços de personalidade influenciam as atitudes e estilos de amor, conduziram um estudo que apontou traços como “caring” (cuidado, atenção) e “loving” (afeto, ternura) entre os mais citados, especialmente para Estorge e Agape. Em relação ao conceito geral sobre o amor e como cada estilo de amor é percebido, de um modo geral, Eros foi visto como sexual; Ludus como sem consideração e secreto; Storge como sendo leal, confiável e maduro; Pragma como primeiramente orientado para a família e o trabalho; Mania como ciumento, obsessivo, possessivo e emocional; e Agape como comprometido e doador.

Hendrick e Hendrick (1988), em um estudo com populações americanas e mexicanas, observaram que o amor passionai, caracterizado pelo estilo Eros, parece ser universal e sempre aparece em alta incidência nas pesquisas. Os autores verificaram que mulheres tendem a apresentar mais paixão, intimidade e pragmatismo do que os homens. Ademais, Eros foi o estilo de amor preditor de maior satisfação conjugal, tanto para homens quanto para mulheres, e os resultados também mostraram uma diferença de sexo, sendo que mulheres endossam significativamente mais do que os homens os estilos Eros, Estorge e Pragma, enquanto homens endossam mais os estilos Ludus, Mania e Agape (Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998).

A influência da crença romântica na estabilidade e na satisfação de casais foi foco interessante de um estudo longitudinal de dois anos conduzido por Sprecher e Metts (1999), o qual aponta uma correlação positiva significativa das crenças românticas com níveis de amor, satisfação e comprometimento com o relacionamento. Embora somente a presença elevada da crença romântica no início da relação não possa ser um preditor de sucesso desta, foi verificado que os casais que continuaram juntos e satisfeitos mantiveram seus altos escores para as crenças através do tempo juntos.

Fehr e Russell (1991), em sua tentativa de entender como as pessoas percebem o amor e as relações românticas, partiram da idéia de confusão ilógica e sem fronteiras definidas e chegaram aos componentes considerados centrais na sua definição, os quais seriam: confiança, cuidado, atenção, honestidade, amizade e respeito, observando que as pessoas valorizavam mais componentes como amor maternal e amizade do que o amor adolescente e a paixão superficial.

Tolhuizen (1989), como uma alternativa para entender a seleção de parceiros e sua trajetória rumo à intimidade e ao comprometimento, além de vê-la como um processo evolutivo que é parte da espécie, também faz referência ao envolvimento de aspectos relativos a similaridades, complementaridade e características individuais e de personalidade, formando um processo interpessoal que envolve eventos da vida de cada parceiro, os quais influenciam os sentimentos e o comprometimento no relacionamento.

Oraison (1966) falava do amor em termos de sexualidade e acreditava que esta seria a expressão da vida de um casal e que é necessário observá-la de maneira muito atenta entre as estruturas do casal, do ambiente e do mundo que a circundam, pois esta é caracterizada por uma ambivalência fundamental que constitui a evolução da personalidade afetiva e sexual.

Um estudo de Chung, Farmer, Grant et al (2002) observou a importância e necessidade do relacionamento romântico e do comprometimento na vida das pessoas e o desenvolvimento de sintomas de stress pós-traumático após o rompimento de casais, Encontrou correlações significativas entre o impacto do rompimento e a saúde geral dos sujeitos associadas ao neuroticismo e à baixa auto-estima.

1.7 Pesquisa e objetivos

Muito de nossa cultura e também de nossa história reprodutiva sempre influenciou e continuará influenciando aquilo que se pensa e se escreve sobre o amor e a sexualidade, desde os séculos passados até os dias de hoje. Diferenças de sexo, culturais e individuais são muito importantes para auxiliar na compreensão do comportamento romântico e reprodutivo de homens e mulheres. Estilos de amor, apego, crenças românticas e satisfação encontram-se entre alguns dos diversos aspectos envolvidos nos relacionamentos amorosos. Entendendo-se melhor como se apresentam tais diferenças em diferentes países em nível individual, cultural e social, poderiam emergir informações importantes, as quais continuariam contribuindo para uma maior compreensão das expectativas românticas atuais do ser humano e do relacionamento homem-mulher.

Na medida em que o estudo aqui proposto envolve estilos de apego, crenças românticas, estilos de amor e satisfação entre noivos, é preciso conceder a devida atenção a diferentes fatores que contribuem para as buscas e escolhas de cada parceiro.

Diversos pesquisadores têm se dedicado ao estudo e à realização de investigações empíricas buscando a compreensão deste conceito extraordinariamente complexo que é o amor e compartilham a idéia de que este não poderia ser descrito de um modo unitário, pois existem diversos modos de amar, de perceber e observar o sentido do amor. Outro aspecto importantíssimo a ser observado é que a maioria das pesquisas nessa área toma como sujeitos estudantes universitários na faixa dos 20 anos, os quais ainda não vivenciaram um grande número de experiências emocionais duradouras. Trabalhos futuros relacionados a esses temas deveriam estar atentos à faixa etária, assim como ao contexto ambiental e demográfico. Estudos extensos e detalhados nessa área podem conduzir a um maior conhecimento do casal e de cada membro deste enquanto indivíduo e, conseqüentemente, promover as chances de melhores escolhas, mais sábias e conscientes, e maior probabilidade de enriquecimento da vida das pessoas.

Este trabalho possibilita investigar e comparar algumas hipóteses nessa área do amor romântico que envolve crenças, cognições, desejos, representações sociais, mitos entrelaçados no imaginário e na experiência comportamental de casais estáveis, noivos, em duas metrópoles do Brasil e da Itália: São Paulo e Roma.

Esta pesquisa tem por objetivos, primeiramente, explorar e comparar o modo de se relacionar afetivamente, caracterizando os relacionamentos românticos por meio da utilização de quatro escalas que verificam estilos de apego, estilos de amor, crenças românticas e satisfação no relacionamento amoroso estável (noivos) entre homens e mulheres heterossexuais em duas metrópoles da cultura ocidental.

Em segundo lugar, por meio dos dados assim obtidos, pretende-se verificar a existência de diferenças de cultura e de sexo e qual delas influencia mais significativamente os aspectos estudados, caracterizados pelo estilo de apego, de amor, a crença romântica e a satisfação na amostra. Como parte desta investigação, além das citadas acima, também serão investigadas diferenças relacionadas a outras variáveis, conforme dados complementares (Anexo I): idade, sexualidade, divisão de despesas, religião, dentre outros.

Pretende-se responder às questões:

a)- Quais os estilos de amor e de apego característicos em homens e mulheres prestes a contrair matrimônio nas duas metrópoles estudadas?

b)- O que influencia mais na caracterização dos indivíduos desta amostra, o sexo ou a cultura? Estilos de apego, de amor, crença romântica e satisfação dependem mais do sexo ou da cultura?

c)- Quem apresenta níveis de satisfação mais altos, brasileiros ou italianos? Quem seria mais romântico, o brasileiro ou o italiano? Os homens ou as mulheres?

d)- Existem outras diferenças ou similaridades importantes observadas entre os sexos e entre os países?

1.8 Caracterização das metrópoles: São Paulo e Roma

Algumas respostas a serem encontradas neste trabalho pretendem identificar comportamentos culturais homogêneos e heterogêneos entre essas duas metrópoles, São Paulo e Roma, resultando em novos conhecimentos interculturais nessa área do amor romântico estável e heterossexual. São Paulo e Roma devem apresentar algumas diversidades, embora sejam de origem latina, e a cidade de São Paulo tenha sofrido forte influência da imigração italiana, o que parece ter contribuído para instaurar complexos processos de interculturalidade cotidiana na relação entre imigrantes e população local. A diferença de cultura tratada nesta pesquisa refere-se a brasileiros e italianos destas duas cidades, portanto, níveis de generalização mais abrangentes para a população brasileira e italiana devem ser observados cuidadosamente, visto que Brasil e Itália são países que apresentam relativa diversidade interna social, econômica e cultural.

Dussel (1997) chama de *ethos* o nosso mundo de experiências, disposições habituais e existenciais que vão configurando um caráter próprio e que são adquiridos pela educação ancestral, na família, na classe social, nos grupos de função social e no âmbito de todos aqueles com os quais se convive. O *ethos* de um grupo ou de uma pessoa seria o complexo total de atitudes que formam um sistema e predeterminam comportamentos, fixando a espontaneidade em certas funções ou instituições habituais. Pode-se observar na cidade de São Paulo a presença do *Ethos*

em vários dispositivos que dinamizam essas relações interculturais (ruas, arquitetura, mercados, culinária, festas populares, dentre outros), os quais se assemelham, em boa parte, àqueles italianos.

Segundo estudos descritos por Bertonha (1997), Brasil e Itália mantinham boas relações, marcadas pela vinda de imigrantes trabalhadores, a qual se acentuou nas regiões sudeste e sul nos anos 80 do século XIX e nos períodos que marcaram a primeira e a segunda guerra mundiais. Ainda segundo levantamentos realizados por Levy (1974), aproximadamente 60% do total de imigrantes que entravam no Brasil neste período eram italianos.

Tanzi (1996) ressalta a importância e a contribuição da presença italiana no Brasil, para nosso desenvolvimento, para nossa cultura e para nossa vida. Muitos foram trazidos pelas necessidades nossas de substituição da mão de obra escrava, e deles de busca de trabalho e prosperidade; outros, contudo, vieram para escapar de perseguições políticas. Entre os anos de 1890 a 1900, registros apontam a entrada de mais de um milhão de imigrantes no Brasil, sendo que aproximadamente 60% eram originários da Itália, e, dentre eles, 70% tinham como destino São Paulo.

A influência italiana está presente em diversos aspectos de nossa cultura cotidiana: no vocabulário, na literatura, culinária, esporte, arquitetura, arte, política, religião, festas populares, sendo que todos esses aspectos encontram-se muito presentes e atuantes até hoje.

Segundo o último censo divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2007), o Brasil apresenta uma população de aproximadamente 184 milhões de habitantes e a cidade de São Paulo quase 11 milhões.

O número de casamentos no Brasil apresenta dados interessantes. No período de 1997 a 2001 o número de casamentos apresentou taxa decrescente, exceção feita a 1999. De 2002 a 2005 vem aumentando, a cada ano, com uma taxa de crescimento de 4% aproximadamente. Contudo, o número de separações e divórcios cresceu muito mais, em torno de 46% em 10 anos e, segundo o IBGE (2007), aumentou em 14% de 2004 para 2005, sendo que esta se configura como a maior taxa de crescimento desde 1997. Dos 836 mil casamentos realizados no Brasil, ocorreram 251 mil divórcios e separações, ou seja, para cada três casamentos realizados, um acaba em separação ou divórcio. Sendo assim, observa-se que o brasileiro está se casando mais, mas também se separando ainda mais nos últimos anos. É interessante lembrar que o divórcio foi

legalizado no Brasil em 1977.

Ao observarmos os dados de registro civil da cidade de São Paulo em 2005, verifica-se que foram registrados 57.688 casamentos para 6162 separações judiciais e 10.711 divórcios, não havendo muitas diferenças em relação aos dados gerais brasileiros. No mesmo ano observou-se que a média de idade dos homens no primeiro casamento era de 28 anos, e das mulheres, 25 anos.

A síntese mostra também que a taxa de nupcialidade dos homens com 60 anos ou mais é de 3,3%, enquanto que a das mulheres na mesma faixa etária é de 0,8%, ou seja, homens idosos casam-se mais do que mulheres, na mesma faixa etária. A proporção de homens em relação às mulheres também continua em queda. No Brasil, em 2006 a proporção era de 95 homens para cada 100 mulheres; porém, as regiões metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre e Curitiba apresentaram relação entre homens e mulheres mais equilibrada.

Além disso, a média de idade dos casais que se divorciam é de aproximadamente 43 e 39 anos, para homens e mulheres, respectivamente. Dentre as separações judiciais concedidas em 2005, a maior parte delas foi de natureza consensual (76,9%) para o conjunto do país. Entretanto, em relação às separações judiciais não-consensuais, 45% delas foram resultantes de conduta desonrosa ou grave violação do casamento requeridas pela mulher e, com o mesmo fundamento, 13% requeridas pelo homem. Outros 40% das separações não-consensuais concedidas em 2005 tiveram como fundamento da ação a separação de fato do casal. Segundo os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística Italiano, ISTAT (2006), a população italiana é de aproximadamente 59 milhões de pessoas, sendo que as regiões mais populosas são Lazio (onde fica Roma), Lombardia (onde ficam Milão e Torino) e Campania (onde fica Nápoles). Roma, no último censo de 2006, apresentou uma população de aproximadamente dois milhões e meio de habitantes, sendo a maior da Itália.

Ao observarmos o número de casamentos, os últimos dados divulgados pelo ISTAT (2005) mostram que foram realizados 251 mil casamentos em toda a Itália, sendo que estes números encontram-se em decréscimo desde 1971, com uma pequena exceção de aumento no início do ano de 1990. Nos anos de 2003, 2004 e 2005 houve um decréscimo de aproximadamente 5% no número de casamentos realizados.

O divórcio foi introduzido na Itália no ano de 1970, e desde 1971 os dados do

ISTAT (2005) apontam um crescimento progressivo no número de divórcios e de separações judiciais. Os últimos dados de 2005 mostram 45.100 divórcios e 83.200 separações realizados em toda a Itália, sendo que, para ambos, o índice de crescimento foi de aproximadamente 5% de 2001 até 2005.

Observa-se, assim, que na Itália, para os 251 mil casamentos realizados em 2005 ocorreram 128 mil divórcios e separações, ou seja, a cada dois casamentos realizados, um acabou em separação ou divórcio. Tais dados mostram, proporcionalmente, que o italiano está se separando/divorciando mais do que o brasileiro, e também está se casando menos e se separando/divorciando mais nos últimos anos. Estima-se também, segundo o ISTAT (2005), embora sem apresentar números definidos, que tem crescido bastante na Itália o número de uniões livres, ou seja, casais que optam por uma união sem o vínculo do matrimônio, estimando-se que são cerca de 500 mil os casais que optam por formar uma família sem o vínculo do casamento. Tais uniões livres e sem vínculos formais estão em constante crescimento e, ao lado destas, também cresce a convivência pré-matrimonial, crescendo também a aceitação social destes dois tipos de convivência alternativos ao casamento. Atualmente, também se observa que em 10% dos casamentos, pelo menos um dos cônjuges encontra-se na segunda união. Interessante registrar que a população idosa na Itália vem aumentando muito nos últimos anos e o índice de filhos de um casal vem diminuindo, estando hoje entre 1, 3 filhos por casal.

Além disso, a idade média em que o casal contrai núpcias também aumentou para 30 e 32 anos, respectivamente, para mulheres e homens. Em relação à diferença de idade entre os cônjuges, o esposo é, em média, 3 a 4 anos mais velho do que a esposa. Existem também freqüentes homologias em relação ao nível de instrução dos cônjuges, onde 60% destes têm o mesmo nível de instrução. A idade média de separação é de 39 e 42 para mulheres e homens, respectivamente, e a do divórcio é de 35 e 38 anos, para mulheres e homens, respectivamente. Os dados para a região Lazio, onde se localiza Roma, praticamente não apresentam diferenças de idade para o primeiro casamento.

O ISTAT também divulga resultados do censo para cada região e apresenta dados regionais referentes a 2003. Neste período, para a região Lazio foram realizados 24 mil casamentos, dos quais 18 mil em Roma. É interessante ressaltar, como curiosidade, que em aproximadamente 14% dos casamentos pelo menos um dos

cônjuges é estrangeiro (tal fato foi observado durante a coleta de dados; porém, os casais em que ambos não fossem italianos não foram incluídos na pesquisa devido aos objetivos de comparação entre italianos e brasileiros, visto que na amostra brasileira os sujeitos também foram todos brasileiros).

2. Metodologia

A realização deste projeto somente foi possível graças ao envolvimento e à colaboração de diversos cartórios ou órgãos correspondentes (Anexo III), que realizam casamentos nas duas metrópoles estudadas, São Paulo e Roma, especialmente dois deles que serão citados posteriormente, os quais permitiram, generosamente, a presença constante da pesquisadora em seus estabelecimentos durante toda a coleta de dados. Destaco também o apoio e suporte das duas universidades envolvidas: Universidade de São Paulo e Università La Sapienza di Roma. Ademais, este grande projeto intercultural de pesquisa, sonhado e almejado por mim, somente pôde ser concretizado devido ao apoio financeiro da agência CAPES, via Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, que possibilitou à pesquisadora o desenvolvimento de parte deste doutorado no exterior.

2.1 Sujeitos

Todos os sujeitos desta pesquisa são casais heterossexuais, estáveis, noivos, que procuraram o cartório ou órgão correspondente em seu país a fim de realizar os procedimentos iniciais para a formalização do casamento, em São Paulo e em Roma, e que deveriam se unir pelos laços do matrimônio entre dois a cinco meses, aproximadamente, a partir da data que responderam aos questionários. A pesquisa foi realizada em duas etapas: uma primeira parte no Brasil, e uma segunda parte na Itália.

Os respondentes no Brasil são casais da cidade de São Paulo que procuraram o cartório de registro civil para entrada de documentação de matrimônio, durante o período de setembro de 2005 a março de 2006, totalizando 234 respondentes brasileiros (117 casais). Os sujeitos eram provenientes das zonas oeste e sul (cartórios dos bairros Butantã e Moema, respectivamente) (Anexo III) da capital, onde ambos permitiram o acesso constante da pesquisadora nos locais para a coleta dos dados. A

grande maioria dos respondentes é proveniente do cartório do bairro Butantã devido ao grande fluxo de pessoas neste estabelecimento.

Os sujeitos da Itália foram casais da cidade de Roma que procuravam a “Comune” do seu bairro (uma espécie de subprefeitura existente em cada bairro que abriga, além de outros órgãos públicos, um escritório responsável pelos procedimentos legais do matrimônio). O mesmo procedimento adotado no Brasil foi realizado na Itália. Nesta segunda etapa da pesquisa participaram 328 respondentes italianos (164 casais), os quais eram provenientes de duas subprefeituras, uma pertencente ao bairro de Monte Sacro (município IV) e outra ao bairro Africano (município VIII) (Anexo III), sendo que a primeira é a maior da cidade e com maior fluxo de pessoas, e, portanto, da qual provém a grande maioria dos respondentes. Estes dados italianos foram obtidos no período de setembro de 2006 a maio de 2007, durante o estágio de doutorado sanduíche realizado pela pesquisadora junto a Università La Sapienza, em Roma, com o apoio da Capes e Pró-Reitoria de Pesquisa da USP.

2.2 Material

Foi utilizado um múltiplo questionário auto-preenchível, composto de cinco partes: as quatro primeiras são relacionadas a escalas psicométricas descritas logo abaixo, e a última consiste de outros dados complementares importantes, selecionados pela pesquisadora, com itens referentes a características demográficas e informações complementares a respeito do relacionamento do casal: idade, estado civil, escolaridade, renda, sexualidade, religião, tempo de namoro e convivência (se já havia), divisão de despesas do casal, dentre outros, que enriqueceram e complementaram a análise dos dados das escalas padronizadas, bem como permitiram uma melhor caracterização da amostra e uma maior compreensão do universo pessoal e cultural em que cada sujeito está inserido (Anexo I). As escalas utilizadas foram as seguintes:

1) - RQ (questionário de relacionamento), elaborado por Bartholomew & Horowitz (1991), avalia estilos de apego romântico adulto baseado em duas dimensões e quatro categorias, e é composto de quatro afirmativas em que o respondente deve indicar, através de um valor inteiro de 1 a 7, o grau com que cada afirmativa o descreve, sendo que o valor 1 representa “não descreve você em nada” e o valor 7 representa “descreve você totalmente”. Cada afirmativa descreve um estilo de apego, na seguinte ordem:

seguro, preocupado, evitativo rejeitador e evitativo medroso. São avaliadas as médias dos valores atribuídos para cada afirmativa referente a cada um dos quatro estilos de apego. Este instrumento avalia o sujeito de acordo com dois aspectos: aponta o nível de dependência que nutre pelo parceiro; e avalia o distanciamento (esquiva) que a pessoa mantém em relação às outras e aos relacionamentos românticos de um modo geral. Com base nessas características as pessoas podem ser classificadas em um ou mais grupos (estilos), dentre quatro. O primeiro, com baixa dependência e baixo distanciamento, é o das pessoas seguras. Estas se sentem confortáveis com sua intimidade e autonomia. O segundo grupo, com alta dependência e baixo distanciamento, é o dos preocupados, que são ansiosos, preocupados e ambivalentes em seus relacionamentos. O terceiro grupo, com alto distanciamento e baixa dependência, é o dos rejeitadores, que evitam a intimidade e se consideram auto-suficientes. Por último, com alta dependência e alto distanciamento, estão os medrosos, que desejam intimidade, mas têm medo desta, o que dificulta a sua socialização.

O segundo instrumento buscou avaliar a presença de crenças românticas e apresenta sete afirmativas (C1, C2, C3, C4, C5, C6 e C7), onde o sujeito responde se concorda (sim) ou discorda (não) com cada uma delas. Tais afirmativas avaliam modelos mentais operantes sobre crenças relacionadas ao amor romântico, ou seja, como um indivíduo concebe seus relacionamentos em relação à singularidade e à idealização (Hazan & Shaver, 1987). De acordo com cada afirmativa, existe uma resposta que é esperada, sob a hipótese de que o indivíduo apresente determinada crença. Espera-se que, sob essa hipótese, a pessoa concorde com a primeira, a terceira, a quarta e a sétima afirmativa e discorde das demais. Para fins de análise e comparação, foi utilizada a somatória total dos pontos de cada sujeito em relação às afirmativas.

O terceiro instrumento refere-se ao modo de relacionar-se afetivamente, e foi verificado por meio da escala LAS-Love Attitude Scale, que avalia estilos de amor (Hendrick & Hendrick, 1986), baseados na teoria de Lee (1988). Foi adotada esta escala na sua forma reduzida, composta de 24 afirmativas referentes aos relacionamentos amorosos (Hendrick, Hendrick & Dicke, 1998). Para cada uma delas o respondente deve manifestar o seu grau de concordância através de uma

escala numérica que varia de 1 (concorda fortemente) a 5 (discorda fortemente), e que correspondem, em cada subgrupo de quatro, a um estilo de amor diverso.

Para cada subgrupo é calculado um escore, que consiste na soma das respostas que o indivíduo forneceu para aquele subgrupo; encontram-se seis subgrupos, cada um com seus escores, que variam de 4 a 20 pontos, os quais foram denotados por E1 (Eros), E2 (Ludus), E3 (Estorge), E4 (Mania), E5 (Pragma) e E6 (Ágape). Dessa forma, a pessoa é avaliada em relação a cada estilo de amor, dependendo do seu escore. Para fins de análise também foram utilizados os escores numéricos de cada estilo.

Este questionário permite, por meio da análise destas afirmativas, inferir o(s) estilo(s) de amor de cada sujeito, classificado em três formas básicas denominadas: Eros, Ludus e Storge, e três secundárias: Mania, Pragma e Agape. Cada uma reflete características marcantes relacionadas a diferentes estilos de amar.

Eros (engloba as afirmativas 2, 6, 12, 16) se caracteriza por um amor ideal, romântico, intenso, sensual, sexual, seguro, estável, que pode acontecer ou não à primeira vista. O sexo é muito importante para este estilo, que sabe receber o amor quando ele aparece. A atração física e a “química” são pontos muito importantes na escolha do parceiro (em geral o erótico sabe descrever qual o tipo físico que o atrai). Estes apresentam o que pode ser descrito como o “coração em chamas”.

Ludus (afirmativas 3, 7, 19, 21) é o estilo de amor que se caracteriza pelo jogo, pela diversão, sexo sem compromisso, sedução generalizada, instabilidade emocional, é o colecionador de parceiros que não se liga verdadeiramente a nenhum. Estes são caracterizados pelo instinto de “caçador”, o sexo é o seu objetivo principal, sem cobranças ou comprometimento. Assim, o amor é encarado como um jogo que pode acontecer simultaneamente com diferentes parceiros. As emoções não são levadas muito a sério. A ênfase recai na sedução e na idéia de liberdade sexual, e as promessas são válidas apenas no momento proferido, e não para o futuro.

Estorge (afirmativas 4, 10, 20, 22) é semelhante ao amor que os pais sentem em relação aos filhos, é aquele amor que nasce da amizade, calmo, seguro, estável, de companheirismo, cultivado aos poucos, sem grande paixão. É preciso conhecer para admirar e compartilhar gostos e preferências com o outro; tudo acontece em um processo calmo, com segurança e estabilidade. As atividades em conjunto são importantes. O contato sexual é menos enfatizado.

Mania (afirmativas 1, 5, 9, 23) caracteriza-se por grandes paixões avassaladoras, fulminantes e com grande atração física. É marcada por insegurança, dependência, possessividade, controle, podendo apresentar oscilação entre estados de depressão e euforia. O amante que se enquadra nesse estilo se esforça para atrair, quase continuamente, a atenção do parceiro. O amor é experimentado como uma emoção quase obsessiva e preocupante, que domina praticamente tudo.

Pragma (afirmativas 8, 11, 14, 15) é o amor calculista, racional, objetivo. A pessoa busca aquilo que deseja com todos os requisitos básicos que atendam as suas necessidades através de uma “contabilidade afetiva”. A ordem prática das coisas é o que mais importa, não envolvendo muita emoção. A compatibilidade dos parceiros e suas necessidades mútuas de satisfação são enfatizadas nesse estilo de amor.

Agape (afirmativas 13, 17, 18, 24) refere-se ao amor altruísta, em que o parceiro é colocado acima de tudo. Viver em função do outro com dedicação total é o que traz prazer para este tipo e não há espaço para o sentimento egoísta nesse estilo de amor, em que um se dedica totalmente ao outro, onde o lema seria “tudo pelo outro”.

O quarto instrumento utilizado refere-se à escala de satisfação (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000), a qual consiste de seis questões relacionadas ao grau de contentamento que o indivíduo sente no relacionamento romântico atual em relação aos seguintes aspectos: satisfação geral, comprometimento, intimidade, confiança, paixão e amor. O respondente deve indicar como se sente em cada um desses aspectos através de um valor inteiro de 1 a 7, em que 1 representa uma satisfação mínima e 7 representa uma satisfação máxima. Para esta escala há um índice de respostas faltantes na amostra brasileira mais alto do que nas demais porque a mesma foi introduzida no material da pesquisa quando esta já havia sido iniciada.

Os dados complementares consistiam dos seguintes itens:

- * Idade (em anos);
- * Estado civil (solteiro, divorciado ou viúvo);
- * Sexo (masculino ou feminino);
- * Raça (branco, negro, mulato, asiático ou outra);
- * Religião;
- * Escolaridade (1º grau, 2º grau completo, curso profissionalizante, curso superior completo, pós-graduação);

- * Renda mensal;
- * Como conheceu o parceiro: (bar/discoteca/restaurante, amigos, Internet, agência de encontros, trabalho, outros);
- * Há quanto tempo estão juntos (em meses);
- * Já moram juntos: indica se o respondente reside com o parceiro. Se sim, o respondente diz há quanto tempo, em meses;
- * Quem tomou a iniciativa para o primeiro encontro (homem ou mulher);
- * Número de encontros antes da primeira relação sexual (desde o início da relação);
- * Tempo antes da primeira relação sexual (desde que se conheceram, em semanas);
- * Despesas do casal: indica quem assume as despesas do casal (homem assume praticamente tudo; homem assume maior parte; despesas são sempre divididas igualmente; mulher assume a maior parte; mulher assume praticamente tudo).

Além disso, houve casos em que o sujeito não respondeu a alguma das escalas ou a algum dos itens complementares, ou por esquecimento ou voluntariamente, porque assim o desejou. A fim de fazer melhor uso possível de todas as informações foram utilizadas todas as respostas não-faltantes em todas as análises em que isso se mostrou possível.

2.3 Procedimento

Para a primeira etapa foram contatados alguns cartórios de registro civil de São Paulo e solicitadas autorizações para o desenvolvimento da pesquisa naquele local; conseqüentemente, devido à disponibilidade apresentada, bem como ao fluxo de pessoas nos locais, os dados foram coletados nos cartórios dos bairros de Moema e do Butantã, sendo proveniente deste último a grande maioria dos dados (Anexo III), no período de setembro de 2005 a março de 2006. Os sujeitos (casais) eram abordados no próprio cartório, pela pesquisadora, enquanto aguardavam a sua vez de apresentar os documentos para solicitar e marcar a data do matrimônio civil. A pesquisadora fornecia explicações gerais sobre a pesquisa, verbalmente e por escrito, o tempo de preenchimento das escalas e o anonimato dos sujeitos, bem como outras informações adicionais, quando solicitadas. A participação do casal era sempre voluntária, anônima, e ocorria no próprio local, naquele momento (amostragem por conveniência). Caso concordasse em participar da pesquisa, cada membro do casal era orientado a responder individualmente e de uma só vez todo o material, no local. A taxa de recusa,

de uma maneira geral, foi baixa, sendo que a maioria daqueles que rejeitou, alegou falta de tempo ou dificuldade de compreensão do material devido à própria limitação relacionada ao grau de instrução. Após a finalização, a pesquisadora unia os questionários do casal para não perder esse controle dos pares e para codificá-los posteriormente.

Um consentimento informado escrito, aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa do Departamento de Psicologia Experimental, deveria ser preenchido e assinado; porém, após diversas tentativas, a pesquisadora decidiu não solicitar a identificação com a assinatura dos sujeitos, visto que tal procedimento fazia com que as pessoas se negassem a responder aos questionários. Como os questionários eram anônimos e voluntários e requeriam aproximadamente 10 minutos para preenchimento, sem comprometimento dos sujeitos, optou-se pela não solicitação deste consentimento escrito, o qual os inibia e fazia com que apresentassem um comportamento de esquiva, não se mostrando adequado a uma pesquisa de opinião rápida e não-comprometedora como esta. Porém, todas as explicações contidas no consentimento vinham especificadas no início do material (Anexo I), com a única diferença de que os sujeitos não precisavam se identificar por meio de nome e assinatura.

Durante a segunda etapa, na Itália, o procedimento foi semelhante àquele adotado no Brasil. Todo o material foi revisado e traduzido pela pesquisadora, juntamente com o auxílio de outros pesquisadores italianos que já trabalharam com os mesmos instrumentos. Após esse procedimento foram feitas diversas revisões e, quando surgia alguma dúvida de tradução e adaptação de linguagem, essas eram cuidadosamente discutidas recorrendo-se a pessoas que compreendiam as línguas portuguesa, italiana e inglesa (língua original das escalas do material). Antes do início da coleta de dados o material também foi aplicado, à guisa de teste, em diversas pessoas, solicitando-se que oferecessem um feedback sobre a clareza da linguagem e do conteúdo de todas as questões, bem como possíveis sugestões que pudessem enriquecer a pesquisa. Foram realizados, sempre pela pesquisadora, todos os contatos com algumas “Comune” da cidade de Roma (subprefeituras de Roma espalhadas pela cidade em vários bairros), onde se encontram os chamados “Ufficio Matrimonio” que realizam os procedimentos para a entrada dos papéis de matrimônio civil naquele país. Após os primeiros contatos para verificar o fluxo de pessoas, disponibilidade de entrada da pesquisadora e local apropriado para a

condução da pesquisa, foram então realizados todos os procedimentos legais, éticos e burocráticos para que a pesquisadora pudesse iniciar finalmente a coleta dos dados com os casais em Roma em locais equivalentes aos cartórios do Brasil. Todos os procedimentos de abordagem e coleta foram semelhantes àqueles realizados em São Paulo, já descritos anteriormente. Os dados italianos foram coletados em duas subprefeituras de Roma, localizadas no bairro Africano e no bairro Monte Sacro (Anexo III), sendo que a grande maioria foi proveniente deste último pelas mesmas razões pertinentes a São Paulo, ou seja, era um dos maiores “cartórios” da cidade e com maior fluxo de pessoas, exibindo características demográficas variadas das pessoas do bairro, assim como foi visto em São Paulo, e, além disso, acolheu a pesquisadora com muita abertura e generosidade, promovendo um ambiente bastante facilitador para a realização da pesquisa. A taxa de recusa na Itália foi um pouco maior do que no Brasil, e na maioria das vezes associada à indisponibilidade de tempo, pois nos cartórios de Roma, em geral, os casais tinham dia e horário marcados, diferentemente do que ocorria no Brasil.

Visto que a população italiana apresenta expectativa de vida média entre as mais altas da Europa, 76 anos para os homens e 81 para as mulheres, segundo dados do ISTAT (2005), muitos casais anciãos procuravam o cartório de lá para se casar. Para não apresentar uma máxima de idade muito grande entre os sujeitos do Brasil e da Itália e deixar a amostra das duas metrópoles homogênea em relação a este critério, optou-se por descartar alguns sujeitos italianos com idade superior a 55 anos. Além dos idosos, ocorria um fluxo razoável de casais em que um dos membros ou os dois eram estrangeiros, os quais também foram descartados da amostra, pois a pesquisa tinha como objetivos analisar dados provenientes de brasileiros e italianos das duas metrópoles.

3. Resultados e Discussão

Para a análise dos dados, foram utilizados os programas computacionais SAS 9.1.3. e SPSS 13.0 para Windows.

Foram realizadas análises descritivas e categorizadas dos dados levantados, de forma univariada e multivariada, apresentadas a seguir, buscando-se explorar as

relações entre as variáveis estudadas, sexo e país. Buscou-se também encontrar relações através da interação entre essas variáveis, verificando similaridades e diferenças entre os países e entre os sexos para os estilos de amor, apego, crenças românticas e satisfação. Esta forma de análise, de acordo com as especificidades encontradas na literatura da área, proporcionou uma riqueza maior no agrupamento e exame final de todo o material obtido, que será detalhado separadamente, de acordo com cada escala analisada.

3.1 Características dos sujeitos

As características demográficas e outros dados complementares obtidos dos casais são de grande importância para a caracterização da amostra e serão descritas a seguir de acordo com as diversas tabelas apresentadas, sempre separadas por país e por sexo, e com o n total de respostas. Quando o n não corresponde ao total de sujeitos que participaram da pesquisa anteriormente é porque alguns sujeitos não responderam a determinados itens, seja por distração ou por vontade própria. Também foram incluídas, quando pertinentes àquelas variáveis, as medidas de média, desvio-padrão, mediana, assim como o quartil mínimo e máximo para uma observação clara da amostra de cada metrópole.

Com relação à variável idade, pode-se observar na Tabela 1 que a mediana da amostra coletada no Brasil é menor, 29 anos para os homens e 27 anos para as mulheres; enquanto que na Itália a mediana da idade dos casais é maior, 34 anos para os homens e 31 anos para as mulheres. Observa-se que em Roma os casais se casam mais tarde do que em São Paulo; porém, a diferença entre as medianas da idade do homem e da mulher, em cada país, é bastante semelhante, tendo o noivo no Brasil aproximadamente dois anos a mais do que a noiva e, na Itália, três anos a mais do que a noiva. No entanto, a variabilidade das idades no Brasil é um pouco maior quando observamos as mínimas encontradas para homens e mulheres.

A diferença de idade encontrada na amostra dos dois países concorda com trabalhos citados na literatura que analisam editais de proclamas de casamento, os quais apontam sempre para essa diferença, sendo os homens, em sua expressiva maioria, mais velhos do que as mulheres (Otta et al, 1999; Pawlowski & Dunbar, 1999).

Tabela 1 – Medidas resumo da variável *Idade*, pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália.

<i>Idade (anos)</i>	Brasil			Itália		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Média	28,7	29,7	27,6	33,4	34,7	32,1
Desvio padrão	6,0	6,4	5,5	5,9	5,9	5,7
Mínimo	18	18	18	20	24	20
Q1	25	26	24	29	31	28,3
Mediana	28	29	27	32,5	34	31
Q3	31,5	32	31	36	37	35
Máximo	55	55	55	55	55	55
N	225	114	111	328	164	164

Conforme a Tabela 2, observa-se a distribuição dos noivos em relação ao estado civil. A amostra apresenta, em sua maioria, respondentes solteiros (93% no Brasil e 94% na Itália). Somente 6% deles eram divorciados, tanto no Brasil como na Itália.

Tabela 2 – Distribuição dos sujeitos em relação ao *Estado Civil*, pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália.

<i>Estado Civil</i>	Brasil			Itália		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Solteiro	210 (93%)	103 (91%)	107 (94%)	305 (94%)	151 (93%)	154 (95%)
Divorciado	16 (6%)	9 (8%)	7 (6%)	19 (6%)	11 (7%)	8 (5%)
Viúvo	1 (1%)	1 (1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
N	227	113	114	324	162	162

Em relação à raça, conforme Tabela 3, a amostra apresenta-se na sua maioria branca, sendo que na Itália 99% se descrevem como brancos, e no Brasil, 87%. Os sujeitos que se descreveram como negros e mulatos no Brasil somam 8%, e como asiáticos, 3%. A baixa incidência de pessoas de raça miscigenada no Brasil pode ser explicada pelo fato de que os dados foram coletados em cartórios localizados em regiões de classe média e média-alta, na sua maioria, e em uma região que apresenta moradores brancos. Além disso, foi registrada uma ocorrência curiosa: algumas pessoas, negras ou mulatas (me lembro porque estive presente durante toda a coleta), acabaram não respondendo ao questionário alegando um nível baixo de alfabetização, o que dificultava a leitura e entendimento do mesmo.

Tabela 3 – Distribuição dos sujeitos em relação à *Raça*, pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália.

<i>Raça</i>	Brasil			Itália		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Branco	198 (87%)	102 (89%)	96 (85%)	326 (99%)	164 (100%)	162 (99%)
Negro	6 (3%)	3 (3%)	3 (3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Mulato	11 (5%)	6 (5%)	5 (4%)	1 (0,5%)	0 (0%)	1 (0,5%)
Asiático	8 (3%)	2 (2%)	6 (5%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Outra	4 (2%)	1 (1%)	3 (3%)	1 (0,5%)	0 (0%)	1 (0,5%)
N	227	114	113	328	164	164

Quanto à religião, observa-se na Tabela 4 uma maior variabilidade entre os dois países, sendo que no Brasil constata-se a presença de diversas religiões, embora ainda a maioria também seja católica. A Itália, como esperado, apresenta 89%, a grande maioria, de católicos, somente 9% de ateus/agnósticos, e 2% que declararam outras religiões. Já no Brasil, 46% se declararam católicos, 23% agnósticos/ateus, 16% evangélicos, 8% espíritas e 7% outras religiões.

Tabela 4 – Distribuição dos sujeitos quanto a *Religião*, pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália.

<i>Religião</i>	Brasil			Itália		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Católica	106 (46%)	52 (45%)	54 (47%)	291 (89%)	146 (90%)	145 (88%)
Evangélica	37 (16%)	19 (17%)	18 (16%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Espírita	18 (8%)	9 (8%)	9 (8%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Ateu/Agnóstico	53 (23%)	29 (25%)	24 (21%)	30 (9%)	15 (9%)	15 (9%)
Outras	16 (7%)	6 (5%)	10 (8%)	5 (2%)	1 (1%)	4 (3%)
N	230	115	115	326	162	164

Em relação ao nível de escolaridade observado, a Tabela 5 mostra índices elevados para os dois países, sendo que no Brasil o nível de escolaridade encontrado foi ainda mais alto. Tem-se que 48% e 14% dos respondentes brasileiros possuem curso superior e pós-graduação, respectivamente, enquanto que na Itália esse valor é de 37% e 9%. Embora o Brasil seja um país em desenvolvimento e a Itália um país desenvolvido, esses dados podem ser explicados pela localização do cartório em São Paulo e da classe social das pessoas que o procuram, que, como já foi assinalado anteriormente, seriam indivíduos de classe média e média-alta. Além disso, sabe-se

que no Brasil é muito mais fácil o acesso a universidades particulares e com baixo nível de ensino, embora sejam cursos superiores. Já na Europa e especificamente na Itália, existem poucas universidades, os níveis de ensino são bem mais altos, e é bem mais difícil nelas conseguir ingressar, e nenhuma é totalmente pública.

Tabela 5 – Distribuição dos sujeitos quanto a *Escolaridade*, pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália.

<i>Escolaridade</i>	Brasil			Itália		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
1º grau	5 (2%)	3 (3%)	2 (2%)	37 (12%)	20 (12%)	17 (10%)
2º grau	65 (29%)	38 (33%)	27 (24%)	138 (42%)	77 (47%)	61 (37%)
Curso Profissionalizante	15 (7%)	8 (7%)	7 (6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Superior	110 (48%)	54 (47%)	56 (50%)	122 (37%)	47 (29%)	75 (46%)
Pós Graduação	32 (14%)	12 (10%)	20 (18%)	30 (9%)	19 (12%)	11 (7%)
N	227	115	112	327	163	164

Quando se observa a escolaridade e a distribuição dos casais no Brasil e na Itália, mostradas nas Tabelas 6 e 7, percebe-se que a maioria dos casais brasileiros e italianos é formada por parceiros que possuem escolaridade semelhante. Um aspecto interessante nos dois países a ser observado nas tabelas é que existem várias mulheres portadoras de nível superior que se casam com homens que possuem somente o segundo grau. Infelizmente o questionário não levantou dados sobre a profissão das pessoas, se trabalhavam ou não, e os dados referentes ao salário foram difíceis de ser analisados porque muitas pessoas deixaram de declará-lo. Apesar dessas observações, grandes discrepâncias não foram encontradas e parece transparecer nessa amostra o aspecto da homogamia, pois as pessoas tendem a se unir romanticamente a parceiros semelhantes em vários níveis, de raça, classe social, escolaridade, idade, religião (Amélio, 2001; Mead (1971); Michel, Gagnon, Laumann, & Kolata, 1995).

Tabela 6 – Distribuição conjunta dos *casais* quanto à *Escolaridade* no Brasil.

		Mulheres					Total
		1º grau	2º grau	Curso Profissionalizante	Superior	Pós Graduação	
Homens	1º grau	1	1	1	0	0	3
	2º grau	1	20	2	11	1	35
	Curso						
	Profissionalizante	0	3	1	4	0	8
	Superior	0	2	3	36	12	53
	Pós Graduação	0	0	0	4	7	11
Total		2	26	7	55	20	110

Tabela 7 – Distribuição conjunta dos *casais* quanto à *Escolaridade* na Itália.

		Mulheres					Total
		1º grau	2º grau	Curso Profissionalizante	Superior	Pós Graduação	
Homens	1º grau	6	12	0	2	0	20
	2º grau	9	39	0	27	2	77
	Curso						
	Profissionalizante	0	0	0	0	0	0
	Superior	2	7	0	33	5	47
	Pós Graduação	0	3	0	12	4	19
Total		17	61	0	74	11	163

Quanto à média da renda mensal dos respondentes, não foi possível nenhum tipo de comparação mais acurada devido à diferença de realidade entre os dois países, a diferença na moeda de origem, e, sobretudo, as respostas faltantes para essa questão. Dentre as respostas faltantes, não sabemos se ocorreram porque a pessoa não quis informar ou porque não trabalhava naquele momento. Contudo, a Tabela 8 nos mostra as medidas resumo dos sujeitos que forneceram este dado. Pode-se observar que no Brasil a renda média é de 2.889 reais para os homens e de 2.183 reais para as mulheres; enquanto que na Itália a renda média é de 1.276 euros para os homens, e de 1.653 euros para as mulheres (o valor de 1 euro=2,60 reais, aproximadamente).

Esses valores encontrados na Itália, onde a média de renda das mulheres foi superior a dos homens, provavelmente, deu-se ao fato de que a maioria das mulheres que respondeu à questão trabalhava, e, ademais, foi observado que muitos homens que aparentavam nível mais elevado não responderam a esta questão, enquanto que os homens de nível mais baixo, com rendimentos menores, não se sentiram constrangidos em responder à questão, chegando-se assim a tais números.

Tabela 8 – Medidas resumo da *Renda Mensal* dos sujeitos, pelo total e por sexo, no Brasil e na Itália.

<i>Renda</i>	Brasil (reais)			Itália (euros)		
	Total	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher
Média	2553	2889	2183	1466	1277	1653
Desvio Padrão	2368	2796	1723	700	498	814
Mínimo	300	500	300	300	300	600
Q1	1000	1000	1000	1000	1000	1100
Mediana	2000	2000	1800	1300	1200	1500
Q3	3000	4000	3000	1700	1500	2000
Máximo	20000	20000	8000	5000	4000	5000
N	187	98	89	221	110	111

Pode-se observar, segundo a Tabela 9, que a maioria dos casais, tanto no Brasil quanto na Itália, se conheceram através de amigos em comum: 36% e 52%, respectivamente. Em segundo lugar ficou o ambiente de trabalho, com 17% e 20%, respectivamente, para Brasil e Itália. Depois aparecem também locais, tais como: escola, faculdade, bares, restaurantes e discotecas, viagens, internet, instituição religiosa e outros. Estes resultados seriam esperados, e alguns dados de quatro cidades brasileiras relatados por Amélio (2001), mostram que 37% dos sujeitos entrevistados utilizaram o caminho do relacionamento extra-amoroso pré-existente para conhecer seus três últimos parceiros, ou seja, alguém que frequenta o mesmo ambiente e, provavelmente, apresenta características em comum, o que facilitaria a união, confirmando a alta frequência de casais formados por pessoas semelhantes.

Na maioria dos dados relacionados aos sujeitos deste estudo pode ser observada uma concordância com dados relatados por Amélio (2001), o qual assinala uma característica importante a respeito das estratégias e lugares escolhidos para se encontrar um parceiro, constatando que o uso da internet está disseminado entre as pessoas, homens e mulheres, adultos e jovens, os quais estão fazendo uso deste recurso para encontrarem parceiros adequados, seja para fins de relacionamento duradouro ou somente sexual, porém, levando em consideração o critério da homogamia, que é importante no relacionamento amoroso devido a quatro fatores: eleva a expectativa de que existirá reciprocidade entre as pessoas; aumenta as chances de que o relacionamento alcance longevidade; relaciona-se ao fato de que pessoas parecidas oferecem ao outro lembranças positivas de pessoas queridas em suas vidas; a probabilidade de encontrar no dia-a-dia pessoas mais parecidas e que dividam

interesses semelhantes é maior. Ao conhecer alguém e estabelecer um relacionamento extra-amoroso, tem-se o início de uma relação com alguém que partilha dos mesmos interesses e frequenta o mesmo ambiente. Deste modo, é mais provável que estas pessoas tenham características em comum, o que facilitaria a união entre elas, dado que pesquisas confirmam a alta frequência de casais formados por pessoas semelhantes em relação à raça, escolaridade, idade, nível sócio-econômico, cultural (Michel, Gagnon, Laumann, & Kolata, 1995), o que também apresenta semelhança com os dados relatados neste estudo, no Brasil e na Itália.

Tabela 9 – Distribuição dos casais em relação a *Como se conheceram*, no Brasil e na Itália.

<i>Como se conheceram</i>	Brasil		Itália	
Bar, Discoteca, Restaurante	10	9%	12	7%
Amigos	42	36%	85	52%
Internet	7	6%	5	3%
Escola, Faculdade	12	10%	12	7%
Trabalho	20	17%	33	20%
Viagem, férias	6	5%	6	4%
Instituição religiosa	11	9%	1	1%
Outros	7	6%	9	5%
Não responderam	2	2%	1	1%
N (casais)	117	100%	164	100%

Em relação ao tempo que os casais estão juntos, tem-se que a média de meses na Itália é maior do que no Brasil, como indicado na Tabela 10. No Brasil, a média de tempo juntos antes do casamento é de 47,4 meses (quase quatro anos) e na Itália é de 65,8 (mais de 5 anos). A variabilidade é um pouco maior na Itália; porém, observa-se uma diferença muito grande do tempo mínimo e máximo de namoro nos dois países. Quando observamos as medianas, verificamos, aproximadamente, três anos de namoro no Brasil e um pouco mais de quatro na Itália. Porém, apesar deste tempo mais longo na Itália, observou-se também que lá o número de casais que já moravam juntos antes do casamento é maior do que no Brasil, o que influenciou esta questão pertinente ao tempo juntos.

Parece haver indícios de que os casais na população italiana têm o costume de se relacionar por mais tempo antes do casamento, e mesmo de morarem juntos sem a oficialização da união, resultados estes correlacionados, conforme a Tabela 11, que mostra que a Itália exibe uma porcentagem de casais que já moram juntos antes do

casamento bem maior do que no Brasil (59,2% na Itália contra 33% no Brasil), ou seja, quase o dobro de uniões não oficializadas. Tais dados estão de acordo com o ISTAT (2005), que faz referência ao grande número de uniões informais na Itália, o qual vem aumentando muito nos últimos anos, principalmente nas grandes cidades.

Com o intuito de observar melhor o tempo de união informal antes do casamento, construiu-se a Tabela 12, somente com os casais que responderam que já moravam juntos. Observa-se que na Itália a média de tempo de união informal antes do casamento é de 31,2 meses (cerca de dois anos e meio), enquanto no Brasil esse tempo é menor, 21 meses (menos de dois anos).

Comparando os resultados desta amostra com aqueles apresentados pelo IBGE (2007) e pelo ISTAT (2005), que apontam uma separação/divórcio para cada três casamentos no Brasil, e uma separação/divórcio a cada dois casamentos na Itália, fica difícil afirmar que os italianos, proporcionalmente, apresentam mais uniões informais do que os brasileiros ou por mais tempo, visto que não há dados concretos do número de uniões informais em nenhum dos dois países. Pode se levantar a hipótese de que os italianos, cedo ou tarde, acabam se casando, e os brasileiros podem continuar mais tempo na informalidade da união; contudo, não foram encontrados dados mais detalhados nos dois países, a não ser uma tendência de aumento nas uniões informais entre casais.

Tabela 10 – Medidas das respostas dos casais em relação à questão *Há quanto tempo estão juntos*, no Brasil e na Itália.

<i>Há quanto tempo estão juntos? (medida em meses)</i>	Brasil	Itália
Média	47,4	65,8
Desvio Padrão	36,2	46,8
Mínimo	3	2
Q1	18	24
Mediana	36	53
Q3	72	96
Máximo	156	180

Tabela 11 – Distribuição das respostas dos casais quanto à questão *Já morar juntos ou não*, no Brasil e na Itália.

<i>Já moram juntos?</i>	Brasil		Itália	
Não	76	65%	63	38,4%
Sim	39	33%	97	59,2%
Não Responderam	2	2%	4	2,4%
Total de casais	117	100,0%	164	100,0%

Tabela 12 – Distribuição das respostas dos casais quanto ao *Tempo que moram juntos*, no Brasil e na Itália.

<i>Tempo que moram juntos (em meses)</i>	Brasil	Itália
Média	21,0	31,2
Desvio Padrão	30,7	27,5
Mínimo	1	1
Q1	6	12
Mediana	12	24
Q3	24	48
Máximo	168	108
N (casais)	39	97

Perguntando-se a cada casal sobre quem tomou a iniciativa para o primeiro encontro, se foi o homem ou a mulher, verificou-se que, na grande maioria, foi o homem quem teve a iniciativa, sendo 75% no Brasil e 69% na Itália, respectivamente (Tabela 13). Para os casais dos dois países, em 25% deles foi a mulher quem tomou a iniciativa; na Itália surgiu uma outra categoria interessante, apontada por alguns casais que disseram que a iniciativa partiu de ambos, 6%. Tais dados confirmam que, ainda atualmente, os homens, na maioria dos casos, exercem esse papel de dar o primeiro passo e tomar a iniciativa com vistas ao relacionamento romântico, não importando o país aqui estudado; contudo, a iniciativa das mulheres também pode ser observada como algum sinal de mudança no comportamento feminino.

Tabela 13 – Distribuição das respostas dos sujeitos em relação a *Quem tomou a iniciativa para o primeiro encontro do casal*, no Brasil e na Itália.

<i>Quem tomou a iniciativa?</i>	Brasil	Itália
O homem	163 (75%)	218 (69%)
A mulher	53 (25%)	80 (25%)
Ambos	0 (0%)	17 (6%)
N	216	315

Outro aspecto interessante dos relacionamentos, que mereceu uma indagação aos casais, era sobre a primeira relação sexual destes, seja quanto ao tempo para se chegar a esse primeiro contato sexual no tocante ao número de saídas juntos. O tempo e o número de encontros antes da primeira relação sexual dos casais nos dois países são apresentados nas Tabelas 14 e 15. Essas duas questões semelhantes foram formuladas pela pesquisadora para auxiliar o casal a se lembrar de pelo menos uma delas, visto que ocorreu de se lembrarem do tempo, mas não do número de encontros ou vice-versa. É importante ressaltar que esta primeira questão pertinente ao tempo confundiu um pouco os casais, tanto no Brasil como na Itália, de modo que, muitas vezes, pude perceber, pelos comentários de alguns, que pensavam no tempo desde que se conheceram (mesmo que ainda não namorassem), e outros a partir de quando começaram a namorar (ainda que se conhecessem anteriormente); portanto, há uma dificuldade em interpretar e analisar com mais segurança estes dados. De qualquer maneira, eles nos fornecem uma idéia geral desta característica sexual do casal.

Um outro dado importante observado e relatado por Fisher (2004) relaciona-se a algumas diferenças entre homens e mulheres. A autora aponta que homens respondem mais apaixonadamente a estímulos visuais e mulheres são capazes de lembrar de pequenos detalhes de seus relacionamentos. E, em relação ao número de encontros ou tempo antes da primeira relação sexual, na maioria das vezes o homem questionava a mulher, afirmando que não se lembrava, enquanto ela normalmente se recordava destes detalhes e de outros, partilhando-os com a pesquisadora.

Apesar de apresentarem média de tempo, em semanas, bastante diferente (a brasileira mais do que o dobro da italiana, sendo estas 33,03 e 12,08, respectivamente), o desvio-padrão, nos dois casos, não permite que tal diferença seja considerada significativa, pois é muito alto, sendo o do Brasil 73,54, provavelmente devido a uma resposta isolada, que referiu tempo máximo de 480 semanas e acabou influenciando todas as medidas, juntamente com outras três respostas de 192 semanas (2 pessoas) e 240 semanas. Visto que essas pessoas assinalaram números bem pequenos para a questão seguinte, referente ao número de encontros, muito provavelmente interpretaram como “tempo” decorrido desde que se conheciam. A Itália apresenta um valor mais razoável, porém com desvio-padrão bastante alto.

Já as medidas descritivas dos dois países em relação ao número de encontros estão bem próximas, e novamente pode-se observar que o desvio padrão nos dois

países é alto e impossibilita qualquer conclusão mais consistente sobre estas distribuições. Contudo, podemos inferir que a população estudada, nos dois países, esperou, em média, de cinco a 10 encontros para a primeira relação sexual. Em relação ao tempo, pode-se dizer que entre quatro até 20 semanas, aproximadamente, ou seja, praticamente não foram observados casais que se relacionaram sexualmente logo de início. Tais dados poderiam traduzir alguns aspectos citados pela psicologia evolucionista de que homens buscariam certa “castidade” nas suas parceiras definitivas, o que pode ser verificado nos dois países. A tradução destes dados pode nos fornecer pistas do comportamento humano romântico e reprodutivo na atualidade em relação àquilo que é valorizado para homens e mulheres em uma união duradoura, de acordo, portanto, com estudos interculturais realizados por Buss (1989). Além disso, mesmo alguns que esperaram pouco tempo, conforme os próprios relatos informais feitos à pesquisadora, referiram que já se conheciam há muito tempo, desde o período da infância e adolescência ou do círculo de amizades em comum. Tais informações também traduzem aspectos citados por teorias sociais relacionadas ao papel da mulher, da sua seletividade e da desvalorização do sexo “fácil”, além de outros aspectos “machistas” que ainda podem estar incorporados pela maioria dos homens. Além destes, outros dados discutidos anteriormente sobre quem tomou a iniciativa para o primeiro encontro também revelam os papéis masculinos no relacionamento presentes nos casais estudados, onde espera-se que os homens utilizem estratégias mais diretas na condução do relacionamento (Simon & Gagnon, 1999; Tolhuizen, 1989).

Tabela 14 – Distribuição das respostas dos casais quanto ao *tempo antes da 1ª relação sexual*, no Brasil e na Itália.

<i>Tempo antes de 1ª relação sexual (em semanas)</i>	Brasil	Itália
Média	33,03	12,08
Desvio Padrão	73,54	16,52
Mínimo	1	1
Q1	4	4
Mediana	8	4
Q3	21	12
Máximo	480	96
N	94	124
Sem Relação	10	1
Não responderam	13	39

Tabela 15 – Distribuição das respostas dos casais quanto ao *Número de encontros que tiveram antes da 1ª relação sexual*, no Brasil e na Itália.

<i>Número de encontros antes de 1ª relação sexual</i>	Brasil	Itália
Média	11,73	10,16
Desvio Padrão	16,41	11,79
Mínimo	1	0
Q1	3	3
Mediana	6	6
Q3	12,5	10
Máximo	100	100
N	75	107
Sem Relação	10	1
Não responderam	31	56

Uma curiosidade em relação aos sujeitos que responderam “*sem relação sexual antes do casamento*” é a de que estes, encontrados na sua maioria (10 casais) dentre os respondentes brasileiros, são sujeitos de religião evangélica; porém, observou-se um comportamento de ocultação, algumas vezes, quando pude perceber discordância durante o preenchimento entre o homem e a mulher: o homem escreveu alguma informação, em número ou tempo para a questão, e a mulher chamou a sua atenção, orientando-o para que ele alterasse a resposta. Sendo assim, pode-se inferir que esta população evangélica teve relações sexuais antes do casamento, mas não foi inteiramente sincera ao responder o questionário.

Pode-se deduzir pelos relatos que, interessantemente, apesar da modernidade e da permissividade sexual atual, observou-se que o tempo transcorrido para a ocorrência da primeira relação sexual ficou longe de ser muito estreito para a grande maioria dos casais, mostrando que tal aspecto pode ainda estar sendo valorizado no âmbito de um relacionamento estável, um casamento.

Em relação a um outro item, muitas vezes polêmico entre os casais, que lhes foi perguntado, dizia respeito à divisão de despesas entre o casal e pertinentes aos passeios, jantares, viagens, etc. Na Tabela 16 podemos observar que, na distribuição de respostas, transparece um pouco de discordância entre o homem e a mulher de cada casal no modo de interpretar como se dá a divisão das despesas. Segundo o total de respostas, 51% dos casais (a metade) divide as despesas igualmente, tanto no Brasil como na Itália. Contudo, quase a outra metade refere que o homem assume a maior parte ou praticamente tudo das despesas, com 31% e 15% (total de 46%) na

Itália, respectivamente, e 35% e 13% (total de 48%) no Brasil, também respectivamente. Respostas que referiram a mulher como provedora total ou da maior parte das despesas foram praticamente insignificantes ou nulas. Sendo assim, podemos afirmar que, atualmente, metade dos casais relatou dividir as contas e, na outra metade, o homem ainda continua sendo o provedor total ou quase total, não havendo diferenças nas respostas encontradas nos dois países. Esses resultados parecem confirmar que o papel masculino de provedor ainda está muito presente em nossos dias, e que as mulheres, e porque não dizer também os homens, parecem valorizar essa capacidade masculina de assumir os encargos financeiros (Buss, 1989; Campos, 1999, 2005) e ambos de representarem seus papéis tradicionais, feminino e masculino, nos relacionamentos românticos e na vida social (Mead, 1971). Outro estudo, também citado por Buss (1989), refere-se à característica “gentileza”, que foi considerada muito importante na escolha de parceiros em 37 sociedades, e transparece nos números encontrados nesta amostra, nos dois países, onde pelo menos metade dos homens assume tudo ou a maior parte das despesas do casal. O comportamento masculino de “pagar as contas”, neste estudo de Buss descrito e na sociedade, de um modo geral, pode ser visto por uma grande parte das mulheres, e até dos homens, como uma forma de “gentileza”, embora não a única (além do fato que poderia estar mais relacionado a pressões do ambiente social e evolutivo, e não a um tipo de comportamento altruísta ou simplesmente “gentil” e sem outros objetivos). Futuros estudos poderiam explorar melhor estas questões no dia a dia dos relacionamentos e sua real funcionalidade.

Tabela 16 – Distribuição das respostas dos sujeitos em relação à *Divisão de despesas do casal*, no Brasil e na Itália.

<i>Divisão das Despesas do casal</i>	Brasil						Itália					
	Total		Homens		Mulheres		Total		Homens		Mulheres	
Homem assume tudo	34	(15%)	17	(15%)	17	(15%)	44	(13%)	20	(15%)	24	(12%)
Homem assume maior parte	71	(31%)	39	(34%)	32	(28%)	114	(35%)	61	(32%)	53	(37%)
Despesas divididas igualmente	117	(51%)	54	(47%)	63	(55%)	165	(51%)	81	(52%)	84	(50%)
Mulher assume maior parte	7	(3%)	5	(4%)	2	(1%)	3	(1%)	1	(1%)	2	(1%)
Mulher assume tudo	1	(0,4%)	0	(0%)	1	(1%)	0	(0%)	0	(0%)	0	(0%)
N	230		115		115		326		163		163	

Após a caracterização dos sujeitos, foi realizada uma análise descritiva e inferencial com as escalas utilizadas neste trabalho. O principal objetivo da análise inferencial é detectar possíveis diferenças entre as médias dos escores de cada sexo e de cada país, para cada uma das quatro partes do questionário (escalas).

Para a avaliação e descrição das quatro escalas utilizadas optou-se por trabalhar com as médias dos escores para cada um dos quatro estilos, para se obter uma maior precisão na observação, análise e apresentação dos resultados.

Para as respostas dos Estilos de Amor, utilizou-se o Modelo Linear Gaussiano para Medidas Repetidas (Anexo II – Modelo 1), e para as três partes restantes foi utilizado o modelo de dados categorizados com medidas repetidas (Anexo II – Modelo 2), tendo como variável resposta a média do escore e como variáveis independentes o país e o sexo. Como a variável resposta *escore* assume poucos valores inteiros, por exemplo, de 1 a 7 (para os estilos de apego), os modelos usuais de análise de variância, apropriados para variáveis resposta contínuas, não devem ser utilizados. Entretanto, é importante ressaltar que o modelo linear para dados categorizados proposto permite testar efeitos de sexo e país sobre o escore médio para cada estilo sem assumir suposições inválidas.

A análise das médias dos escores para cada uma das escalas seguiu a seguinte estratégia:

- Primeiramente, foram calculadas as médias para cada sexo e país.
- Com esses resultados foi realizado um teste de ausência de efeito de interação de sexo e país sobre a resposta média, o que significa dizer, neste caso, que a diferença entre as respostas médias de homens e mulheres é a mesma para ambos os países, ou, equivalentemente, que a diferença entre as respostas médias para Brasil e Itália é a mesma para ambos os sexos.
- Em caso de ausência de efeito de interação sobre a resposta média, foi testada a igualdade das respostas médias de homens e mulheres e das respostas médias para o Brasil e Itália. Em caso de diferença significativa entre as respostas médias de homens e mulheres, dizemos que há efeito significativo de sexo sobre a resposta média. Em caso de diferença significativa entre as respostas médias da Itália e Brasil, dizemos que há efeito significativo de país sobre a resposta média. Com estes resultados poderemos inferir o que influencia mais as respostas, se o sexo ou a cultura, representada neste

trabalho pelo país de origem dos respondentes.

- Em caso de efeito significativo de interação entre sexo e país sobre a resposta média, foi testada a igualdade das respostas médias para homens e mulheres em cada país, ou seja, efeito de sexo sobre a resposta média em cada país, e foi testada a igualdade das respostas médias de Brasil e Itália para cada sexo.

Foram considerados efeitos significativos de interação aqueles com nível descritivo de significância $p < 0,10$, pois esse efeito foi visualizado na análise gráfica das médias e confirmou-se o efeito de sexo em cada país, e efeito de país para cada sexo. Para a análise dos efeitos principais, foi considerado o nível descritivo de significância $p < 0,05$.

No modelo, cada uma das possíveis respostas corresponde a uma categoria, e o fator medidas repetidas foi considerado, pois a variável resposta é o cruzamento das respostas dos homens e das mulheres.

3.2 Estilo de Apego

Utilizando-se os critérios de classificação definidos anteriormente, calculou-se a distribuição das médias dos estilos de apego na amostra.

Tabela 17 – Medidas resumo dos valores totais atribuídos a cada afirmativa na escala de estilos de apego, no Brasil e na Itália.

	<i>Seguro</i>		<i>Rejeitador</i>		<i>Preocupado</i>		<i>Medroso</i>	
	Brasil	Itália	Brasil	Itália	Brasil	Itália	Brasil	Itália
Média	4,07	4,07	3,39	3,33	4,12	3,27	3,29	2,80
Desvio Padrão	1,69	1,62	1,91	1,87	1,92	1,75	1,99	1,79
Mínimo	1	1	1	1	1	1	1	1
Q1	3	3	2	2	2	2	1	1
Mediana	4	4	3	3	4	3	3	2
Q3	5	5	5	5	6	5	5	4
Máximo	7	7	7	7	7	7	7	7
Não respondeu	18	6	18	6	19	6	18	6
N	216	322	216	322	215	322	216	322

Analisando a Tabela 17, observa-se que a média geral maior é a do estilo preocupado no Brasil (4,12) e a menor é a do estilo medroso na Itália (2,80). Conforme a tabela, as médias gerais que parecem apresentar diferenças nos dois

países referem-se aos estilos preocupado e medroso, enquanto que aquelas dos estilos seguro e rejeitador parecem iguais ou muito próximas. Quando observamos os valores da média e da mediana dos escores gerais é possível inferir que os casais respondentes tendem a apresentar escores maiores para a afirmativa que representa o estilo seguro (mediana 4 nos dois países), e, além disso, no Brasil, o escore preocupado também apresentou mediana 4, semelhante à do seguro.

Para uma população que se encontra em um relacionamento longo e estável pode-se dizer que foram identificados escores razoavelmente altos para outros estilos inseguros. Segundo Holmes (1993), tal comportamento inseguro poderia estar relacionado aos aspectos individualistas da cultura ocidental. Ademais, o stress relacionado ao matrimônio também poderia estar influenciando em algumas respostas. Ao observamos a Tabela 18, abaixo, com as medidas dos escores dos estilos de apego para os homens, também podem ser notadas diferenças maiores nos escores dos estilos preocupado e medroso, para os dois países. Para as mulheres observa-se o mesmo, conforme as medidas da Tabela 19.

Tabela 18 - Medidas resumo dos valores atribuídos a cada afirmativa na escala de estilos de apego para os homens, no Brasil e na Itália.

	<i>Seguro</i>		<i>Rejeitador</i>		<i>Preocupado</i>		<i>Medroso</i>	
	Brasil	Itália	Brasil	Itália	Brasil	Itália	Brasil	Itália
Média	4,10	4,12	3,66	3,50	4,16	3,09	3,20	2,75
Desvio Padrão	1,69	1,60	1,90	1,90	1,93	1,75	1,94	1,79
Mínimo	1	1	1	1	1	1	1	1
Q1	3	3	2	2	2	2	1	1
Mediana	4	4	4	3	4	3	3	2
Q3	5	5	5	5	6	4	5	4
Máximo	7	7	7	7	7	7	7	7
Não respondeu	8	3	8	3	8	3	8	3
N	109	161	109	161	108	161	109	161

Tabela 19 - Medidas resumo dos valores atribuídos a cada afirmativa na escala de estilos de apego para as mulheres, no Brasil e na Itália.

	<i>Seguro</i>		<i>Rejeitador</i>		<i>Preocupado</i>		<i>Medroso</i>	
	Brasil	Itália	Brasil	Itália	Brasil	Itália	Brasil	Itália
Média	4,04	4,03	3,12	3,16	4,08	3,45	3,37	2,86
Desvio Padrão	1,69	1,64	1,89	1,83	1,93	1,73	2,04	1,78
Mínimo	1	1	1	1	1	1	1	1
Q1	3	3	1	2	3	2	1	1
Mediana	4	4	3	3	4	3	3	2
Q3	5	5	4	4,5	6	5	5	4
Máximo	7	7	7	7	7	7	7	7
Não respondeu	10	3	10	3	10	3	10	3
N	107	161	107	161	107	161	107	161

Para testar as diferenças das médias por sexo e país nos estilos de apego, utilizou-se o programa SAS 9.1 para o Modelo de Dados Categorizados com medidas repetidas (Anexo II – Modelo 2), considerando como medida repetida as notas obtidas da mulher e do homem para cada estilo. Para verificação das medidas preditas e dos índices de interação foi feito o teste de Wald, que verifica os efeitos principais e de interação entre sexo e país. Observa-se na Tabela 20 as médias preditas pelo teste, assim como o erro padrão e os intervalos de confiança (I.C.).

Tabela 20 – Medidas resumo preditas pelo modelo para as médias dos escores dos estilos de apego.

	País	Sexo	Média	Erro Padrão	I.C. (intervalo de confiança)
<i>Seguro</i>	Brasil	Homens	4,06	0,07	[3,92 ; 4,20]
		Mulheres	4,06	0,07	[3,92 ; 4,20]
	Itália	Homens	4,06	0,07	[3,92 ; 4,20]
		Mulheres	4,06	0,07	[3,92 ; 4,20]
<i>Preocupado</i>	Brasil	Homens	4,12	0,16	[3,81 ; 4,55]
		Mulheres	4,12	0,16	[3,70 ; 4,43]
	Itália	Homens	3,70	0,16	[2,82 ; 3,38]
		Mulheres	3,70	0,16	[3,18 ; 3,73]
<i>Rejeitador</i>	Brasil	Homens	3,57	0,11	[3,34 ; 3,80]
		Mulheres	3,18	0,11	[2,95 ; 3,41]
	Itália	Homens	3,57	0,11	[3,34 ; 3,80]
		Mulheres	3,18	0,11	[2,95 ; 3,41]
<i>Medroso</i>	Brasil	Homens	3,34	0,15	[3,04 ; 3,64]
		Mulheres	3,34	0,15	[3,04 ; 3,64]
	Itália	Homens	2,77	0,10	[2,57 ; 2,97]
		Mulheres	2,77	0,10	[2,57 ; 2,97]

Tabela 21 – Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais dos estilos de apego.

	Efeito de Interação	Efeito de País	Efeito de Sexo
<i>Seguro</i>	0,7414	0,7056	0,8769
<i>Rejeitador</i>	0,5996	0,2589	0,016
<i>Medroso</i>	0,9835	< 0,01	0,4483
<i>Preocupado</i>	0,1368	< 0,0001	0,1813

Para os quatro estilos de apego não foram encontrados efeito de interação entre o país e o sexo, conforme observado na Tabela 21.

Para o estilo seguro não foi detectado qualquer tipo de efeito, tanto de interação ($p=0,7414$) quanto dos efeitos das variáveis sexo ($p=0,8769$) e país (0,7056). Para todos os casos, homens brasileiros, homens italianos, mulheres brasileiras e mulheres italianas as médias do estilo seguro são muito semelhantes. A média predita dos escores para este estilo é igual a 4,06, com erro padrão de 0,07 (Tabela 20 e 21 e Figura 1), igual para homens e mulheres, nos dois países. Como não há nenhum tipo de efeito para este estilo é possível observar na Figura 1 que as retas são muito próximas.

Estas médias elevadas para o estilo seguro demonstram concordância com recente estudo de Schmitt (2004), que acredita que este estilo seja aquele classificado com os mais altos escores através de diferentes culturas.

Figura 1 – Gráfico do perfil das médias para o estilo de apego *Seguro*, com intervalos de confiança.

Para o estilo rejeitador, tem-se que não há evidências de efeito de interação ($p=0,5996$), mas foi detectado efeito de sexo ($p=0,016$). Não há indícios de efeito de

país ($p=0,2589$), conforme Tabela 21. A média predita para os homens foi igual a 3,57, com erro padrão de 0,11, e a média predita para as mulheres foi igual a 3,18, com erro padrão de 0,11 (Tabela 20). Na Figura 2 pode ser observado o desnível das retas devido aos valores mais altos dos escores para os homens, ou seja, pode-se afirmar que homens apresentam escores significativamente maiores do que o das mulheres, tanto no Brasil como na Itália. Pode-se interpretar tais dados afirmando que homens mostram-se mais “desapegados”, mais distantes nos relacionamentos do que as mulheres, independente do país de origem. Schmitt (2003) investigou diferenças entre homens e mulheres em relação ao apego rejeitador em 62 culturas e também encontrou diferenças; porém, pequenas e moderadas, na grande maioria delas. Nos Estados Unidos, Itália e Brasil essas diferenças são moderadas, ficando entre 0,3 a 0,5, conforme dados específicos para estes países, ainda não publicados. Buss (1994) argumenta que esse “desapego” masculino pode ser visto como um aspecto de comportamento desenvolvido nos relacionamentos românticos que serviria para proteger o homem das investidas femininas de fidelidade e comprometimento.

Figura 2 – Gráfico do perfil das médias para o estilo de apego *Rejeitador*, com intervalos de confiança.

Em relação ao estilo medroso, não foi detectado efeito de interação entre país e sexo ($p=0,9835$). Entretanto, foi detectado efeito de país para as médias dos escores deste estilo ($p < 0,01$), mas não foi detectado efeito de sexo ($p=0,4483$) (Tabela 21). Na Figura 3 pode-se notar que as médias observadas parecem condizer com as médias preditas pelo teste. O Brasil apresentou a estimativa de 3,34 para a média, com 0,15 de erro padrão. A Itália apresentou a estimativa de 2,77 para a média, com erro padrão 0,10 (Tabela 20). Pode ser dito que os sujeitos brasileiros se identificam

mais com as características do estilo medroso do que os sujeitos italianos, independente do sexo. Também se pode inferir que os casais brasileiros apresentam maiores níveis de distanciamento e ansiedade do que os casais italianos, características deste estilo medroso. Tais resultados se assemelham aos relatados por Schmitt (2007), que relata ter encontrado médias mais altas no Brasil do que na Itália para o estilo medroso.

Figura 3 – Gráfico do perfil das médias para o estilo de apego *Medroso*, com intervalos de confiança.

Para o estilo preocupado, não foi detectado efeito de interação entre o país e o sexo ($p=0,1368$). Foi detectado efeito de país ($p<0,0001$), ou seja, os casais brasileiros apresentam escores significativamente maiores do que os casais italianos no estilo preocupado, mostrando que se identificam mais com este estilo, caracterizado por altos níveis de ansiedade e baixo distanciamento.

Não foi detectado efeito de sexo ($p=0,1813$) (Tabela 21), contudo, pode-se inferir, observando a Figura 4, que as mulheres italianas teriam uma tendência a se identificarem mais com o estilo preocupado do que os homens italianos. Na Tabela 20 tem-se as medidas preditas para os dois sexos, em cada país.

Figura 4 – Gráfico do Perfil das médias para o estilo de apego *Preocupado*, com intervalos de confiança.

Os índices elevados de outros estilos que não o seguro entre os casais da amostra parecem divergir, pelo menos em parte, daqueles apontados em estudos que relacionam o apego seguro a relacionamentos longos e estáveis, e apegos inseguros a relacionamentos curtos e instáveis (Belsky, 1999; Brennan & Shaver, 1995). Apesar de esta amostra referir-se a casais bastante estáveis, também foram encontrados altos escores para apegos inseguros, principalmente no Brasil. Talvez a própria situação do casamento possa ser desencadeante de diversos tipos de stress, os quais poderiam de alguma forma estarem associados aos modelos mais inseguros naquele determinado momento de vida, que pode ser caracterizado por certa vulnerabilidade. Schmitt (2007), em seus estudos interculturais ainda não publicados, assinala que, nos Estados Unidos, na Itália e no Brasil os homens tendem a ser mais preocupados e rejeitadores do que as mulheres.

Ainda em relação à alta incidência de apegos inseguros nesta amostra de noivos, mais especificamente no Brasil, com estilos que apresentam altos níveis de ansiedade (preocupado e medroso), podemos pensar no apego como algo que pode se modificar através do tempo, do relacionamento e da figura com quem nos relacionamos. Quando refletimos sobre a proposição de Bowlby (1989), alusiva à natureza do laço de apego, parecem despontar dois aspectos importantes a serem observados no largo contexto dos relacionamentos: o primeiro sugere que o laço de apego poderia estar refletindo somente um aspecto do relacionamento com o outro, ou seja, o comportamento que lida com segurança e proteção em um período de stress. Além de servir como figura de apego, o outro serviria também como companhia no aspecto lúdico, como aquele que pode nos fazer rir, nos ensinar algo,

no aspecto disciplinador e de crescimento, exercendo assim diversos papéis que coexistiriam na dinâmica de um relacionamento romântico entre um casal, conforme observado por Cassidy (1999); segundo, um laço real de apego pode ainda não existir em um relacionamento romântico, mesmo que exista neste um forte componente de apego. Um laço real de apego é algo forte, dotado de grande sofisticação cognitiva e com recursos que podem ser adquiridos e modificados com a idade e o tempo, dependendo das condições individuais de cada membro do casal, do ambiente e da história de relacionamentos anteriores de cada um, românticos ou não (Kobak, 1999). Estes aspectos podem sempre ser desenvolvidos em relacionamentos paralelos ou posteriores, não necessariamente românticos, fato que pode ser visto como um traço positivo no desenvolvimento do ser humano para que a sobrecarga de afeto não seja colocada somente sobre uma figura, e que o desconforto gerado por uma possível perda suscite enormes prejuízos emocionais.

Uma outra possível explicação para o fato de terem sido encontrados escores altos para o estilo de apego rejeitador, tanto em Roma quanto em São Paulo, poderia estar relacionada a um tipo de comportamento cada dia mais individualista da cultura ocidental, onde muitas coisas que parecem sólidas, muitas vezes, podem acabar derretendo-se no ar. Nos tempos atuais de violência, ruptura e desagregação de relacionamentos e famílias, ao lado da liberdade e independência pessoal, parece cada vez mais difícil encontrar um refúgio seguro que possamos contar em todos os aspectos da nossa vida (Holmes, 1993). Além disso, em relação aos níveis elevados de ansiedade, presentes nos estilos preocupado e medroso, no Brasil, o erotismo latente e a idéia de maior liberdade sexual poderiam também contribuir para a presença de estilos de apego mais inseguros, para homens e mulheres, suscitando maiores níveis de desconfiança e ansiedade nos relacionamentos amorosos.

Pode-se também pensar na hipótese de que o elevado índice de sujeitos com altos escores para o estilo preocupado poderia estar relacionado à paixão, estado que também envolve ansiedade. A observação de Fisher (2004) sobre os componentes químicos do apego possuem efeitos muito complexos no desejo sexual e nos sentimentos de paixão romântica, pode sugerir que, como a grande maioria dos casais enquadra-se no estilo Eros e tem altos escores de satisfação relacionada à paixão, provavelmente, estes laços mais profundos que estariam relacionados ao apego seguro poderão aparecer com o passar do tempo, após o casamento. Estes

seriam, sem dúvida, aspectos interessantes a serem investigados em um estudo longitudinal com os casais aqui considerados. Neste momento, essa relativa ambivalência presente no estilo de apego preocupado poderia até contribuir para manter, de alguma forma, a paixão.

Um outro aspecto relevante a ser discutido refere-se ao material utilizado para a medida do apego romântico adulto. Sabe-se que instrumentos auto-aplicativos podem apresentar certa limitação na medida de determinadas variáveis. Embora tenha sido verificado que o questionário adotado para a medida de estilo de apego romântico adulto apresente algumas dificuldades de aplicação (e que foram levantadas pelos próprios sujeitos, principalmente na Itália, onde a pesquisadora teve um contato mais direto e longo com cada casal que participou da pesquisa), conforme apontado por Brennan, Clark e Shaver (1998), seria mais adequado utilizar uma medida de apego romântico mais comumente utilizada e citada na literatura, que foi aquela aqui adotada pela pesquisadora, e que permite dois tipos de análise: seja de escolha simples e forçada por um estilo, seja de escala de valores numéricos para cada um dos quatro itens (a qual foi utilizada baseando-se nos escores médios para não prejudicar a análise de dados quando houvesse multiplicidade de estilos). Ambas propiciam uma visão dos modelos de funcionamento interno, de si e do outro, associados ao grau de ansiedade e distanciamento nos relacionamentos.

Um aspecto interessante a ser citado refere-se às dificuldades relatadas por alguns sujeitos, que apontaram uma dificuldade relacionada ao conteúdo de mais de uma idéia embutida em cada uma das quatro afirmativas que deveriam ser valoradas poderiam apresentar, podendo causar certa confusão e dificuldade na avaliação, como por exemplo: um indivíduo poderia ser 100% de acordo com a primeira metade de uma afirmativa e 0% de acordo com a segunda metade da mesma; porém, no momento de categorizar, o pesquisador acabaria por não saber qual seria a metade referente à concordância ou discordância.

Respondendo a uma das questões da pesquisa sobre quais os estilos de apego característicos de homens e mulheres nos dois países, pode-se dizer que o estilo seguro apresentou altas médias, tanto na Itália quanto no Brasil, sendo que neste último ficaram evidentes também altas médias para o estilo preocupado.

3.3 Crença Romântica

Para a escala de crença romântica optou-se pela análise dos escores totais, ou seja, a somatória de respostas que eram esperadas para a presença da crença, nas sete afirmativas.

Podem ser observados os escores dos sujeitos nas figuras 5 e 6, que representam a distribuição dos escores de respostas obtidas, no Brasil e na Itália, por sexo (que poderiam variar de 0 a 7), de acordo com o que seria esperado para a presença da crença romântica, indicando que parece existir, de um modo geral, uma concordância alta com as respostas esperadas.

No Brasil, conforme a Figura 5, pode-se observar que uma grande parcela de sujeitos apresentou escores de respostas concentrados entre 3 e 7, sendo os escores das mulheres superiores ao dos homens nos valores 6 e 7, e os escores dos homens superiores ao das mulheres nos outros valores mais baixos.

Figura 5 – Distribuição dos escores de crença no amor romântico, para homens e mulheres, no Brasil.

Na Itália, conforme observado na Figura 6, a concentração dos escores está entre 4 a 7. A Itália parece apresentar uma concordância maior com as respostas esperadas, ou seja, os italianos parecem concordar mais com as crenças. Além disso, o percentual de pessoas com todas as respostas consideradas esperadas (escore 7) é maior na Itália do que no Brasil, principalmente para os homens.

Figura 6 – Distribuição dos escores de crença no amor romântico, para homens e mulheres, na Itália.

Após a observação da distribuição dos escores, pode ser observada a Tabela 22, que apresenta as médias dos escores totais para homens e mulheres, nos dois países. Como já comentado anteriormente, e sabendo-se que o valor máximo de escore a ser obtido seria 7, verificam-se índices elevados nos dois países, sendo que na Itália a média total dos escores ($M=5,56$) é mais elevada do que no Brasil ($M=4,97$). Além disso, observa-se que a mediana e o quartil mínimo na Itália são mais altos do que no Brasil em um ponto.

Em relação à média dos escores relacionada à crença no amor romântico por sexo, nos dois países, as mulheres italianas são as que apresentaram a maior média ($M=5,61$) e os homens brasileiros são os que apresentaram a menor média nos escores ($M=4,70$). Observa-se que no Brasil a diferença de médias dos escores entre os sexos é maior do que na Itália, sendo a média das mulheres também maior do que a dos homens.

Tabela 22 – Média dos escores totais de crença romântica para homens e mulheres, no Brasil e na Itália.

<i>Crença Romântica</i>	Brasil			Itália		
	Total	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem
Média	4,97	5,23	4,70	5,56	5,61	5,50
Desvio Padrão	1,39	1,33	1,41	1,20	1,24	1,15
Mínimo	0	2	0	1	1	2
Q1	4	4	4	5	5	5
Mediana	5	5	5	6	6	6
Q3	6	6	6	7	7	6
Máximo	7	7	7	7	7	7
N	229	115	114	327	163	164
Não responderam	5	2	3	1	1	0

Para verificar e testar os efeitos de interação entre o país e o sexo e efeitos principais foi utilizado o mesmo modelo de dados categorizados (Anexo II – Modelo 2), que considera como medida repetida as notas obtidas da mulher e do homem de um mesmo casal. Para verificação das medidas preditas e dos índices de interação foi feito o teste de Wald, que verifica os efeitos principais e de interação entre sexo e país. Observa-se na Tabela 23 as médias preditas pelo teste, assim como o erro padrão e os intervalos de confiança (I.C.).

Tabela 23 – Medidas resumo preditas pelo modelo para as médias dos escores da crença no amor romântico.

	País	Sexo	Média	Erro Padrão	I.C. (intervalo de confiança)
Crença	Brasil	Homens	4,61	0,15	[4,32 ; 4,90]
		Mulheres	5,23	0,12	[4,99 ; 5,48]
	Itália	Homens	5,50	0,09	[5,33 ; 5,68]
		Mulheres	5,61	0,10	[5,42 ; 5,80]

Tabela 24 – Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais do modelo para as médias dos escores da crença no amor romântico.

	Efeito de Interação		Efeito de País		Efeito de Sexo
Crença Romântica	0,02	Feminino	0,0158	Brasil	0,0009
		Masculino	< 0,0001*	Itália	0,0009

Considerando o nível de significância $p < 0,10$, pode-se detectar que existe efeito de interação entre sexo e país ($p = 0,02$). Além disso, há evidências do efeito de sexo para o Brasil e para a Itália ($p = 0,0009$ e $p = 0,0009$, para Brasil e Itália os mesmos valores), e efeito de país para os homens ($p < 0,0001$) e para as mulheres ($p = 0,0158$), conforme descrito na Tabela 24.

Figura 7 – Gráfico do perfil das médias para a crença romântica, para homens e mulheres, no Brasil e na Itália, com intervalos de confiança.

A Figura 7 auxilia a visualizar tais efeitos, sendo possível observar o afastamento das retas dos dois países. Também se nota que a diferença entre as médias das mulheres é menor que a diferença entre as médias dos homens, sendo esta última bem maior e bastante caracterizada na Figura 7, resultando em coeficientes angulares diferentes e, assim, caracterizando uma interação entre as variáveis. As médias preditas e seus respectivos intervalos de confiança podem ser vistos na Tabela 23.

É interessante notar que a significância estatística observada aqui, principalmente em relação à diferença das médias de homens e mulheres na Itália, pode não estar demonstrando uma significância prática passível de generalização, já que esta diferença é bem pequena e o erro padrão de cada valor predito é de 0,10 e 0,9. As medidas de italianos e italianas podem ser correlacionadas e o modelo leva isso em conta, reduzindo assim a variância do efeito de sexo em cada país, principalmente na Itália.

Respondendo à uma das questões da pesquisa sobre quem seria mais romântico, verifica-se que os homens e mulheres italianos são mais românticos do que os homens e mulheres brasileiros, e as mulheres mais românticas do que os homens nos dois países.

3.4 Estilos de Amor

Para esta escala do questionário, tem-se que as notas dos respondentes para cada estilo de amor podem variar em valores escalares entre 4 e 20.

Através de uma análise descritiva pode-se observar a distribuição geral dos escores de estilos de amor nas duas metrópoles estudadas, Brasil e Itália, respectivamente, conforme as Tabelas 25 e 26, abaixo. Para esta escala, assim como a de estilos de apego, optou-se por trabalhar com os escores em cada estilo devido à possibilidade de multiplicidade de estilos de amor, fato que pode ocorrer, visto que os estilos podem ser complementares. O número de ocorrências de multiplicidade de categoria é bastante semelhante entre homens e mulheres nos dois países.

Conforme as Tabelas 25 e 26, observa-se claramente a incidência bastante elevada e dominante do estilo *Eros*, com as maiores médias de escores gerais, tanto no Brasil quanto na Itália, com valores de 17,04 e 17,52, respectivamente. Tais resultados sugerem fortes evidências do predomínio deste estilo *Eros* na população dos dois países, entre casais de relacionamento estável. Esta hipótese se confirma ainda mais ao observarmos as baixas variâncias das médias do estilo *Eros* e o primeiro quartil de valor 16, bastante alto nos dois países, respondendo, desta forma, a uma das questões iniciais relacionada ao estilo de amor característico nos dois países, sendo na Itália ainda mais forte, conforme será discutido posteriormente.

O estilo *Ágape* foi o segundo maior pontuado na população geral italiana, com valores de média 14,45. Já no Brasil, o estilo *Ágape* e o estilo *Estorge* encontram-se praticamente empatados em segundo lugar na pontuação, com valores de média 13,03 e 13,00, respectivamente.

Nos dois países os sujeitos atribuíram os valores dos escores médios mais baixos para o estilo *Ludus*, mostrando que quase não se identificam com este estilo. No Brasil a média é de 9,58, e na Itália, de 8,67, sendo ainda mais baixa. A alta rejeição deste estilo pode ser vista como esperada, visto a situação dos respondentes, que se encontram engajados em um relacionamento sério e estável.

Tabela 25 – Distribuição geral dos escores de estilos de amor no Brasil.

	<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Estorge</i>	<i>Mania</i>	<i>Pragma</i>	<i>Ágape</i>
Média	17,04	9,58	13,00	12,02	10,74	13,03
Desvio Padrão	2,45	2,95	4,46	3,06	3,39	3,84
Mínimo	8	4	4	4	4	4
Q1	16	8	10	10	8	10
Mediana	18	10	13	12	11	13
Q3	19	12	17	14	13	16
Máximo	20	19	20	19	20	20
Não respondeu	7	7	7	7	7	7
N	227	227	227	227	227	227

Tabela 26 – Distribuição geral dos escores de estilos de amor na Itália.

	<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Estorge</i>	<i>Mania</i>	<i>Pragma</i>	<i>Ágape</i>
Média	17,52	8,67	9,83	12,22	10,63	14,45
Desvio Padrão	2,13	2,49	4,35	3,01	3,66	3,18
Mínimo	10	4	4	5	4	4
Q1	16	7	6	10	8	12
Mediana	18	8	9	12	11	14
Q3	19	10	13	14	13	17
Máximo	20	18	20	20	20	20
Não respondeu	2	2	2	2	2	2
N	326	326	326	326	326	326

Quando observamos a distribuição dos estilos de amor no Brasil, separadamente, por sexo (Tabelas 27 e 28), as médias dos escores do estilo *Eros* também são as mais altas e predominantes, além de muito próximas para homens e mulheres brasileiros, 17,05 e 17,03, respectivamente.

Ainda no Brasil, para os homens, o segundo estilo mais encontrado, com as maiores médias, foi o *Ágape* (14,05), seguido pelo *Estorge* (12,58), o *Mania* (11,69) e o *Pragma* (10,38). O estilo com os menores escores médios foi o *Ludus*, com valores de 9,97.

As mulheres brasileiras, diferentemente dos homens brasileiros, apresentam como segundo estilo com maior média o *Estorge* (13,43), seguido do *Mania* (12,34). Somente após esses, em quarto colocado, vem o estilo *Agape* (12,01), seguido do *Pragma* (11,11). Assim como para os homens brasileiros, o estilo *Ludus* é o último colocado entre as mulheres brasileiras, com a média de escore de 9,18, um pouco mais baixa que a média dos homens brasileiros.

Tabela 27 – Distribuição dos escores de estilos de amor para os homens, no Brasil.

	<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Estorge</i>	<i>Mania</i>	<i>Pragma</i>	<i>Ágape</i>
Média	17,05	9,97	12,58	11,69	10,38	14,05
Desvio Padrão	2,43	3,04	4,38	2,83	3,51	3,71
Mínimo	10	4	4	4	4	5
Q1	15,5	8	9	10	8	12
Mediana	18	10	12	12	10	14
Q3	19	12	16	14	13	17
Máximo	20	19	20	18	20	20
Não respondeu	4	4	4	4	4	4
N	113	113	113	113	113	113

Tabela 28 – Distribuição dos escores de estilos de amor para as mulheres, no Brasil.

	<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Estorge</i>	<i>Mania</i>	<i>Pragma</i>	<i>Ágape</i>
Média	17,03	9,18	13,43	12,34	11,11	12,01
Desvio Padrão	2,48	2,83	4,52	3,24	3,25	3,70
Mínimo	8	4	4	4	4	4
Q1	16	7	10	11	9	9,75
Mediana	17	9	14	12	11	12,5
Q3	19	11	17	15	14	14
Máximo	20	16	20	19	18	20
Não respondeu	3	3	3	3	3	3
N	114	114	114	114	114	114

Na Itália, a distribuição dos estilos de amor por sexo (Tabelas 29 e 30) também apresenta as médias mais altas de escores para o estilo *Eros*, sendo também muito próximas para homens e mulheres italianos, 17,54 e 17,50, respectivamente. Estes valores italianos são um pouco mais altos do que os brasileiros.

Para os homens italianos, o segundo estilo mais encontrado, com as maiores médias, também foi o *Ágape* (15,05), seguido pelo estilo *Mania* (12,12), o *Pragma* (10,21) e o *Estorge* (9,61). O último estilo, com as médias dos escores menores, foi também o *Ludus*, com valores de 8,69.

As mulheres italianas, assim como os homens italianos, apresentam como segundo estilo, com maior média, o *Ágape* (13,85), que vem seguido do estilo *Mania* (12,31), do *Pragma* (11,05) e do *Estorge* (10,04). O estilo *Ludus* também é o último colocado entre as mulheres italianas, com a média de escore de 8,66, praticamente semelhante à média dos homens italianos.

Tabela 29 – Distribuição dos escores de estilos de amor para os homens, na Itália.

	<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Estorge</i>	<i>Mania</i>	<i>Pragma</i>	<i>Ágape</i>
Média	17,54	8,69	9,61	12,12	10,21	15,05
Desvio Padrão	2,17	2,57	4,31	2,94	3,85	2,96
Mínimo	10	4	4	5	4	7
Q1	16	7	6	10	7	13
Mediana	18	8	9	12	10	15
Q3	19	10	13	14	13	17
Máximo	20	16	20	20	20	20
Não respondeu	1	1	1	1	1	1
N	163	163	163	163	163	163

Tabela 30 - Distribuição dos escores de estilos de amor para as mulheres, na Itália.

	<i>Eros</i>	<i>Ludus</i>	<i>Estorge</i>	<i>Mania</i>	<i>Pragma</i>	<i>Ágape</i>
Média	17,50	8,66	10,04	12,31	11,05	13,85
Desvio Padrão	2,11	2,41	4,39	3,08	3,42	3,28
Mínimo	10	4	4	5	4	4
Q1	16	7	6	10	9	11
Mediana	18	8	9	12	11	14
Q3	19	10	13	14	13	17
Máximo	20	18	20	19	20	20
Não respondeu	1	1	1	1	1	1
N	163	163	163	163	163	163

Segundo estudo de Morrow et al (1995), *Eros* e *Ágape* estariam associados a altos níveis de comprometimento, o que foi observado nos casais desta amostra. Além disso, esses pesquisadores também encontraram que os homens tendem a endossar mais o estilo *Ágape* do que as mulheres, resultados semelhantes ao deste estudo, onde os homens, tanto italianos quanto brasileiros, apresentaram médias dos escores em *Ágape* mais altas do que as mulheres. Esse padrão de resposta masculina poderia ser um indício de que os homens seriam emocionalmente mais dependentes do que as mulheres nos seus relacionamentos, daí sua maior disposição para maiores sacrifícios do que as mulheres.

Além disso, ficou evidente que o estilo de amor com escore mais baixo dentre as pessoas é o *Ludus*, podendo ser considerado o estilo “mais rejeitado” para esta população. A rejeição do estilo *Ludus*, para homens ou mulheres, pode ser considerada esperada e natural para uma população que decide pelo casamento, visto que as características deste estilo de jogo, sedução e não-exclusividade de parceiro não condizem com a opção pelo matrimônio.

Após a análise descritiva, passou-se a uma análise inferencial, e, para testar as diferenças das médias e os níveis de interação por sexo e país nos estilos de amor utilizou-se o Modelo Linear Misto Gaussiano para medidas repetidas (Anexo II – modelo 1), considerando como medida repetida as notas obtidas das mulheres e dos homens para cada um dos 6 estilos. Para esta escala, tem-se que as notas do respondente para cada estilo de amor podem variar entre 4 e 20, daí a adequação do modelo misto Gaussiano devido a essa variância que os dados podem assumir entre 4 e 20. Este teste mostra-se adequado para assumir a normalidade dos dados, tendo-se presente o tamanho da amostra e considerando também as notas obtidas da mulher e do homem de um mesmo casal.

Primeiramente, foi ajustado um modelo considerando variâncias diferentes para as medidas dos homens e mulheres e, em seguida, ajustado um modelo com variâncias iguais. Ambos os modelos apresentam um parâmetro correspondente à correlação entre as medidas de homens e mulheres. Foi então escolhido o modelo com variâncias iguais, pois tal modelo minimizou o BIC (Bayesian Information Criteria) e o AIC (Akaike Information Criteria) para todas as variáveis, com exceção do AIC para Pragma (Tabela 31). O teste utilizado para verificação dos níveis de significância foi o teste F, usualmente aplicado no modelo misto para análise de variância (Mixed Model Anova), devido à interação que os fatores sexo e país podem assumir.

Tabela 31 – Estatísticas de ajuste do modelo AIC (Akaike Information Criteria) e BIC (Bayesian Information Criteria) para os testes de estilo de amor.

	Variâncias Diferentes		Variâncias Iguais	
	AIC	BIC	AIC	BIC
<i>Eros</i>	2476,2	2487,1	2474,2	2481,4
<i>Ludus</i>	2664,3	2675,2	2663,5	2670,8
<i>Estorge</i>	3164,7	3175,6	3162,9	3170,2
<i>Mania</i>	2791,6	2802,5	2791,5	2798,8
<i>Pragma</i>	2961,6	2972,5	2962,5	2969,8
<i>Ágape</i>	2911,4	2922,3	2906,2	2917,4

Após o ajuste do modelo completo Gaussiano, foi feita a Tabela 32, com as médias preditas pelo modelo ajustado e verificou-se a significância do efeito de interação, sendo considerado significativo efeito de interação < 0.10 , e, em caso de efeito de interação não significativo, ajustou-se um modelo sem esse efeito para

avaliar os efeitos de sexo e país sobre a resposta média, com nível de significância <0.05 (Tabelas 33 e 34). Para esse modelo Gaussiano utilizado os intervalos de confiança (I.C.) correspondem sempre a 95%, pelo menos, o que significa que 95% dos intervalos, se estes fossem várias amostras, apresentaria o verdadeiro escore médio, o que permite uma generalização dos dados.

Tabela 32 – Medidas resumo preditas pelo modelo Gaussiano para as médias dos escores dos estilos de amor.

	País	Sexo	Média	Erro Padrão	I.C. (intervalo de confiança)
<i>Eros</i>	Brasil	Homens	17,04	0,16	[16,71 ; 17,36]
		Mulheres	17,04	0,16	[16,71 ; 17,36]
	Itália	Homens	17,52	0,14	[17,25 ; 17,80]
		Mulheres	17,52	0,14	[17,25 ; 17,80]
<i>Ludus</i>	Brasil	Homens	9,97	0,25	[9,46 ; 10,47]
		Mulheres	9,19	0,25	[8,68 ; 9,69]
	Itália	Homens	8,69	0,21	[8,27 ; 9,11]
		Mulheres	8,66	0,21	[8,23 ; 9,08]
<i>Estorge</i>	Brasil	Homens	12,69	0,37	[11,95 ; 13,44]
		Mulheres	13,31	0,37	[12,56 ; 14,05]
	Itália	Homens	9,52	0,32	[8,87 ; 10,16]
		Mulheres	10,13	0,32	[9,49 ; 10,77]
<i>Mania</i>	Brasil	Homens	12,14	0,13	[11,88 ; 12,40]
		Mulheres	12,14	0,13	[11,88 ; 12,40]
	Itália	Homens	12,14	0,13	[11,88 ; 12,40]
		Mulheres	12,14	0,13	[11,88 ; 12,40]
<i>Pragma</i>	Brasil	Homens	10,28	0,22	[9,83 ; 10,73]
		Mulheres	11,07	0,20	[10,67 ; 11,47]
	Itália	Homens	10,28	0,22	[10,83 ; 10,73]
		Mulheres	11,07	0,20	[10,67 ; 11,47]
<i>Ágape</i>	Brasil	Homens	14,04	0,32	[13,41 ; 14,67]
		Mulheres	11,99	0,32	[11,36 ; 12,62]
	Itália	Homens	15,05	0,26	[14,52 ; 15,58]
		Mulheres	13,85	0,26	[13,32 ; 14,38]

Tabela 33 – Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais dos estilos de amor: estilos sem efeito de interação.

	Efeito de Interação	Efeito de País	Efeito de Sexo
<i>Eros</i>	0,98	0,02	0,85
<i>Estorge</i>	0,47	< 0,0001	0,04
<i>Mania</i>	0,34	0,46	0,11
<i>Pragma</i>	0,84	0,74	< 0,01
<i>Agape</i>	0,12	<0,0001	<0,001

Tabela 34 – Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais dos estilos de amor: estilos com efeito de interação.

	Efeito de Interação	Efeito de País		Efeito de Sexo	
<i>Ludus</i>	0,09	Feminino	0,11	Brasil	0,02
		Masculino	< 0,01	Itália	0,90

Para o estilo *Eros*, tem-se que não existe o efeito de interação entre sexo e país ($p=0,98$). Observando-se os efeitos de país e de sexo, tem-se que existe apenas o efeito de país ($p=0,02$) em relação à média das notas obtidas para este estilo, sendo na Itália as médias preditas significativamente maiores (17,52) do que no Brasil (17,04) (Tabelas 33 e 32, e Figura 8). Não houve indícios de efeito de sexo ($p=0,85$). Pode-se afirmar que os casais italianos se identificam mais do que os casais brasileiros com este estilo *Eros*, que se caracteriza pela forte atração física, pela paixão, pela química e idealização do parceiro.

Figura 8 – Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor *Eros*, com intervalos de confiança.

Para o estilo *Estorge* não foi detectado efeito de interação ($p=0,47$). No entanto, foi observado tanto o efeito de país ($p<0,0001$), quanto o efeito de sexo ($p=0,04$) com relação à média das notas obtidas. Pela presença do efeito de país, pode-se afirmar que os casais brasileiros (12,69 e 13,31 para homens e mulheres, respectivamente) apresentam médias preditas para este estilo significativamente maiores do que os casais italianos (9,52 e 10,13 para homens e mulheres, respectivamente), o que caracteriza os brasileiros como mais adeptos da importância da amizade e do companheirismo no amor, que cresceria através do tempo do relacionamento. Como também ocorreu efeito de sexo, observa-se, ademais, que as mulheres da população estudada apresentam escores significativamente maiores do que os homens, valorizando mais do que estes tais aspectos, de um modo geral. Resultados semelhantes foram encontrados em estudos anteriores (Frazier & Esterly, 1990; Hendrick & Hendrick, 1986; Rubin et al, 1981; Yancey & Berglass, 1991) (Tabelas 33 e 32, e Figura 9).

Figura 9 - Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Estorge, com intervalos de confiança.

Para o estilo *Mania* não foi detectado qualquer tipo de efeito, tanto de interação ($p=0,34$), quanto efeitos das variáveis sexo ($p=0,11$) e país (0,46) com relação às médias preditas. Para todos os casos (homens brasileiros, homens italianos, mulheres brasileiras, mulheres italianas), a média predita das notas está em torno de 12,14, com um erro padrão da ordem de 0,13 (Tabelas 33 e 32, e Figura 10).

Figura 10 - Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Mania, com intervalos de confiança.

Para o estilo *Pragma* não foi detectado efeito de interação entre o país e sexo ($p=0,84$). Analisando os efeitos principais, não foi detectado efeito de país para esse estilo ($p=0,74$), mas foi detectado efeito do sexo ($p<0,01$), sendo que as mulheres são aquelas que possuem as maiores médias de notas preditas para esse estilo (Tabelas 33 e 32, e Figura 11), mostrando que a mulher se identifica mais do que o homem com as características práticas e calculistas envolvidas no amor e na escolha do parceiro que se relacionam a este estilo (médias preditas de 10,28 e 11,07 para homens e mulheres, respectivamente), que parece concordar com diversos estudos já descritos, e podendo estar associados, tanto a aspectos evolutivos, quanto a papéis sociais relacionados ao sexo, onde a mulher apresenta uma atitude mais racional nos relacionamentos, pois é o sexo que investe mais na reprodução, e com a idade elas se tornariam menos românticas, mais centrada em seus objetivos e mais pragmáticas (Buss, 1989, 1990; Buss e Schmitt, 1993; Campos, 2005; Frazier & Esterly, 1990; Pawlowski & Dunbar, 1999, Yancey & Berglass, 1991). Um aspecto interessante de um artigo de Buss (1994), citado por Castells (1999), é a constatação de diversos estudos que mostram que os homens tendem a se apaixonar mais romanticamente, enquanto as mulheres tendem a se relacionar com os homens de forma mais pragmática. Esta diferença entre homens e mulheres também foi confirmada neste estudo nas duas metrópoles estudadas, São Paulo e Roma, porém, vale ressaltar que isso ocorre quando observamos cada estilo separadamente, pois quando observamos os escores totais de todos os estilos, o Eros apresentou-se como o mais pontuado de todos, nos dois países, para os dois sexos (Tabelas 25, 26, 27 e 30).

Figura 11 - Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Pragma, com intervalos de confiança.

Para o estilo *Ágape* não foi detectado efeito de interação entre sexo e país ($p=0,12$). Contudo, foi detectado efeito de país ($p<0,0001$), sendo que os italianos apresentam escores para este estilo significativamente maiores (média predita de 15,05 e 13,85 para homens e mulheres, respectivamente) do que os brasileiros (média predita de 14,04 e 11,99 para homens e mulheres, respectivamente), o que caracteriza os casais italianos como sendo (ou pelo menos relatando tal atitude) mais dispostos ao sacrifício e doação pelo próprio parceiro, aspectos característicos deste estilo, medidos pela escala utilizada. Foi detectado também efeito de sexo ($p < 0,001$), onde os homens apresentam médias preditas significativamente maiores do que as mulheres, concordando com estudos que colocam os homens como mais dispostos a sacrifícios em nome do amor, especialmente quando mais maduros e encontrando-se em um relacionamento de longa duração, fato que pode também ter relações com menor dependência econômica, menor preocupação com aspectos reprodutivos e maior dependência emocional da parte destes (Frazier & Esterly, 1990), porém, ainda existem controvérsias quanto às diferenças de sexo para este estilo *Agape*. (Tabelas 33 e 32 e Figura 12).

Figura 12 - Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Ágape, com intervalos de confiança.

Para o Estilo *Ludus* foi verificado efeito significativo de interação entre o país e o sexo ($p=0,09$), além do efeito de sexo no Brasil ($p=0,02$) e do efeito de país para os homens ($p<0,01$). Enquanto na Itália a diferença de notas entre os sexos é relativamente pequena e não significativa para este estilo, essa diferença no Brasil é significativamente maior (médias preditas de 9,97 e 9,19 para homens e mulheres, respectivamente), o que significa que os homens brasileiros apresentam um comportamento que envolve menor comprometimento do que os homens italianos, ou, pelo menos, parecem se auto-definir dessa maneira (Tabelas 34 e 32, e Figura 13). Não foi detectado efeito de país entre as mulheres ($p=0,11$) e efeito de sexo na Itália ($p=0,90$).

Segundo Frazier e Esterly (1990), homens tendem a apresentar maiores escores para *Ludus* porque conferem uma grande importância à atração física pela parceira e à atividade sexual no relacionamento. No Brasil, é compreensível a presença desta diferença de escores com a Itália, o que talvez decorra da permissividade e do apelo sexual no Brasil, certamente maior do que na Itália.

O estilo *Ludus*, como esperado, apresentou os escores mais baixos dentre os estilos. E somando-se a isso o fato do estilo *Eros* apresentar os escores mais altos, pode-se reconhecer que nesta fase da vida, onde existe a presença de um parceiro estável e um alto nível de comprometimento, certamente também apresenta relação com os altos escores de satisfação, também encontrados. Tais dados convergem para o estudo já citado (Yancey & Eastman, 1995).

Figura 13 - Gráfico do perfil das médias para o estilo de amor Ludus, com intervalos de confiança.

3.5 Satisfação no relacionamento

A satisfação no relacionamento pode ser observada para cada fator de satisfação e também calculando-se a soma dos escores dos seis fatores que a avaliam no relacionamento. Foram encontrados índices bastante altos, na maioria dos sujeitos, nos dois países, o que seria esperado, haja vista a condição de decisão pelo matrimônio.

Observa-se que, tanto para o Brasil quanto para a Itália, pelo menos 25% dos respondentes classificam-se na escala máxima para todos os fatores (tabelas 36 até 41) e, de um modo geral, estes parecem variar pouco. Porém, é possível observar que a média total dos escores na Itália é maior do que no Brasil, para ambos os sexos, e, além disso, a média dos escores totais das mulheres é maior que a média dos homens, nos dois países, como observado na Tabela 35.

Tabela 35 – Medidas resumo dos valores totais da satisfação no relacionamento, para mulheres e homens, no Brasil e na Itália.

	Brasil			Itália		
	Total	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
Média	39,09	39,28	38,91	39,64	39,79	39,49
Desvio Padrão	3,90	3,91	3,91	3,25	3,07	3,43
Mínimo	20	21	20	16	21	16
Q1	38	38	38	39	39	38
Mediana	40	41	40	41	41	41
Q3	42	42	42	42	42	42
Máximo	42	42	42	42	42	42
	160	80	80	326	162	164

As Tabelas a seguir mostram as medidas resumo para cada fator da satisfação, no Brasil e na Itália (Tabelas 36 e 37), e no Brasil por sexo (Tabelas 38 e 39), e na Itália por sexo (Tabelas 40 e 41). Não parecem existir grandes variações, e todos os fatores apresentam médias maiores do que 6, sendo que o fator relacionado à questão “Quanto ama seu parceiro” foi a que obteve maior média de escores.

Constata-se ainda que em todas as categorias de satisfação a mediana e o terceiro quartil das notas atribuídas vale 7, ou seja, a nota máxima, com uma única exceção do fator satisfação geral para os homens no Brasil, cuja mediana é 6. Além disso, não há categorias em que o 1º quartil seja menor do que 6, oscilando sempre entre 6 e 7. Tal observação aponta que a nota máxima é extremamente freqüente, o que pode comprometer a eficácia de uma análise que atribua valorização linear à escala.

Devido a estes escores bastante elevados, sugere-se uma interpretação não-linear da escala de satisfação. Dessa forma, considera-se que a diferença entre uma resposta 7 e uma 6 seria muito maior do que entre quaisquer outras duas respostas consecutivas, ou seja, uma pessoa apenas marca 7 quando se considera plenamente satisfeita para determinado fator, sendo as outras notas de interpretação mais complexa. Utilizando tal abordagem, verifica-se, de um modo geral, que as mulheres parecem atribuir maior porcentagem de notas máximas do que os homens (com exceção do fator confiança, onde os homens apresentam média dos escores maiores do que as mulheres), podendo sugerir que as mulheres estudadas estejam mais satisfeitas do que os homens estudados, ou pelo menos mais seguras desta satisfação ou ainda talvez menos exigentes.

Tabela 36 - Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento no Brasil.

	<i>Geral</i>	<i>Comprometimento</i>	<i>Intimidade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Paixão</i>	<i>Amor</i>
Média	6,33	6,66	6,44	6,56	6,48	6,73
Desvio padrão	0,96	0,83	1,12	0,91	0,89	0,60
Mínimo	1	1	1	1	1	4
Q1	6	7	6	6	6	7
Mediana	7	7	7	7	7	7
Q3	7	7	7	7	7	7
Máximo	7	7	7	7	7	7
N	160	160	158	160	160	160

Tabela 37 - Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento na Itália.

	<i>Geral</i>	<i>Comprometimento</i>	<i>Intimidade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Paixão</i>	<i>Amor</i>
Média	6,44	6,71	6,64	6,61	6,42	6,83
Desvio padrão	0,73	0,63	0,72	0,82	0,83	0,55
Mínimo	2	3	2	2	2	2
Q1	6	7	6	6	6	7
Mediana	7	7	7	7	7	7
Q3	7	7	7	7	7	7
Máximo	7	7	7	7	7	7
N	326	326	326	326	326	326

Tabela 38 - Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nas mulheres, no Brasil.

	<i>Geral</i>	<i>Comprometimento</i>	<i>Intimidade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Paixão</i>	<i>Amor</i>
Média	6,41	6,74	6,40	6,45	6,65	6,81
Desvio padrão	0,98	0,61	1,18	1,03	0,70	0,55
Mínimo	1	4	1	1	4	4
Q1	6	7	6	6	6,25	7
Mediana	7	7	7	7	7	7
Q3	7	7	7	7	7	7
Máximo	7	7	7	7	7	7
N	80	80	78	80	80	80

Tabela 39 - Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nos homens, no Brasil.

	<i>Geral</i>	<i>Comprometimento</i>	<i>Intimidade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Paixão</i>	<i>Amor</i>
Média	6,24	6,58	6,48	6,68	6,30	6,65
Desvio padrão	0,93	1,00	1,07	0,76	1,02	0,64
Mínimo	2	1	1	4	1	4
Q1	6	7	6	7	6	6
Mediana	6	7	7	7	7	7
Q3	7	7	7	7	7	7
Máximo	7	7	7	7	7	7
N	80	80	80	80	80	80

Tabela 40 - Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nas mulheres, na Itália.

	<i>Geral</i>	<i>Comprometimento</i>	<i>Intimidade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Paixão</i>	<i>Amor</i>
Média	6,45	6,80	6,66	6,54	6,46	6,87
Desvio padrão	0,70	0,55	0,69	0,85	0,81	0,48
Mínimo	4	3	2	2	3	4
Q1	6	7	6,25	6	6	7
Mediana	7	7	7	7	7	7
Q3	7	7	7	7	7	7
Máximo	7	7	7	7	7	7
N	164	164	164	164	164	164

Tabela 41 - Medidas resumo dos fatores de satisfação no relacionamento nos homens, na Itália.

	<i>Geral</i>	<i>Comprometimento</i>	<i>Intimidade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Paixão</i>	<i>Amor</i>
Média	6,42	6,61	6,61	6,68	6,38	6,80
Desvio padrão	0,76	0,68	0,75	0,79	0,85	0,62
Mínimo	2	3	2	2	2	2
Q1	6	6	6	7	6	7
Mediana	7	7	7	7	7	7
Q3	7	7	7	7	7	7
Máximo	7	7	7	7	7	7
N	162	162	162	162	162	162

Observando-se as Figuras 14, 15, 16 e 17, que representam os histogramas com a somatória dos valores máximos de satisfação total, geral e por sexo, no Brasil e na Itália, confirma-se que para ambos os países a nota máxima é muito frequente, sendo que na Itália observa-se uma concentração ainda maior nos valores mais altos.

Figura 14 – Histograma da distribuição dos valores da satisfação total no Brasil.

Figura 15 – Histograma da distribuição dos valores da satisfação total por sexo, no Brasil.

Figura 16 – Histograma da distribuição dos valores da satisfação total na Itália.

Figura 17 – Histograma da distribuição dos valores da satisfação total por sexo, na Itália.

Passou-se, então, para a análise inferencial utilizando o modelo de dados categorizados com medidas repetidas (Anexo II - Modelo 2), já utilizado para as escalas de estilos de apego e crença romântica, e já comentado anteriormente. O teste para verificação de interação dos efeitos foi também o Wald, que verificou níveis de significância de interação entre o país e o sexo e os efeitos principais. Abaixo, na Tabela 42 encontram-se as medidas previstas pelo modelo para os diversos fatores da satisfação no relacionamento, e nas Tabelas 43 e 44 estão os níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais para os diversos fatores da escala de satisfação.

Tabela 42 – Medidas resumo previstas pelo modelo para as médias dos escores de cada fator de satisfação no relacionamento.

	País	Sexo	Média	Erro Padrão	I.C.
<i>Satisfação Geral</i>	Brasil	Homens	6,40	0,04	[6,32 ; 6,48]
		Mulheres	6,40	0,04	[6,32 ; 6,48]
	Itália	Homens	6,40	0,04	[6,32 ; 6,48]
		Mulheres	6,40	0,04	[6,32 ; 6,48]
<i>Amor</i>	Brasil	Homens	6,75	0,04	[6,67 ; 6,83]
		Mulheres	6,85	0,03	[6,79 ; 6,91]
	Itália	Homens	6,75	0,04	[6,67 ; 6,83]
		Mulheres	6,85	0,03	[6,79 ; 6,91]
<i>Paixão</i>	Brasil	Homens	6,29	0,11	[6,06 ; 6,52]
		Mulheres	6,65	0,08	[6,49 ; 6,80]
	Itália	Homens	6,38	0,07	[6,24 ; 6,51]
		Mulheres	6,46	0,06	[6,33 ; 6,58]
<i>Comprometimento</i>	Brasil	Homens	6,60	0,05	[6,50 ; 6,70]
		Mulheres	6,78	0,04	[6,70 ; 6,86]
	Itália	Homens	6,60	0,05	[6,50 ; 6,70]
		Mulheres	6,78	0,04	[6,70 ; 6,86]
<i>Confiança</i>	Brasil	Homens	6,68	0,05	[6,58 ; 6,78]
		Mulheres	6,51	0,06	[6,39 ; 6,63]
	Itália	Homens	6,68	0,05	[6,58 ; 6,78]
		Mulheres	6,51	0,06	[6,39 ; 6,63]
<i>Intimidade</i>	Brasil	Homens	6,57	0,04	[6,49 ; 6,65]
		Mulheres	6,57	0,04	[6,49 ; 6,65]
	Itália	Homens	6,57	0,04	[6,49 ; 6,65]
		Mulheres	6,57	0,04	[6,49 ; 6,65]

Tabela 43 – Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais para a satisfação no relacionamento: variáveis sem efeito de interação.

	Efeito de Interação	Efeito de País	Efeito de Sexo
<i>Satisfação Geral</i>	0,32	0,27	0,35
<i>Amor</i>	0,26	0,18	0,02
<i>Comprometimento</i>	0,83	0,41	< 0,01
<i>Confiança</i>	0,42	0,82	< 0,01
<i>Intimidade</i>	0,6	0,12	0,66

Tabela 44 – Níveis descritivos do efeito de interação e efeitos principais para a satisfação no relacionamento: variáveis com efeito de interação.

	Efeito de Interação	Efeito de País		Efeito de Sexo	
<i>Paixão</i>	0,05	Feminino	0,59	Brasil	< 0,001
		Masculino	0,52	Itália	< 0,01

Conforme a Tabela 43, o teste para a satisfação em relação ao aspecto geral não apresentou efeito de interação entre sexo e país ($p=0,32$), e nem efeito de país ($p=0,27$) e de sexo ($p=0,35$), isto é, a média predita dos escores é a mesma, seja qual for o país ou sexo do indivíduo. Obteve-se a estimativa de 6,4 para a média predita (Tabela 42). Na Figura 18 podem ser visualizados os perfis das médias para o fator geral da satisfação no relacionamento.

Figura 18 – Perfis de médias para o fator satisfação *geral* no relacionamento, com intervalos de confiança.

Quanto ao fator Amor em relação à satisfação não ocorreu efeito de interação entre o país e o sexo ($p=0,26$). Também não ocorreu efeito de país ($p=0,18$). O teste

apresentou como significativo apenas o efeito de sexo para as médias dos escores ($p=0,02$) (Tabela 43), onde os homens obtiveram a média predita igual a 6,75, e as mulheres, uma média predita igual a 6,85 (Tabela 42), o que indica que as mulheres apresentam escores de satisfação significativamente maiores do que os homens neste fator Amor, representado pela questão “Quanto ama o parceiro”. Como podem ser observadas na Figura 19, as retas que ligam as médias observadas parecem um pouco afastadas; porém, apesar de efeito significativo, a diferença parece pequena.

Figura 19 – Perfis de médias para a o fator de satisfação *Amor* no relacionamento, com intervalos de confiança.

O teste para o escore da satisfação em relação ao comprometimento não apresentou efeito de interação entre o país e o sexo ($p=0,83$). Não ocorreu efeito de país ($p=0,41$). O teste apresentou como significativo apenas o efeito de sexo para as médias dos escores ($p<0,01$) (Tabela 43), onde as mulheres mostram-se significativamente mais comprometidas do que os homens neste fator de satisfação, com médias preditas de 6,78 e 6,6, respectivamente, para mulheres e homens, conforme observado nas retas dos perfis de médias (Tabela 42 e Figura 20).

Figura 20 – Perfis de médias para a o fator de satisfação *Comprometimento* no relacionamento, com intervalos de confiança.

O fator de satisfação Confiança no parceiro também não apresentou efeito de interação entre o país e o sexo ($p=0,42$), nem apresentou efeito de país ($p=0,82$). Apresentou somente o efeito de sexo ($p<0,01$) (Tabela 43). A média predita para os homens e as mulheres foi igual a 6,68 e 6,51, para homens e mulheres, respectivamente (Tabela 42). É possível observar na Figura 21 que a inclinação das retas parece confirmar a significância do sexo, sendo que os homens apresentam médias maiores e demonstram maior confiança do que as mulheres no parceiro.

Figura 21 – Perfis de médias para a o fator de satisfação *Confiança* no parceiro, com intervalos de confiança.

Para o teste referente à média do escore da satisfação em relação ao fator Intimidade com o parceiro não há evidências de nenhum tipo de efeito de interação entre o país e o sexo ($p=0,60$), nem de efeito de país ($p=0,12$) ou de sexo ($p=0,66$). Pode-se afirmar que não há diferenças significativas entre países e entre os sexos,

que apresentam médias preditas de 6,6 (Tabelas 43 e 42). Analisando a Figura 22 pode-se notar a proximidade das retas, o que significa a ausência de diferenças.

Figura 22 – Perfis de médias para a o fator de satisfação *Intimidade* com o parceiro, com intervalos de confiança.

Em relação ao fator Paixão da satisfação no relacionamento, tem-se que existe efeito de interação entre o país e o sexo ($p=0,05$), além do efeito da variável sexo no Brasil e na Itália ($p<0,01$ para o Brasil e $p<0,001$ para a Itália) (Tabela 44). Não foi observado efeito de país. Observando a Figura 23 pode-se notar que as retas que ligam as médias dos escores mostram evidências de que, tanto no Brasil, quanto na Itália, as mulheres da amostra apresentam escores significativamente maiores do que os homens, sendo que no Brasil esta diferença de sexo aparece ainda de forma mais marcante, como podem ser observadas as retas da Figura 23.

Figura 23 – Perfis de médias para a o fator de satisfação *Paixão* pelo parceiro, com intervalos de confiança.

Ao observarmos a Figura 24, que apresenta as médias para satisfação total, com a somatória dos escores de todos os fatores, verifica-se que não ocorre efeito de interação entre o país e o sexo ($p=0,80$), nem efeito de país ($p=0,23$) ou efeito de sexo ($p=0,19$). O valor das médias preditas seria igual para homens e mulheres, no Brasil e na Itália, de 39,46.

Figura 24 – Gráfico do perfil das médias de *Satisfação Total* no relacionamento, para mulheres e homens, no Brasil e na Itália, com intervalos de confiança.

No tocante à questão sobre quem estaria mais satisfeito, formulada inicialmente, observa-se índices muito elevados nos dois países para homens e mulheres, sem diferenças de escores de satisfação total significativas. Tais índices, bastante elevados, eram esperados devido à euforia do casamento típica a este momento, confirmando a necessidade de refazer esta medida de forma longitudinal, acompanhando-a junto as outras variáveis, após o casamento, buscando indícios de estabilidade e continuidade desta ao longo do relacionamento.

É importante ressaltar que as distribuições dos valores nesta parte do questionário referentes à escala de satisfação no relacionamento são extremamente assimétricas, pois grande parte dos valores se concentra nos escores 6 ou 7, e, mesmo apresentando diferenças significantes, todas elas revelam valores muito pequenos, muito menores que um.

4. Conclusões

Primeiramente é importante ressaltar que a importância deste trabalho encontra-se no que ele contribui para generalização dos dados, visto que a população de noivos estudada nos dois países configura um número bastante representativo para que os resultados possam mostrar-se adequados para produzir inferências para a população. Contudo, as diferenças e similaridades encontradas se referem às duas metrópoles estudadas, cidades que se localizam em países que apresentam muita diversidade interna, social, econômica e cultural, de norte a sul. Além disso, os sujeitos apresentam características sociais e econômicas relativamente semelhantes, e representativas de uma classe média, na grande maioria.

As características demográficas dos casais também são de grande importância para a caracterização deste tipo de amostra. Com relação à variável idade, pode-se observar que a média da amostra coletada no Brasil é menor, 29 anos para os homens e 27 anos para as mulheres, enquanto que a Itália conta com casais mais velhos, homens com 34 anos e mulheres com 32 anos em média, além de o Brasil apresentar uma variabilidade de idade maior. A média de idade maior na Itália pode estar relacionada ao fato de ser um país desenvolvido, onde os jovens, em geral, casam-se mais tardiamente, além de coabitarem em união informal antes do casamento mais frequentemente do que os brasileiros. A amostra representa, em sua maioria, sujeitos solteiros (92,5% no Brasil e 94,1% na Itália) e brancos (87,2% no Brasil e 99,4% na Itália).

Quanto à religião, no Brasil tem-se que 46% dos respondentes são católicos e 23% são agnósticos ou ateus, enquanto que na Itália a porcentagem de católicos chega a 89%. O nível de escolaridade em ambos os países é alto, sendo que no Brasil esse nível é ainda maior. Quando se observa a união dos casais, percebe-se que 59% dos brasileiros se casam com parceiros portadores de equivalente escolaridade. Na Itália esse percentual é por volta de 50%.

De um modo geral, em relação à caracterização dos casais brasileiros e italianos, pode-se concluir que não foram encontradas grandes discrepâncias e que parece preponderar na amostra a homogamia, pois as pessoas tendem a se unir romanticamente a parceiros semelhantes em vários níveis: raça, classe social, escolaridade, idade, religião, além do fato de uma grande parte dos casais ter se

encontrado por meio de amigos ou ambiente de trabalho (Amélio, 2001; Mead (1971); Michel et al, 1995). Embora haja uma tendência universal que leva em consideração os desejos individuais na escolha do parceiro, é interessante observar, na prática, até que ponto nossos padrões de amor romântico também podem ser explicados como resultantes de fatores culturais e biológicos (Buss, 1994; Campos, 2005; Linton, 1981).

Com relação ao tempo em que os casais estão juntos, tem-se uma variabilidade razoável, e os italianos têm o costume de se relacionar por mais tempo antes do casamento, apresentando uma porcentagem de casais que coabitam antes do casamento maior do que no Brasil, dispendendo mais tempo para oficializar a relação.

Observou-se também que alguns aspectos tidos como importantes na seleção e manutenção de um parceiro estável definitivo parecem envolver, de certa forma, recursos da parte masculina, além de representarem papéis masculinos que continuam condicionando duas práticas: em relação à iniciativa para o primeiro encontro, que foi acentuadamente dos homens, nos dois países; e na questão de divisão das despesas, embora esta última apresente-se como dividida igualmente para aproximadamente metade dos casais nos dois países. Um estudo descrito por Barber (1995) indica a preferência das mulheres por homens que apresentem atitudes de dominância, iniciativa e poder, que se traduzem neste aspectos citados e encontrados na amostra deste estudo.

Em suma, mesmo verificando-se certa diversidade de pensamentos, atitudes e influências presentes nos relacionamentos românticos de casais, observa-se a atuação da cultura e da biologia na formação e na continuidade desses pares. Ainda nos dias atuais, quase todas as sociedades consideram o casamento (ou mesmo a união informal, em alguns casos) um tipo de existência mais desejável para os adultos, que pode ser considerado um “contrato” entre dois parceiros românticos que serve a diferentes interesses da sociedade e da natureza (Amélio, 2001; Buss, 1994; Fisher, 1995).

Quanto aos testes relacionados ao estilo de apego, pode-se concluir que a variável país se apresentou como mais atuante do que a variável sexo em relação às diferenças das médias dos escores dos respondentes. Dois estilos, preocupado e medroso, apresentaram efeito de país significativo, pois os brasileiros apresentaram escores significativamente mais altos do que os italianos para estes dois estilos

inseguros. Alguns dados ainda não publicados de Schmitt (2007) também mostram homens e mulheres brasileiros com escores mais altos do que homens e mulheres italianos para estes dois estilos. Pode-se levantar a hipótese de que a cultura do erotismo no Brasil, que exalta a liberdade sexual e troca de parceiros poderia contribuir para a presença de estilos de apego mais inseguros, para os dois sexos, gerando maior desconfiança e ansiedade na relação, mesmo que estável e comprometida. Entretanto, para análises futuras poderiam ser correlacionados tais estilos com aspectos ligados à satisfação e continuidade no relacionamento destes casais para se chegar a conclusões mais consistentes. Muitas vezes, formas de amar saudáveis e não-saudáveis podem conviver como função de adaptação as circunstâncias sociais, além de relacionar-se à história de apego de cada indivíduo (Grimaldi, 2008; Hazan & Shaver, 1987). Ademais, mesmo sem apresentar diferenças significativas, os escores das mulheres no Brasil para o estilo de amor *Mania* foram mais altos do que o dos homens, podendo significar uma tendência a comportamentos de insegurança e controle do parceiro, que também poderia estar relacionada às questões levantadas acima.

O sexo apresentou efeito significativo apenas para o estilo rejeitador, sendo que os homens da amostra apresentaram média de escores significativamente mais altos do que as mulheres ($M=3,57$ e $M=3,18$, preditas para homens e mulheres, respectivamente, iguais nos dois países), mostrando concordância com estudos recentes (Schmitt, 2003, 2004). O estilo seguro foi o único que não apresentou evidências de efeito nenhum e a interação não foi significativa para nenhum dos quatro estilos de apego.

Para a média dos escores relacionados à crença no amor romântico, as duas variáveis, sexo e país, parecem ser determinantes, sendo que o efeito país parece ter influência ainda mais forte, com diferenças de médias maiores. As mulheres italianas são aquelas que apresentaram a maior média dos escores ($M=5,61$) e os homens brasileiros são os que apresentaram a menor média dos escores ($M=4,70$). Observa-se que na Itália a média geral é maior do que no Brasil ($M=5,56$ e $M=4,97$, respectivamente, para Itália e Brasil). Observa-se também que a diferença de médias dos escores entre os sexos é maior no Brasil ($M=5,23$ e $M=4,70$, para mulheres e homens, respectivamente) do que na Itália ($M=5,61$ e $M=5,50$ para mulheres e homens, respectivamente). Pode-se concluir que a amostra italiana estudada é mais

romântica do que a amostra brasileira, e as mulheres da amostra são mais românticas do que os homens, principalmente no Brasil, onde essa diferença é mais acentuada. De uma forma geral, pode-se dizer que os escores da crença romântica foram bastante elevados, resultado interessante de ser acompanhado com um segmento longitudinal destes casais para verificar a sua continuidade, visto que estudos revelam que a crença é importante para manter a longevidade dos relacionamentos, contudo, no início deste, não pode ser tomada isoladamente como um preditor de sucesso na relação (Sprecher & Metts, 1999).

Para os testes relacionados aos estilos de amor, tem-se que as variáveis país e sexo são determinantes com relação às diferenças das médias dos escores dos respondentes, ou seja, tanto sexo quanto país influenciam na determinação dos estilos de amor. Enquanto que para o estilo *Mania* não se detectou nenhum tipo de efeito, foi observado o efeito de país nos estilos *Eros*, *Estorge*, *Ludus* e *Ágape*, o efeito de sexo nos estilos *Estorge*, *Pragma*, *Ludus* e *Ágape*, além do efeito de interação entre sexo e país nos estilos *Ludus* e *Ágape*.

Quando observamos os estilos *Agape* e *Eros*, e também a crença romântica, os escores foram mais altos na Itália, sugerindo que italianos apresentam atitudes mais românticas, idealizadas, apaixonadas, além de se doar mais e mostrarem-se mais dispostos a sacrifícios nos relacionamentos do que brasileiros, embora ambos apresentem escores elevados. Frazier e Esterly (1990) acreditam que os homens seriam mais *Eros* e *Ludus* nos estilos de amor por serem mais dependentes do que a mulher nos relacionamentos românticos; e apesar de não ter ocorrido efeito de sexo para o estilo *Eros*, os homens apresentaram escores mais altos do que o das mulheres, nos dois países. Segundo esta interpretação, os homens italianos seriam ainda mais dependentes do que os brasileiros quando vivenciam um relacionamento amoroso estável. Estes resultados mostram que a crença no amor romântico está bastante amalgamada com o matrimônio, e que os casais consideram-no imprescindível para tal decisão. Estudos mostram que em diversas culturas a maioria das pessoas não se casaria sem amor, e que ele poderia superar diversos obstáculos (Levine et al, 1995; Sprecher et al, 1994; Sprecher & Metts, 1999).

Brasileiros, principalmente as mulheres, valorizam mais o estilo *Estorge*, que se baseia na amizade. Além disso, homens brasileiros apresentaram escores significativamente mais altos no estilo *Ludus* do que os homens italianos e do que as

mulheres brasileiras, fato que poderia estar relacionado ao estereótipo da permissividade sexual brasileira, sendo que na Itália não houve diferença de sexo significativa para este estilo. O estilo *Pragma* apresentou efeito de país, sendo que as mulheres tiveram escores significativamente mais altos do que os homens. Estas diferenças sexuais nos escores dos estilos *Pragma*, *Ludus* e *Agape* convergem com dados relatados de outras pesquisas americanas e interculturais (Hendrick & Hendrick, 1995, 2000; Sprecher et al, 1994; Sprecher & Toro-Morn, 2002).

Para os testes relacionados à satisfação total no relacionamento não ocorreram diferenças significativas de sexo ou país, e os índices foram bastante altos. As médias correspondentes à satisfação geral e à intimidade não apresentaram diferenças entre sexo e país, enquanto que as médias correspondentes ao amor, à confiança e ao comprometimento apresentaram apenas efeito de sexo. Para o amor e o comprometimento, as médias das mulheres foram significativamente superiores à dos homens, enquanto que para a confiança as médias dos homens foram significativamente superiores à das mulheres. Interessante notar que este fator confiança foi o único onde os homens apresentaram valores de escores mais altos do que as mulheres, fato sobre o qual pode ser levantada uma hipótese de que este fator seria de maior importância para os homens, apontando para a confiança no seu sucesso reprodutivo e certeza de paternidade.

O único teste relacionado à satisfação que apresentou interação entre sexo e país foi o referente à paixão. Observou-se somente efeito de sexo no Brasil e na Itália, sendo que as mulheres são as que apresentaram maiores médias e as diferenças entre os sexos são ainda maiores no Brasil.

A satisfação nos relacionamentos, românticos ou de qualquer outra natureza, é sempre uma questão de extrema importância, seja para a sua manutenção, ou para a sua ruptura, quando a relação não se apresenta saudável para o indivíduo. Alguns autores enfatizam a importância da empatia e da competência social como fatores de extrema importância para a manutenção da satisfação e longevidade nos diversos tipos de relacionamento (Barbosa, 2001; Davis e Oathout, 1987).

A natureza pode não ser tão previsível, e nem sempre muito organizada, portanto, fica difícil falar de relações ou conclusões definitivas no campo do amor romântico. Acredito que sempre surgirão surpresas, exceções, contrastes, os quais, sem dúvida alguma, nos fazem fervilhar de curiosidade e de emoções das mais

diversas ao nos depararmos, seja com diferentes pesquisas, seja com o próprio sentimento em questão.

Torna-se cada vez mais claro que as diversas teorias deveriam buscar uma interação nas explicações do complexo comportamento romântico humano, que mereceria ser observado e compreendido como ponto de conjunção de diversos aspectos evolucionistas, sociais e pessoais.

Acredito que o que mais enaltece, singulariza e diferencia este trabalho dos demais se refere ao fato de que ele relata importantes aspectos de uma população especial e diferenciada, tanto pela idade madura, quanto pelo momento de vida em que se encontra, sendo que nos numerosos estudos da literatura pertinente à essas questões, que não necessitam de citação por serem a maioria, é mais do que consenso a necessidade e a importância de pesquisas com outras populações que não sejam estudantes universitários, além da observação das diferenças culturais. Contudo, a continuidade deste trabalho apresenta-se essencial para que se possa compreender melhor a dinâmica, assim como a persistência ou descontinuidade dos aspectos estudados na vida dos casais após o matrimônio, podendo-se, então, desse modo, alcançar uma compreensão bem mais ampla de todo o contexto, inclusive para importantes aplicações clínicas para o trabalho com casais.

Ainda sobre o foco na população estudada e na variável idade, que na maioria dos estudos descritos na literatura acaba sendo centralizada em universitários com idade entre 18 e 24 anos, as quais limitam bastante a generalização, o entendimento da relação de casais mais maduros, os aspectos envolvidos, as necessidades, produzindo assim poucos avanços no campo de trabalho clínico e de pesquisa com a população, de 25 a 50 anos ou mais, que constitui o universo do presente trabalho.

Concluindo, os resultados desta pesquisa apresentam relevantes implicações teóricas e práticas (ou clínicas), mais especificamente ligadas ao relacionamento do casal, sendo que muitas das variáveis estudadas envolvem o potencial do ser humano em se relacionar com os outros, desenvolver e dar continuidade a laços profundos, e quando isso não ocorre ou é bloqueado por alguma razão, podem ser geradas dificuldades adaptativas (Bartholomew, 1990; Schachner & Shaver, 2004). Desta forma, o fato de conhecer o apego romântico e outros fatores envolvidos no relacionamento de um casal pode nos dizer muito sobre a essência da relação amorosa, e, assim, nos auxiliar no aspecto clínico de compreensão e reconstrução dos

laços existentes, que afetam todos os relacionamentos de uma pessoa, românticos ou não. Partindo deste tema, pesquisas sobre relacionamentos íntimos são consideradas uma fonte de extrema importância para psicoterapeutas, em especial àqueles que trabalham com famílias e casais (Hazan, 2003; Hendrick, 2004).

Uma outra dificuldade, que este trabalho tende a superar através de um contato posterior com os casais (somente os italianos, infelizmente, devido ao fornecimento de dados para contato), refere-se à realização de pesquisas longitudinais, que possam acompanhar e avaliar mudanças no relacionamento através do tempo, independente da dificuldade prática de contato, do tempo necessário, e das dificuldades relacionadas ao sigilo de nomes que envolvem os participantes de pesquisas neste campo. Dessa forma, poderão ser observados de forma mais detalhada alguns mecanismos proximais (sociais, psicológicos, comportamentais) envolvidos na continuidade do relacionamento, visto que, embora os aspectos evolucionários verificados neste trabalho sejam amplamente atestados na literatura da psicologia evolucionista, continua sendo necessário o desenvolvimento de pesquisas mais esclarecedoras no que se refere às diferenças sexuais. Além disso, a maioria dos resultados na literatura refere-se à população norte-americana, com poucos dados sobre sul-americanos, europeus, asiáticos, dentre outros, que também deveriam estar presentes em estudos clínicos e pesquisas desta área.

Ainda gostaria de colocar um outro aspecto interessante que poderia ser observado e desenvolvido como tema em futuros trabalhos semelhantes a este, porém, com casais do mesmo sexo que optam pelo casamento, que poderiam ser realizados em países que já reconhecem e realizam a união civil para pessoas do mesmo sexo, como acontece na Espanha e em alguns estados norte-americanos.

Poderíamos supor que o desenvolvimento dos afetos visaria primordialmente a atender ao imperativo reprodutivo ou às exigências sociais? Acredito que tais interpretações seriam consideradas reducionistas, se não levassem em consideração as múltiplas conexões e redes de influências entre as variáveis representadas neste trabalho: cultura, comportamento masculino e feminino, evolução, além das escolhas pessoais. O imperativo reprodutivo não pode ser considerado a única ou principal razão do comportamento sexual humano, nem tampouco a cultura e a sociedade. A minha tentativa foi a de compreender o comportamento romântico de casais heterossexuais estáveis concedendo importância aos níveis biológico,

comportamental, cultural, pessoal e evolutivo, enfocando a pessoa num ecossistema diversificado. Passa a ser então um exercício bastante interessante dar continuidade à tentativa de compreender determinados aspectos do desenvolvimento e do comportamento romântico sob esse prisma mais abrangente.

Diferenças entre homens e mulheres, sejam elas biológicas, afetivas, psicológicas, culturais, fazem com que não compartilhem as mesmas experiências, desejos, fantasias, preocupações. Elas existem e, provavelmente, continuarão existindo, sendo preciosas e fazendo parte daquilo que constitui a humanidade. Este estudo contribui para um maior conhecimento das diferenças sexuais e culturais relacionadas às diferentes crenças, atitudes e comportamentos envolvidos nos relacionamentos românticos; porém, ainda é limitado, dada a necessidade de continuidade para que seja possível examinar passíveis mudanças.

A presença do romantismo e do *Eros* como amor praticamente universal pode ser observada nas duas culturas referidas neste estudo. Tenho a desconfiança de que, provavelmente, o seria em outras, caso replicássemos o mesmo estudo. Em relação às diferenças de atitude frente à atividade sexual e outras questões, apesar das tendências modernas no sentido de igualitarismo e permissividade (morar juntos antes do casamento, sexo imediato, divisão de despesas, iniciativa feminina), ainda observa-se bastante a presença dos papéis tradicionais ao longo dos séculos segundo uma visão culturalista (Mead, 1971; Simon & Gagnon, 1999) ou uma visão evolucionista de macho e fêmea (Fisher, 1995, 2004; Buss, 1990, 1993).

A experiência de cada indivíduo e o quanto cada comportamento é permitido em cada cultura irá sempre afetar a maneira como cada um se comporta e expressa suas emoções, integrando assim diversos vetores. Com a difusão de diferentes idéias e as mudanças ocorridas neste século, as pessoas acabam se deparando com um campo de opções muito grande, o que pode facilitar ou atrapalhar a busca de um parceiro e da “verdadeira felicidade”, tanto para homens como para mulheres.

Todos os dados apresentados e avaliados neste trabalho parecem relacionados a comportamentos e atitudes que demonstram uma relação entre as explicações evolucionistas e os aspectos culturais e pessoais. Ao buscar uma compreensão mais profunda dos aspectos do comportamento humano, damos-nos conta de que algo mais está por detrás (ou adiante) da matriz biológica, que pode ter deixado de servir

exclusivamente ao imperativo reprodutivo e ao social, indo mais além, em busca de qualidade de vida, prazer, amor, paixão, dentre outras dimensões do “existir” que não apenas sobrevivência, continuidade da espécie e reprodução de papéis. Quando o argumento é o amor, sempre estarão em jogo múltiplos elementos que não cabem em uma única forma de expressão, por isso nos inquieta, pessoal e intelectualmente.

Muitos podem afirmar que somos escravos de nossos genes, da evolução, de nossas substâncias químicas, ou da cultura e suas variações. Nenhum desses aspectos pode ser negado, assim como também não podem ser aceitos categoricamente sem muitas discussões. Acredito em algo que deveria merecer uma observação contínua, nossa busca para viver profundamente e conquistar cada vez mais formas de continuar a vivenciar e de dar continuidade a esse tipo de amor discutido aqui, que é tão belo, embora não o único. É onde deve entrar a ciência e suas indagações constantes, quem sabe encontrando alternativas para a verdade poética, observando e buscando aspectos do relacionamento que contribuam para essa continuidade, que como sabemos, nem sempre estão presentes, pelo menos de forma transparente, no universo e no império romântico. Devemos caminhar com novas pesquisas visando estimular novas idéias e questionamentos que nos auxiliem a entender, exercitar e manter essa magia tão privilegiada, esse império tão belo, que poucos conseguem sentir, no corpo, na pele, na alma, por muito tempo, por uma mesma pessoa!

Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Alonso-Arbiol, I., Balluerka, N. & Shaver, P. R. (2007). A Spanish version of the Experience in Close Relationships (ECR) adult attachment questionnaire. *Personal Relationships*, 14, 45-63.
- Amélio, A. (2001) O Mapa do Amor: tudo o que você queria saber sobre o amor e ninguém sabia responder. São Paulo: Editora Gente.
- Attili, G. (2004). *Attaccamento e Amore*. Milano: Editrice Il Mulino.
- Baldaro Verde, J., & Todella, R. (2006). *Luci e ombre nella coppia di oggi*. Milano: Franco Angeli.
- Banase, R. (2004). Adult attachment and marital satisfaction: Evidence for dyadic configuration effects. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 273-282.
- Barber, N. (1995). The evolutionary psychology of physical attractiveness: Sexual selection and human morphology. *Ethology & Sociobiology* 16, 395-424.
- Barbosa, D. R. (2001). Relação entre mudanças de peso e competência social em dois adolescentes obesos durante intervenção clínica comportamental. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia: Universidade de São Paulo.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of Intimacy: An Attachment Perspective. *Journal of social and Personal relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles in young adults: A test of four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226- 244.
- Bartholomew, K. & Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment. Do they converge? In: J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds). *Attachment theory and close relationships*. (pp. 25-45). New York: Guilford Press.
- Beall, A. E. & Sternberg, R. J. (1995). The social construction of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 417-438.
- Beck, U., & Beck, G. E. (1996). *Il normale caos dell'amore*. Torino: Bollati Boringhieri Editore.
- Belsky, J. (1999). Modern evolutionary theory and patterns of attachment. In: J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 141-161). New York: Guilford Press.
- Bertonha, J. F. (1997). O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista 1922-1943. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 40, 106-30.
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction. critique sociale du jugement*. Paris: De Minuit.
- Bozon, M. (1998). Comportamento sexual em tempos de Aids: Mudanças ou adaptações? *Sexualidade-Gênero e Sociedade*, 9, 1-4.

- Bowlby, J. (1989). *Uma Base Segura – Aplicações Clínicas da Teoria do Apego*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Branden, N. A. (1988). Vision of romantic Love. In: R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds). *The Psychology of Love*. (pp. 218-231). New Haven: Yale University Press.
- Brennan, K. A., & Shaver, P. R. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 267-283.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-Report Measurement of Adult Attachment. In: J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds). *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford.
- Buss, M. D. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12, 1-49.
- Buss, M. D. (1994). *The evolution of desire: Strategies of human mating*. New York: Basic Books.
- Buss, M. D., et al (1990). International preferences in selecting mates. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21, 5-47.
- Buss, M.D. & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies Theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 2, 204-232.
- Bussab, V. S. R. (2002). Nas malhas do apego: Natureza, cultura e desenvolvimento humano. Em: Leite, S. A. S. (Org.). *Cultura, cognição e afetividade: A sociedade em movimento* (pp 11-25). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- Campos, L. de S. (1999). Diferenças sexuais em critérios de seleção de parceiros: uma leitura a partir do referencial da psicologia evolutiva. *Dissertação de Mestrado*, Instituto de Psicologia: Universidade de São Paulo.
- Campos, L. de S. (2005). Relacionamento amorosos de curta e longa duração: uma análise a partir de anúncios classificados. *Tese de Doutorado*, Instituto de Psicologia: Universidade de São Paulo.
- Canevacci, M. (1981). *Dialética do indivíduo – O indivíduo na natureza, história e cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Carvalho, A. M. A.(1998). Etologia e comportamento social. Em: L. Souza, M. F. Q. Freitas, & M. M. P. Rodrigues (Orgs). *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes* (pp.95-224). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- Cassidy, J. (1999). The nature of the child's Tiés. In: J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 3-20). New York: Guilford Press.
- Castells, M. (1999). O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: M. Castells. *O Poder da Identidade* (pp.169-285). São Paulo: Editora Paz e Terra, p. 169-285.
- Chung, M. C., Farmer, S., Grant, K. et al (2002). Self-esteem, personality and post traumatic stress symptoms following the dissolution of a dating relationship. *Stress and Health*, 18, 83-90.

- Cosmides, L., & Tooby, J. (2000). Evolucionary psychology and the emotions. In: M. Lewis, & J. Haviland (Eds). *Handbook of emotions*. New York: Guilford Press.
- Davis, M. H., & Oathout, A. H. (1987). Maintenance of satisfaction in romantic relationships: Empathy and relational competence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 397-410.
- Dong, Q., Weisfeld, G., Boardway, R., & Shen, J. (1996). Correlates of social status among Chinese adolescents. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 27, 476-493.
- Dussel, H. (1997). *Oito Ensaios sobre Cultura Latino-Americana e Liberação*. São Paulo: Editoras Paulinas.
- Feeney, J. A. (1999) Adult Romantic Attachment and Couple Relationships. In: J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds). *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press.
- Feeney, J. A., & Noller, P. (1992). Attachment style and romantic love: Relationship dissolution. *Australian Journal of Psychology*, 44, 69-74.
- Fehr, B., & Russell, J. A. (1991). The Concept of love viewed from a prototype perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 425-38.
- Fisher, H. E. (1995). *Anatomia do Amor*. Rio de janeiro: Editora Eureka.
- Fisher, H. E. (1998). Lust, attraction and attachment in mammalian reproduction. *Human Nature*, 9, 23-52.
- Fisher, H. E. (2004). *Why we love: the nature and chemistry of romantic love*. New York: Henry Holt and Company.
- Fisher, H., Aron, A., Mashek, D., Li, H., & Brown, L. L. (2002). Defining the brain systems of lust, romantic attraction and attachment. *Archives of Sexual Behavior*, 31, 413-419.
- Fletcher, G. J. O., Simpson, J. A., & Thomas, G. (2000). The measurement of perceived relationship quality components: A confirmatory factor analytic approach. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 340-354.
- Frazier, P. A., & Esterly, E. (1990). Correlates of relationship beliefs: Gender, relationship experience and relationship satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationship*, 7, 331-352.
- Gangestad, S. W, & Simpson, J. A. (2000). The evolution of human mating. Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences*, 234, 573-587.
- Goff, J. Le (1990). *A História Nova*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Grammer, K. (1990). Strangers meet: laughter and nonverbal signs of interest in opposite-sex encounters. *Journal of Nonverbal Behavior*, 14, 209-236.
- Gray, J. (1997). *Homens são de Marte, mulheres de Vênus*. São Paulo: Editora Rocco.
- Grimaldi, L. (2008). *Apego adulto e psicoterapia cognitivo-evolucionista*, Curso ministrado na Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia.

- Hatfield, E. (1988). Passionate and companionate love. In: R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of Love*. (pp.191-217). New Haven: Yale University Press.
- Hazan, C. (2003). The Essential Nature of Couple Relationships. *Attachment process in couple and family therapy*, 1, 43-63.
- Hazan, C. & Shaver, P. R. (1987) Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Hendrick, C. (2004). Close Relationships Research: A resource for couple and family therapists. *Journal of Marital and family Therapy*, 30, 13-27.
- Hendrick, C., & Hendrick S. (1986). A Theory and Method of Love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Hendrick, C., Hendrick, S., & Adler, N. L. (1988). Romantic Relationships: Love, satisfaction and staying together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 980-988.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1995). Gender differences and similarities in sex and love. *Personal Relationships*, 2, 55-65.
- Hendrick, C., Hendrick, S. S. & Dicke, A. (1998). The love attitudes scale: Short form. *Journal of Social and Personal relationships*, 15, 147-159.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (2000). Romantic love. In: C. Hendrick & S. S. Hendrick (Eds). *Close relationships: A sourcebook* (pp. 203-215). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Hildebrand, D. V. (2003). *Essenza dell'amore*. Milano: Bompiani Editore.
- Holmes, J. (1993). *John Bolwby and Attachment Theory*. London: Routledge.
- IBGE (2005). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Dados de registro civil*. Recuperado em 10 de outubro de 2006, de www.ibge.gov.br
- ISTAT (2005). Istituto Nazionale di Statistica. *I numeri dell'Italia*. Recuperado em 18 de janeiro de 2008, de www.istat.it
- ISTAT (2006). Istituto Nazionale di Statistica. *Divorzi e Matrimoni*. Recuperado em 21 de janeiro de 2008, de www.istat.it
- Jankowiak, W. R., & Fisher, E. F. (1992). A Cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, 31, 149-155.
- Juleff, L. (2003). *A Study of Romantic Relationships*. Recuperado em 05 de abril de 2008, de <http://clearinghouse.missouriwestern.edu/manuscripts/464.asp>.
- Kirkpatrick, L. A. (1999). Attachment and religious representations and behavior. In: J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds). *Handbook of Attachment* (pp. 803-822). New York: Guilford.

- Kobak, R. (1999). The emocional dynamics of disruptions in attachment relationships. In: J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds). *Handbook of Attachment* (pp 21-43). New York: Guilford.
- Latronico, A. C. (2005). Por que os homens são tão diferentes das mulheres? *Arq Bras Endocrinol Metab*, 49, 5-6, São Paulo.
- Lee J. A. (1988). Love-Styles. In: R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of Love*. (pp.38-67). New Haven: Yale University Press.
- Levine, R., Sato, S., Hashimoto, T., & Verma, J. (1995). Love and marriage in eleven cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 26, 554-571.
- Levy, M. S. F. (1974). O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). *Revista de Saúde Pública*, 8, 49-90.
- Linton, R. (1981). *O Homem – Uma Introdução a Antropologia*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Marazziti, D., Akiskal, H. S., Rossi, A., & Cassano, G. B. (1999). Alteration of the platelet serotonin transporter in romantic love. *Psychological medicine*, 29, 741-45.
- Marazziti, D., Albanese, F., Catena, M., et al (2005). Relazione tra attaccamento e psicopatologia. Dati preliminari in un campione di pazienti ambulatoriali. *Psichiatria e Psicoterapia*, 24, 1-8.
- Martinetti, P. (1998). *L'Amore*. Genova: Editore Il nuovo melangolo.
- Masuda, M. (2003). Meta-Analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45, 25-37.
- Mazur, A., & Booth, A. (1998). Testosterone and dominance in men. *Behavioral Brain Sciences*, 21, 353-397.
- Mead, M. (1971). *Macho e Fêmea*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Melfi, B. (2003) Il matrimonio nel mondo greco-romano. *Rivista Aruspice On-line*. Recuperado em 10 de maio de 2007, de <http://www.gatc.it/ritagli/ritagli-aruspice.htm>.
- Mellen, S. L. W. (1981). *The Evolution of Love*. San Francisco: Freeman.
- Mello, S. L. (1994). Pensando o Cotidiano em Ciências Sociais. *Cadernos CERU*, 5, 23-31.
- Michel, R. T., Gagnon, J. H., Laumann, E. O., & Kolata, G. (1995). *Sex in America*. New York: Warner Books.
- Morrow, G. D., Clark, E. M., & Brock, K. F. (1995). Individual and partner love styles: Implications for the quality of romantic involvements. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 363-87.
- Moscovici, S. (1976). A representação social: Um conceito perdido. In: S. Moscovici (Org.). *A representação social da psicanálise* (pp. 41-81). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2003). The Attachment behavioral system in adulthood: Activation, psychodynamics, and interpersonal process. In: M. P. Zanna (Ed). *Advances in experimental social psychology* (pp.53-152). New York: Academic Press.
- Oraison, M. (1966). *Le Mystère Humain de la Sexualité*. Bordeaux : Editions du Seuil.
- Otta, E., & Queiroz, R. S. (1998). Sexualidade Humana numa perspectiva interdisciplinar. Em: L. Souza, M. F. Q. Freitas, & M. M. P. Rodrigues (Orgs.). *Psicologia: Reflexões (im)pertinentes* (pp.225-246). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- Otta, E., Queiroz, R. S., Campos, L. S., Silva, M. W. D., & Silveira, M. T. (1999). Age Differences Between Spouses in a Brazilian Marriage Sample. *Evolution and Human Behavior*, 20, 99-103.
- Pawlowski B., & Dunbar, R. I. (1999). Impact of market value on human mate choice decisions. *Proc R Soc Lond B Biol Sci*, 266, 281-285.
- Peck, M. S. (1992). Os perplexos e os Facilitadores. In: R. C. Solomon (Org.). *O Amor* (pp.17-25). São Paulo: Editora Saraiva.
- Pease, A. & Pease, B. (2000). *Por que homens fazem sexo, e as mulheres fazem amor*. Rio de Janeiro: Editora Sextante.
- Pease, A. & Pease, B. (2003). *Por que os homens mentem, e as mulheres choram*. Rio de Janeiro: Editora Sextante.
- Peele, S. (1988). Fools for Love: the Romantic Ideal, Psychological Theory and Addictive Love. In: R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of Love* (pp. 159-188). New Haven: Yale University Press.
- Queiroz, R. S., & Otta, E. (2000). A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: R. S. Queiroz (Org). *O corpo do brasileiro: Estudos de estética e beleza* (pp.13-66). São Paulo: Editora Senac.
- Rubin, Z. (1988). Toward a science of relationship. *Contemporary Psychology*, 29, 856-858.
- Rubin, Z., Peplau, L., & Hill, C. (1981). Loving and leaving: Sex differences in romantic attachments. *Sex Roles*, 7, 821-835.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and sexual motives. *Personal relationships*, 11, 179-195.
- Scharfe, E. & Bartholomew, K. (1994). Reliability and stability of adult attachment patterns. *Personal relationships*, 1, 23-43.
- Scheroki, F. (2004). Um estudo das relações entre apego e índices de depressão e fobia numa população evangélica. *Tese de Doutorado*. Instituto de Psicologia: Universidade de São Paulo.
- Schiavone, M. (1965). *Il problema dell'amore nel mondo greco*. Milano: Marzorati Editore

- Schmitt, D. P., et al. (2003). Are men universally more dismissing than woman? Gender differences in romantic attachment across 62 cultures. *Personal Relationships*, 10, 307-331.
- Schmitt, D. P., et al. (2004). Patterns and universals of adult romantic attachment across 62 cultural regions: Are models of self and of other pancultural constructs? *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 35, 367-402.
- Schmitt, D. (2007). *Gender differences in romantic attachment across cultures and generations: A 56-nation study*. Presented in the Conference Generations of Relationships and Relationships across generations, Melbourne, Australia.
- Schoepflin, M. (1999). *L'amore secondo i filosofi*. Roma: Città Nuova Editrice.
- Scott, J. (1990). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, 15, 5-22.
- Simmel, G. (2001). *Filosofia dell' amore*. Roma: Donzelli Editore.
- Simon, W., & Gagnon, J. H. (1999). Sexual Scripts. In: R. Parker, & P. Aggleton (Eds). *Culture, Society and Sexuality-A Reader* (pp.29-38). UK: UCL Press.
- Simpson, J. A., & Rholes, W. S. (Eds). (1998). Attachment theory and close relationships. New York: Guilford.
- Simpson, J. A. (1990). Influences of attachment style on romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 971-980.
- Small, D. M., Zatorre, R. J., Dagher, A., Evans, A. C., & Jones-Gotman, M. (2001). Changes in brain activity related to eating chocolate. *Brain*, 9, 1720-1733.
- Solomon, R. C. (1992). A Emoção Ilusória. In: R. C. Solomon (Org.). *O amor* (pp.29-40). São Paulo: Editora saraiva.
- Sprecher, S., Aron, A., Hatifield, E., Cortese, A., Potapova, E., & Levitskaya, A. (1994). Love: American style, Russian style, and Japanese style. *Personal Relationships*, 1, 349-369.
- Sprecher, S. & Metts, S. (1999). Romantic beliefs: Their influence on relationships and patterns of change over time. *Journal of Social and personal Relationships*, 16, 834-851.
- Sprecher, S., & Toro-Morn, M. (2002). A study of men and women from different sides of earth to determine if men are from Mars and women are from venus in their beliefs about love and romantic relationships. *Sex Roles*, 46, 131-147.
- Sternberg, R. J. (1986). A Triangular theory of Love. *Psychological Review*, 93, 119-35.
- Sternberg, R. J. and Barnes, M. L. (Eds). (1988). *The psychology of love*. New Haven: Yale University Press.

- Tanzi, C. (1996). *Siamo tutti oriundi! A presença italiana no Brasil*. São Paulo: Parmalat.
- Taraban, C. B., & Hendrick, C. (1995). Personality perceptions associated with six styles of love. *Journal of Social and Personal relationships*, 12, 453-461.
- Tolhuizen, J. H. (1989). Communication strategies for intensifying dating relationships: Identification, use and structure. *Journal of Social and Personal relationships*, 6, 413-434.
- Tomasello, M., Kruger, A. C., & Ratner, H. H. (1993). Cultural Learning. *Behavioral and Brain Sciences*, 16, 495-552.
- Tooby, J., & Cosmides, L. (1987). Evolucionary psychology and the generation of culture. *Ethology and Sociobiology*, 10, 29-49.
- Trivers, R. (1972) Parental investment and sexual selection. In: B. Campbell (Ed). *Sexual selection and the descent of man*. (pp.136-179). Chicago: Aldine-Atherton.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In: C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde, & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle*. (pp.66-76). London: Travistock/Routledge.
- Woortmann, E. F. (1995). *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo-Brasília: Editoras Hucitec e Edunb.
- Yancey, G., & Berglass, S. (1991). Love styles and life satisfaction. *Psychological Reports*, 68, 883-890.
- Yancey, G., & Eastman, R. L. (1995). Comparison of undergraduates with older adults on love styles and life satisfaction. *Psychological Reports*, 76, 1211-1218.

Anexo I

Estamos realizando uma pesquisa científica sobre o amor, no Brasil e na Itália, que é parte da tese de doutorado da psicóloga Debora Regina Barbosa, do departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP. Gostaríamos muito que você nos desse a sua opinião sobre o assunto! Não é necessária a sua identificação pessoal. Todos os dados obtidos são sigilosos e confidenciais, mantendo o anonimato de cada participante, pois o que interessa para a pesquisa são os dados dos grupos como um todo. A sua participação é voluntária e anônima! Diversos cartórios na cidade de São Paulo e na Itália também participarão da pesquisa. Estamos interessados na opinião de casais prestes a contrair o matrimônio. A pesquisa pede que você avalie diversas questões que abordam diferentes aspectos do relacionamento amoroso. Tudo deve levar aproximadamente 10 a 15 minutos. Seja o mais sincero(a) possível para que os resultados possam refletir a realidade atual do tema. Responda o questionário individualmente. Estamos interessados em saber o que você **SENTE** a respeito. Não existem respostas certas ou erradas! Não deixe de responder a nenhuma questão! Caso você tenha interesse em entrar em contato com a pesquisadora, poderá utilizar o email: **debbbarbo@usp.br**

INSTRUÇÕES: Por favor, agora indique o grau que cada uma das 4 afirmativas abaixo descrevem você. Escolha um valor **de 1 a 7**, sendo que:

1 = menor valor = não descreve você em nada = não tem nada a ver com você

7 = maior valor = descreve você totalmente = tem tudo a ver com você

1. É fácil para mim tornar-me emocionalmente próximo(a) dos outros. Eu fico confortável dependendo dos outros e tendo outros dependendo de mim. Eu não me preocupo em ficar sozinho(a) ou não ser aceito(a) pelos outros.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

2. Eu fico confortável sem relacionamentos emocionais próximos. É muito importante para mim sentir-me independente e auto-suficiente, e eu prefiro não depender dos outros ou ter outros dependendo de mim.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

3. Eu quero estar completamente íntimo(a) emocionalmente dos outros, mas eu acho que os outros são resistentes em ficar tão próximos quanto eu gostaria. Eu fico desconfortável sem relacionamentos próximos, mas algumas vezes me incomoda os outros não me valorizarem tanto quanto eu os valorizo.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

4. Eu fico desconfortável ao me aproximar dos outros. Eu quero ter relacionamentos emocionalmente próximos, mas acho difícil confiar completamente nos outros ou depender deles. Eu fico preocupado(a) de me “machucar” se me permito estar muito próximo(a) dos outros.

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

INSTRUÇÕES: Diga se você **concorda (sim)** ou **discorda (não)** com cada uma das 7 afirmativas abaixo, colocando um X no parênteses que indica sua resposta:

1. O tipo de amor que nos deixa “de pernas para o ar”, representado nos filmes e romances, existe na vida real.

() Sim () Não

2. O amor romântico intenso é comum no início de relacionamento, mas raramente dura para sempre.

() Sim () Não

3. Os sentimentos românticos aumentam e diminuem ao longo de um relacionamento, mas às vezes eles podem ser tão intensos quanto no início.

() Sim () Não

4. Em alguns relacionamentos, o amor romântico realmente dura; ele não se extingue com o passar do tempo.

() Sim () Não

5. A maioria de nós pode se apaixonar por várias pessoas; não existe “um amor verdadeiro” que tenha um significado único.

() Sim () Não

6. É fácil apaixonar-se. Frequentemente eu me sinto começando a amar alguém.

() Sim () Não

7. É raro encontrar alguém por quem você possa realmente se apaixonar.

() Sim () Não

=====####=====

INSTRUÇÕES: Responda as questões abaixo imaginando o seu parceiro(a) atual. Para cada uma das 24 afirmações abaixo existe uma escala numérica que varia de 1 a 5. Escolha, entre 1 e 5, manifestando o seu grau de discordância ou concordância com cada uma delas.:

- 1 = Você discorda FORTEMENTE da afirmação.
 2 = Você discorda MODERADAMENTE da afirmação.
 3 = Você nem discorda nem concorda com a afirmação (NEUTRO).
 4 = Você concorda MODERADAMENTE com a afirmação.
 5 = Você concorda FORTEMENTE com a afirmação.

1- Quando meu parceiro(a) não presta atenção em mim eu me sinto muito mal.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

2- Meu parceiro(a) e eu temos a química certa entre nós.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

3- Meu parceiro(a) poderia ficar chateado(a) se ele/ela soubesse algumas coisas que tenho feito com outras pessoas.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

4- O nosso amor é do melhor tipo porque se desenvolveu a partir de uma longa amizade.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

5- Eu não consigo relaxar se suspeito que meu parceiro(a) está com outra(o).

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

6- Eu sinto que meu parceiro(a) e eu fomos feitos um para o outro.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

7- Eu gosto de jogar o "jogo do amor" com meu parceiro(a) e com outros parceiros(as).

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

8- A principal consideração na escolha de um(a) parceiro(a) é como ele/ela será encarado pela minha família.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

9- As vezes, quando meu parceiro(a) me ignora, eu faço besteiras para tentar conseguir sua atenção novamente.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

10- Com o decorrer do tempo a nossa amizade se transformou gradualmente em amor.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

11- Um fator importante na escolha do(a) parceiro(a) é se ele(ela) seria um bom pai(mãe).

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

12- Meu parceiro(a) e eu realmente entendemos um ao outro.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
 fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

13- Uma consideração na escolha do parceiro(a) é como ele(ela) afetaria a minha carreira.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo

fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

14- Eu preferiria sofrer a deixar o meu parceiro(a) sofrer.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

15- Antes de me tornar muito envolvida(o) com meu parceiro(a) eu tentei imaginar quão compatíveis seriam as nossas características hereditárias para o caso de termos filhos.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

16- Meu parceiro(a) corresponde ao meu padrão ideal de beleza.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

17- Para eu ser feliz tenho que colocar a felicidade do meu parceiro(a) antes da minha.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

18- Eu geralmente estou disposta(o) a sacrificar meus próprios desejos para que meu parceiro(a) realize os dele(a).

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

19- Eu acredito que aquilo que meu parceiro(a) não sabe sobre mim não vai machucá-lo(a).

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

20- O nosso relacionamento é dos mais felizes porque se desenvolveu a partir de uma boa amizade.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

21- Algumas vezes, eu precisei tomar certos cuidados para impedir que meu parceiro(a) soubesse de outros amores.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

22- O nosso amor é realmente uma amizade profunda, não uma emoção misteriosa e mística.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

23- Desde quando me apaixonei pelo meu parceiro(a) eu sinto dificuldade para me concentrar em qualquer outra coisa.

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

24- Eu suportaria tudo pelo meu parceiro(a).

Discordo /-----/-----/-----/-----/ Concordo
fortemente 1 2 3 4 5 fortemente

Instruções: Pensando no seu relacionamento atual e no seu parceiro(a), por favor, indique como você se sente em relação a cada questão imaginando um **valor numérico que varia de 1 a 7**, sendo que:

1 = valor mínimo

7 = valor máximo.

1) Quanto você está **satisfeito** com o seu relacionamento?

1 2 3 4 5 6 7

2) Quanto você está **comprometido** no seu relacionamento?

1 2 3 4 5 6 7

3) Quão **íntimo** é o seu relacionamento?

1 2 3 4 5 6 7

4) Quanto você **confia** no seu parceiro?

1 2 3 4 5 6 7

5) Quão **apaixonado** é o seu relacionamento?

1 2 3 4 5 6 7

6) Quanto você **ama** o seu parceiro?

1 2 3 4 5 6 7

DADOS COMPLEMENTARES

Idade: _____ **Estado civil:** () solteiro(a) () divorciado(a) () viúvo(a)

Sexo: () masculino () feminino

Raça: () branco () negro () mulato () asiático () outra : _____.

Religião: _____.

Escolaridade: () 1º grau () 2º grau completo () curso profissionalizante () curso superior completo () pós-graduação

Renda mensal aproximada: _____.

Como conheceu seu parceiro(a)? () bar/discoteca/restaurante () amigos () internet () agência de encontros () trabalho () outros. Especifique: _____

Há quanto tempo vocês estão juntos? _____

Vocês já moram juntos? () não () sim. Há quanto tempo? _____.

Quem tomou a iniciativa para o primeiro encontro de vocês? () homem () mulher

Quantos encontros (**em número**) vocês tiveram, aproximadamente, antes da primeira relação sexual?
_____.

Quanto **tempo**, aproximadamente, desde que se conheceram, vocês esperaram até a primeira relação sexual? _____.

De um modo geral, durante o período de namoro/noivado de vocês, em relação às despesas do casal (passeios, jantares, viagens, etc):

- () Homem assume praticamente tudo.
- () Homem assume a maior parte.
- () As despesas são sempre divididas igualmente.
- () Mulher assume a maior parte.
- () Mulher assume praticamente tudo.

Diga, **em poucas palavras**, como você acha que são os **italianos/brasileiros** em relação ao comportamento afetivo/romântico?

MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!!! :-)

ANEXO 2 – MODELOS ESTATÍSTICOS UTILIZADOS

Modelo 1: Modelo Linear Gaussiano para Medidas Repetidas

Considere a variável Y_{ijk} correspondente à nota do indivíduo do país i ($i = 1: \text{Brasil}, i = 2: \text{Itália}$), sexo j ($j = 1: \text{Masculino}, j = 2: \text{Feminino}$) e casal k , com $k = 1, \dots, n_i$ e $n_1 = 117$ e $n_2 = 164$, referentes à quantidade de casais coletados nos respectivos países. O Modelo Linear Gaussiano para a resposta de cada casal é dada por:

$$Y_{ijk} = \begin{pmatrix} Y_{i1k} \\ Y_{i2k} \end{pmatrix} \sim N \left[\mu = \begin{pmatrix} \mu_{i1} \\ \mu_{i2} \end{pmatrix}, \Sigma = \begin{pmatrix} \sigma_1^2 & \sigma_{12} \\ \sigma_{12} & \sigma_2^2 \end{pmatrix} \right]$$

com Y_{ijk} independentes para $i = 1, 2$ e $k = 1, \dots, n_i$.

No modelo definido acima, foram consideradas as estruturas de covariância não estruturadas (como a Σ dada) e homocedástica (com $\sigma_1^2 = \sigma_2^2$). A estrutura homocedástica foi escolhida por minimizar os critérios de informação de Akaike e Bayesiano, como observa-se para as variáveis que se referem aos Estilos de Amor.

Os modelos propostos foram ajustados utilizando-se o PROC Mixed do software SAS.

Ajustou-se o modelo saturado com efeitos de interação entre sexo e país e efeitos principais de sexo e país sobre a variável resposta média da nota para cada estilo de amor.

Em primeiro lugar, foi realizado o teste de efeito de interação entre sexo e país. Na ausência desse efeito, o modelo foi reduzido retirando-se o efeito de interação, e foram testados os efeitos principais de sexo e país. Em caso de efeito significativo de interação, foram realizados os testes de efeito de sexo sobre a resposta média em cada país e efeito de país para cada sexo.

No caso de níveis de significância descritivos com $p < 0,10$ para os testes de efeito de interação entre sexo e país, tais efeitos foram considerados significativos, tanto por apresentarem gráficos que demonstravam efeitos de interação relevante, quanto pela posterior verificação de efeitos de sexo diferentes para cada país e efeitos diferentes de país para cada sexo.

As suposições de normalidade e homocedasticidade foram sempre checadas.

Modelo 2: Modelo de Dados Categorizados

Para variáveis categorizadas ou variáveis discretas, foi proposto um modelo baseado na distribuição Multinomial.

Consideremos uma variável quantitativa discreta que assume os valores 1, 2 ou 3. Para uma amostra aleatória de n unidades amostrais, o vetor de frequências (X_1, X_2, X_3) de cada categoria tem distribuição Multinomial $(n, (p_1, p_2, p_3))$ com $0 \leq p_i \leq 1$, $i = 1, 2, 3$ e $\sum_{i=1}^3 p_i = 1$.

Nas análises consideradas nesse trabalho, tem-se notas que correspondem a valores inteiros de 1 a 7. Nesse caso, tem-se para cada casal a nota do homem e da mulher, sendo que cada nota varia de 1 a 7. Logo, para o vetor de frequência de notas de cada casal, tem-se uma distribuição multinomial $(n, (p_1, \dots, p_9))$, com n igual ao número de casais entrevistados, $0 \leq p_i \leq 1$, $i = 1, \dots, 9$ e $\sum_{i=1}^9 p_i = 1$. Como serão consideradas amostras de casais do Brasil e da Itália, tem-se um modelo para as frequências com distribuição, produto de duas distribuições multinomiais devido à independência das amostras dos dois países.

Seja X_{ij}^p a frequência da nota ij , com $i, j = 1, \dots, 3$, no país p , com $p = 1$: *Brasil* e $p = 2$: *Itália*, em uma amostra de n_p casais:

$$\begin{pmatrix} X_{1,1}^1 \\ \vdots \\ X_{3,3}^1 \\ X_{1,1}^2 \\ \vdots \\ X_{3,3}^2 \end{pmatrix} \sim Mult(n_1, (p_{1,1}^1, \dots, p_{3,3}^1)) \times Mult(n_2, (p_{1,1}^2, \dots, p_{3,3}^2))$$

Tem-se como objetivo comparar as respostas médias nos dois sexos e nos dois países. As respostas médias podem ser escritas como:

$$\begin{matrix} & \text{Feminino} \\ \text{Masculino} & \begin{pmatrix} p_{11}^p & p_{12}^p & p_{13}^p \\ p_{21}^p & p_{22}^p & p_{23}^p \\ p_{31}^p & p_{32}^p & p_{33}^p \end{pmatrix} \end{matrix}$$

$$Ap^p = \begin{pmatrix} 1 & 1 & 1 & 2 & 2 & 2 & 3 & 3 & 3 \\ 1 & 2 & 3 & 1 & 2 & 3 & 1 & 2 & 3 \end{pmatrix} \times \begin{pmatrix} p_{11}^p \\ p_{12}^p \\ p_{13}^p \\ p_{21}^p \\ p_{22}^p \\ p_{23}^p \\ p_{31}^p \\ p_{32}^p \\ p_{33}^p \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} \text{nota média masculina} \\ \text{nota média feminina} \end{pmatrix}$$

Desse modo, tem-se:

$$Ap = \begin{pmatrix} \text{nota média masculina Brasil} \\ \text{nota média feminina Brasil} \\ \text{nota média masculina Itália} \\ \text{nota média feminina Itália} \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} \mu_M^{Br} \\ \mu_F^{Br} \\ \mu_M^{It} \\ \mu_F^{It} \end{pmatrix}$$

Após o ajuste desse modelo utilizando o PROC CATMOD do software SAS é realizado o teste de efeito de interação entre sexo e país sobre a resposta média. As hipóteses são dadas por:

$$H_0 : \mu_M^{Br} - \mu_F^{Br} = \mu_M^{It} - \mu_F^{It}$$

$$H_1 : c.c$$

Em caso de ausência de efeito significativo de interação, o modelo é reduzido e são testados os efeitos de sexo e de país. Já quando existe efeito significativo de interação, foram realizados os testes de efeito de sexo sobre a resposta média em cada país e efeito de país para cada sexo.

Mais detalhes sobre modelos para dados categorizados podem ser encontrados em Paulino e Singer (2006), Agresti (2002) e Stokes (2000).

ANEXO 3 – Cartórios ou órgãos correspondentes onde foi realizada a coleta de dados

Brasil – São Paulo

- Cartório de Registro Civil, 13º subdistrito, situado na Avenida Dr. Vital Brasil, 325, no bairro Butantã, São Paulo.
- Cartório de Registro Civil, 24º subdistrito, situado na Avenida dos Eucaliptos, 679, no bairro de Moema, São Paulo.

Itália – Roma

- Ufficio Matrimonio, município IV, situado na Via Monte Roccheta, 10/14, no bairro Montesacro, Roma.
- Ufficio Matrimonio, município II, situado na Via Dire Daua, 11, no bairro Africano, Roma.